

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
CENTRO DE PESQUISAS AGGEU MAGALHÃES  
DOUTORADO EM SAÚDE PÚBLICA

Alice Kelly Barreira

**VIOLÊNCIA FÍSICA E PSICOLÓGICA ENTRE NAMORADOS ADOLESCENTES  
DO RECIFE: prevalência, co-ocorrência, cronicidade,  
fatores associados e direcionalidade**

RECIFE  
2012

ALICE KELLY BARREIRA

VIOLÊNCIA FÍSICA E PSICOLÓGICA ENTRE NAMORADOS ADOLESCENTES DO  
RECIFE: prevalência, co-ocorrência, cronicidade, fatores associados e direcionalidade

Tese apresentada ao Programa de Saúde Pública  
do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães da  
Fundação Oswaldo Cruz para obtenção do grau de  
doutor em Ciências.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Luiza Carvalho de Lima

RECIFE

2012

**Catálogo na fonte: Biblioteca do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães**

---

- B271v Barreira, Alice Kelly.  
Violência física e psicológica entre namorados adolescentes do Recife: prevalência, co-ocorrência, cronicidade, fatores associados e direcionalidade / Alice Kelly Barreira. - Recife: s.n, 2012.  
131 p.: ilus., graf., tab., 30 cm.
- Tese (doutorado) - Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz  
Orientadora: Maria Luiza Carvalho de Lima.
- 1.Violência – estatística e dados numéricos.  
2.Adolescentes. 3.Relações interpessoais.  
4.Identity de gênero. 5.Prevalência. 6.Fatores de Risco. I. Lima, Maria Luiza Carvalho de. II. Título.

---

CDU 316.624

ALICE KELLY BARREIRA

VIOLÊNCIA FÍSICA E PSICOLÓGICA ENTRE NAMORADOS ADOLESCENTES DO  
RECIFE: prevalência, co-ocorrência, cronicidade, fatores associados e direcionalidade

Tese apresentada ao Programa de Saúde Pública  
do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães da  
Fundação Oswaldo Cruz para obtenção do grau de  
doutor em Ciências.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

---

Profa. Dra. Maria Cynthia Braga  
Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães/Fiocruz

---

Profa. Dra. Maria Luiza Carvalho de Lima  
Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães/Fiocruz

---

Profa. Dra. Maria Luiza Lopes Timóteo de Lima  
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

---

Profa. Dra. Marluce Tavares de Oliveira  
Universidade de Pernambuco – UPE

---

Prof. Dr. Rafael da Silveira Moreira  
Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães/Fiocruz

A Paulo e Theo.

## AGRADECIMENTOS

Uma produção científica não é solitária em todos os momentos de sua construção. Ela envolve colaboradores que possibilitam o seu enriquecimento e o seu avanço em diferentes etapas do trabalho.

A todas as pessoas que de alguma forma contribuíram na minha tese, meus agradecimentos: a Professora Doutora Maria Luiza Carvalho de Lima, por ter me recebido e orientado com plena disponibilidade, grande generosidade em dividir conhecimentos e oportunidades, e pela brilhante condução de todo o processo de construção dessa tese; os Professores Doutores Marc Bigras, Simone Gonçalves Assis, Joviana Quintes Avanci, Kathie Njaine, que enriqueceram os artigos com suas valiosas sugestões; os Professores Doutores Giliat Falbo e Cynthia Braga, pelas contribuições no momento do exame de qualificação; o Professor Doutor Wayner Vieira de Souza e o colega Fernando Moreira que ajudaram na análise estatística; a Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco, que autorizou e colaborou com a realização desta pesquisa; os diretores, coordenadores e professores das escolas que colaboraram, com muita presteza, no momento da coleta de dados, viabilizando a proposta de investigação; os adolescentes que com muita tranquilidade e alegria aceitaram relatar suas experiências; a diretoria do Cisam e Maria Cristina Marques de Aguiar, pelo incentivo à busca da qualificação e todo o apoio dispensado no decorrer desta formação; Paula Valença, Sara Grinfeld, Geraldo Bosco, Kátia Botelho e Valéria Maranhão, estimados mestres e amigos, pelo apoio e compreensão nas ocasiões em que estive mais ocupada; os colegas do Laboratório de Estudos em Violência e Saúde que colaboraram na pesquisa e no desenvolvimento do trabalho; Maria Luiza Lopes Timóteo de Lima, colega do doutorado e amiga, pela ajuda em vários momentos do trabalho; Paulo Veras, meu esposo, e Maria Emília Kelly, minha mãe, pela ajuda e paciência nos períodos de maior tensão e necessidade de apoio; e todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

Por fim, agradeço a toda equipe do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães que me recebeu e deu apoio para o desenvolvimento da tese.

BARREIRA, Alice Kelly. **Violência física e psicológica entre namorados adolescentes do Recife: prevalência, co-ocorrência, cronicidade, fatores associados e direcionalidade.** 2012. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, Recife, 2012.

## RESUMO

O objetivo do estudo foi analisar a violência física e psicológica entre namorados adolescentes escolares do Recife, com relação à co-ocorrência, cronicidade e fatores associados, além de padrões de direcionalidade. A população de estudo foi constituída por adolescentes de escolas públicas e particulares, com idade entre 15 e 19 anos. A amostra foi probabilística, em dois estágios, composta por 355 adolescentes escolares, dos quais 302 tiveram algum relacionamento amoroso no último ano. Foi utilizada a escala *Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory*. Foram realizadas análise univariada e regressão logística e todas as análises estatísticas incorporaram o peso amostral e o desenho da amostra complexa. A prevalência de violência física foi de 19,9%, de 82,8% para violência psicológica e de 18,9% para a co-ocorrência de violência física e psicológica. Os adolescentes que vivenciaram violência na comunidade e em relacionamentos de mais de um ano de duração apresentaram maiores chances de perpetrar violência psicológica. Enquanto, sofrer violência física do pai, entre irmãos e em namoros anteriores, além de ter perpetrado violência verbal em relacionamentos anteriores, tiveram associação com a co-ocorrência de violência física e psicológica. A violência física crônica foi de 48,3%, e mostrou associação com: violência entre irmãos, aceitação da violência masculina no namoro, perpetração de violência verbal em relacionamentos anteriores, e relacionamentos mais duradouros. A violência é bidirecional na maioria das formas estudadas. Conclui-se que: a violência psicológica e a co-ocorrência de violência física e psicológica possuem uma dinâmica distinta da violência física no namoro; a violência crônica deve ser diferenciada de eventos que ocorrem isoladamente; e a violência no namoro se insere em um contexto de trocas negativas entre o casal de adolescentes.

**Palavras-chave:** Violência, adolescentes, relações interpessoais, identidade de gênero, fatores de risco.

BARREIRA, Alice Kelly. **Physical and psychological adolescents dating violence in Recife: prevalence, cocurrence, cronicity, associated factors and direcionalidade.** 2012. Thesis (Doctorate in Public Health) – Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, Recife, 2012.

### ABSTRACT

The aim of this study was to analyze the physical and psychological dating violence among school adolescents in Recife, in relation to the co-occurrence, chronicity, associated factors and profiles of directionality. The study population consisted of adolescents from public and private schools, aged between 15 and 19 years. The multistage random sample comprised of 355 adolescent students aged 15-19 years, of whom 302 had a romantic relationship last year. The violence was measured by the scale Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory. Analyses of descriptive statistics, univariate and multivariate logistic regression analysis were conducted and all statistical analyzes incorporated the sample weight and the complex sample design. The prevalence of perpetration of physical violence was 19,9%, 82,8% for psychological violence and 18,9% for the co-occurrence of physical and psychological violence. Teenagers who have experienced violence in the community and who were in dating relationships of more than one year were more likely to perpetrate psychological violence. For the co-occurrence of physical and psychological violence, the variables that increased the chance of perpetration were: to suffer father's physical violence, violence among siblings, to suffer physical dating violence in previous relationships and perpetration of verbal violence in previous relationships. The proportion of chronic physical violence was 48.3%, and it was associated with: violence among siblings, acceptance of male violence in dating relationships, perpetration of verbal violence in previous relationships, and longer relationships. Violence is bidirectional in most forms studied. It is concluded that: psychological violence and co-occurrence of physical and psychological violence have a distinct dynamics of physical violence in dating relationships; it's important to differentiate chronic violence from events that occur in isolation; and violence in romantic relationships among adolescents enter into a dynamic of negative exchanges between the couple.

**Keywords:** Violence, adolescents, interpersonal relations, gender identity, risk factors.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>HIPÓTESES</b>	<b>15</b>
<b>3</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>16</b>
<b>3.1</b>	<b>Objetivo geral</b>	<b>16</b>
<b>3.2</b>	<b>Objetivos específicos</b>	<b>16</b>
<b>4</b>	<b>MARCO TEÓRICO CONCEITUAL</b>	<b>17</b>
<b>4.1</b>	<b>Conceito da violência no namoro e suas manifestações</b>	<b>17</b>
<b>4.2</b>	<b>Prevalência da violência no namoro</b>	<b>21</b>
<b>4.3</b>	<b>Direcionalidade da violência entre namorados adolescentes</b>	<b>25</b>
<b>4.4</b>	<b>Severidade e cronicidade da violência</b>	<b>26</b>
<b>4.5</b>	<b>Modelos explicativos para o fenômeno da violência no namoro</b>	<b>29</b>
<b>4.6</b>	<b>Fatores de risco para a perpetração de violência no namoro</b>	<b>32</b>
<b>5</b>	<b>MÉTODO</b>	<b>37</b>
<b>5.1</b>	<b>Área do estudo - o município de Recife</b>	<b>37</b>
<b>5.2</b>	<b>Delineamento do estudo</b>	<b>38</b>
<b>5.3</b>	<b>População do estudo</b>	<b>38</b>
<b>5.4</b>	<b>Definição da amostra e tamanho amostral</b>	<b>39</b>
<b>5.5</b>	<b>Variáveis estudadas e categorizadas</b>	<b>40</b>
<b>5.5.1</b>	<b>Variáveis dependentes</b>	<b>40</b>
<b>5.5.2</b>	<b>Variáveis independentes</b>	<b>40</b>
<b>5.6</b>	<b>Instrumentos de coleta</b>	<b>41</b>
<b>5.7</b>	<b>Coleta dos dados</b>	<b>45</b>
<b>5.8</b>	<b>Processamento e plano de análise dos dados</b>	<b>46</b>
<b>5.8.1</b>	<b>Operacionalização da co-ocorrência</b>	<b>47</b>
<b>5.8.2</b>	<b>Operacionalização da cronicidade</b>	<b>47</b>
<b>5.8.3</b>	<b>Operacionalização da direcionalidade</b>	<b>48</b>
<b>5.9</b>	<b>Aspectos éticos</b>	<b>48</b>
<b>6</b>	<b>ARTIGO 1 - Co-ocorrência de violência física e psicológica entre namorados adolescentes do Recife, Brasil: prevalência e fatores associados</b>	<b>49</b>
<b>7</b>	<b>ARTIGO 2 - Fatores associados à cronicidade da violência física no namoro de adolescentes do Recife, Brasil.</b>	<b>69</b>

<b>8</b>	<b>ARTIGO 3 - Direcionalidade da violência física e psicológica no namoro de adolescentes do Recife, Brasil.</b>	<b>84</b>
<b>9</b>	<b>CONCLUSÕES</b>	<b>99</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>103</b>
	<b>ANEXO A - Questionário</b>	<b>112</b>
	<b>ANEXO B - Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa</b>	<b>129</b>
	<b>ANEXO C - Termo de Consentimento para os diretores de escola</b>	<b>130</b>
	<b>ANEXO D - Termo de Consentimento para os alunos</b>	<b>131</b>
	<b>ANEXO E – Comprovante de submissão do artigo 2 para a revista Cadernos de Saúde Pública</b>	<b>132</b>
	<b>ANEXO F – Comprovante de submissão do artigo 3 para a revista Cadernos de Saúde Pública</b>	<b>133</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A violência tem sido um tema de interesse de estudo há algum tempo na sociedade brasileira (MINAYO, 2006). Entretanto, apenas em meados do século passado, a partir da década de 1960, a violência passou a ser considerada como um problema social específico da saúde (CARIDADE; MACHADO, 2006). Desde então, o estudo da violência interpessoal tem, tradicionalmente, priorizado o estudo dos homicídios e das agressões doméstica e contra crianças. A violência contra as mulheres no contexto das relações íntimas tem sido objeto de forte e crescente atenção social e científica (GELLES, 1997). Contudo, a partir da década de 1980 (MAKEPEACE, 1981), verificou-se uma atenção mais direcionada ao grupo de adolescentes em suas relações íntimas (FERNET, 2005; HICKMAN; JAYCOX; ARONOFF, 2004).

Dessa forma, o estudo da violência nas relações afetivo-sexuais de jovens e adolescentes (namorar, ficar), usualmente denominada na literatura internacional de *violência no namoro* (*dating violence*), deriva das pesquisas sobre a violência contra a mulher nas relações íntimas da vida adulta, que tiveram início a partir do esforço do movimento feminista em denunciar a violência doméstica na década de 1970. Atualmente, sabe-se que a violência no namoro, além de representar um potencial precursor da violência entre parceiros íntimos adultos, é tão grave quanto essa, em termos de prevalência, lesões e danos psicológicos à vítima; e, portanto, deve ser estudada independentemente (O'LEARY et al., 1989).

A violência no namoro inclui agressão física, como empurrão e soco; abuso psicológico, como comportamento controlador e intimidação; e abuso sexual, como contato físico não consentida e estupro. Jovens e adolescentes namorados de ambos os sexos podem ser vítimas e/ou perpetradores da violência, mas, geralmente, têm dificuldade em reconhecer a violência como tal (LEVY, 1990) e raramente procuram ajuda (ASHLEY; FOSHEE, 2005, BLACK et al., 2008).

A relevância do estudo da violência no namoro entre adolescentes não se deve apenas às altas prevalências, mas também aos prejuízos à saúde física e mental desses (CARIDADE; MACHADO, 2006) e porque ocorre em um período da vida em que os relacionamentos românticos estão iniciando e padrões de interação são aprendidos e podem ser reproduzidos na vida adulta (WEKERLE; WOLFE, 1999).

Além das lesões físicas, sintomas de ansiedade, trauma e depressão têm sido associados às experiências de violência no namoro entre adolescentes (BOOKWALA et al., 1992; CALLAHAN; TOLMAN; SAUNDERS, 2003; HOLT; ESPELAGE, 2005; JACKSON; CRAM; SEYMOUR, 2000; MOLITOR; TOLMAN, 1998). Tais sintomas psicológicos são prejudiciais por si mesmos e também podem levar ao abuso de substâncias (LIPSCHITZ et al., 2003), ao conflito em relacionamentos interpessoais (RUDOLPH et al., 2000) e à perpetração de violência (HARPER et al., 2005).

Mulheres jovens que tiveram um relacionamento abusivo podem apresentar comportamento sexual de risco e estarem mais vulneráveis a contrair doenças sexualmente transmissíveis e engravidar (DECKER; SILVERMAN; RAJ, 2005; ROBERTS; AUINGER; KLEIN, 2005; SCHIFF; ZEIRA, 2005; SILVERMAN; RAJ; CLEMENTS, 2004). A violência no namoro também tem sido associada a tentativas de suicídio (OLSHEN et al., 2007; SILVERMAN et al., 2001) e a distúrbios alimentares (SILVERMAN et al., 2001).

No debate sobre violência entre parceiros íntimos adultos, uma questão controversa é se os homens são os principais agressores. Entre namorados, porém, existem evidências consistentes de que as mulheres são tão ou mais violentas do que os homens (ARRIAGA; FOSHEE, 2004; BOOKWALA et al., 1992; BURKE; STETS; PIROG-GOOD, 1988; HOWARD; WANG, 2003a; RIGGS; O'LEARY; BRESLIN, 1990; SHERER; SHERER, 2008; STRAUS, 2008), o que levanta a discussão sobre a bidirecionalidade da violência no namoro, ou seja, ambos os parceiros são violentos, também chamada de reciprocidade, mutualidade ou simetria de gêneros.

A questão da direcionalidade da violência no namoro é apontada como crucial no planejamento de ações de prevenção e intervenção da violência (STRAUS, 2008). Entretanto, a constatação de que a bidirecionalidade da violência no namoro entre adolescentes se sobrepõe à violência perpetrada apenas por homens ou apenas por mulheres não encerra a discussão. Pelo contrário, existem problemas fundamentais em afirmar que existe uma igualdade de gêneros com relação à violência no namoro (O'KEEFE, 2005) e muitas questões merecem ser esclarecidas.

Primeiramente, os estudos que identificam a maior frequência da violência bidirecional e perpetrada apenas por mulheres limitam-se à violência física (BOOKWALA et al., 1992; BURKE; STETS; PIROG-GOOD, 1988; FOSHEE, 1996; O'KEEFE, 1997; STRAUS, 2008).

No tocante à violência sexual, verifica-se uma dramática diferença de gênero, com as mulheres sofrendo significativamente mais violência do que os homens (BENNETT; FINERAN, 1998; FOSHEE, 1996; MOLIDOR; TOLMAN, 1998).

Alguns estudos indicam que homens infligem agressões físicas mais severas (ARRIAGA; FOSHEE, 2004), e mulheres sofrem mais lesões e procuram mais de tratamento médico em decorrência da violência sofrida (MAKEPEACE, 1987). Outras diferenças de gênero foram observadas com relação às consequências e aos motivos da violência entre namorados, com as mulheres relatando mais sequelas emocionais (FOSHEE, 1996); percebendo mais os incidentes violentos como física ou psicologicamente prejudiciais do que os homens (MOLIDOR; TOLMAN, 1998); e justificando mais a violência como autodefesa (O'KEEFE, 1997). Miller e White (2003) afirmam que os significados e as consequências da violência das mulheres são impressionantemente diferentes da violência dos homens e têm seus fundamentos nas diferenças de gênero.

No entanto, são escassas as pesquisas que abordam a severidade da violência e outra questão ainda menos investigada é a frequência dos atos violentos em um relacionamento, denominada por Straus e Ramirez (2007) de *cronicidade* da violência. Os autores observaram que, quando agredem fisicamente seus parceiros, homens e mulheres o fazem com a mesma frequência; no entanto, quando avaliada apenas a violência severa, os homens agredem mais frequentemente que as mulheres.

Embora a maioria das pesquisas sobre violência no namoro utilize escalas que abordam diversos itens de violência e aferem a frequência desses atos, tais informações não são utilizadas nas análises, onde todos os indivíduos que respondem afirmativamente a um dos itens de violência são considerados caso, independentemente da severidade e da frequência (ou cronicidade) da agressão. Segundo Straus (2008), as investigações sobre etiologia e consequências da violência devem evitar agrupar todos os casos e sim examinar as particularidades de cada tipo. O autor acrescenta que tal diferenciação também tem implicações na prevenção e no tratamento.

Além disso, a maioria dos estudos tem focado exclusivamente o uso da agressão física, com uma atenção muito limitada à agressão psicológica ou sexual (JACKSON, 1999). Mesmo quando variadas formas de agressão são avaliadas, essas têm sido abordadas isoladamente uma das outras, ou então são estudadas como uma questão única, quando itens de violência

psicológica e/ou sexual são combinados com itens de violência física para construir uma variável dependente de violência no namoro, onde a presença de qualquer uma das formas de agressão constitui um caso de violência.

Dessa forma, na maioria das pesquisas, não é dada visibilidade ao fenômeno denominado de polivitimização ou co-ocorrência da violência, que significa a ocorrência simultânea de mais de um tipo de violência (física, psicológica ou sexual), vista pelo lado da vitimização ou da perpetração (SABINA, STRAUS; 2008; SEARS; BYERS; PRICE, 2007).

Os poucos estudos que abordaram violência física e psicológica no namoro sugerem uma associação entre as duas formas de agressão (CANO et al., 1998; O'LEARY; SMITH SLEP, 2003) onde a violência psicológica pode ser um indicador de violência física simultânea ou longitudinalmente (O'LEARY; SMITH SLEP, 2003). Sears, Byers e Price (2007) avaliaram a co-ocorrência de violência física, psicológica e sexual, e observaram que 19% dos garotos e 26% das garotas relataram ter perpetrado pelo menos duas formas de violência.

Apesar do interesse internacional sobre a violência no namoro e da tradição brasileira em estudos sobre violência de gênero e sobre adolescência, no Brasil apenas recentemente o tema tem despertado o interesse da comunidade científica dedicada ao estudo da violência e de políticas públicas voltadas para o setor. Ainda não se observa uma produção nacional significativa sobre o tema. Atualmente, é possível identificar apenas duas publicações que abordam violência entre namorados no Brasil. O artigo de Aldrighi (2004) que avaliou a violência física entre namorados em uma amostra de jovens universitários e o estudo qualitativo de Nascimento e Cordeiro (2011) com jovens namorados moradores de Recife.

Recentemente, uma pesquisa multicêntrica sobre o tema (MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011), cujos dados subsidiam a presente tese, traz à luz a magnitude do problema no Brasil. Provavelmente em virtude da escassez de dados epidemiológicos nacionais, também são raras as ações de prevenção e intervenção voltadas para a violência no namoro de adolescentes, aumentando assim a vulnerabilidade já existente desse grupo populacional a diversas situações como transtornos psicológicos, lesões, morte por homicídio, suicídio, uso de drogas, gravidez precoce, doenças sexualmente transmissíveis, entre outros (BRASIL, 2006).

A escassa produção nacional sobre o tema e a inadequação em utilizar dados de outros países e diferentes culturas alertam para a necessidade de estudos que investiguem a prevalência, os

fatores associados e as especificidades da violência no namoro em adolescentes e jovens brasileiros. Este trabalho pretende contribuir no estudo da violência no namoro entre adolescentes, fornecendo dados empíricos ao abordar a violência física e psicológica e seus aspectos de co-ocorrência, cronicidade, fatores associados e direcionalidade. A pesquisa não incluirá a violência sexual por esta apresentar um padrão comprovadamente diferenciado das violências física e psicológica com relação à prevalência, direcionalidade e suas causas (FOSHEE, 1996; MOLIDOR; TOLMAN, 1998).

Por fim, destaca-se a relevância da pesquisa uma vez que os resultados pretendem orientar e contribuir para a formulação de políticas públicas voltadas para os adolescentes, levando em conta a importância da dinâmica das relações entre adolescentes e dos impactos negativos para a qualidade de vida e saúde desse grupo populacional para a superação da violência conjugal e familiar.

## 2 HIPÓTESES

Os estudos empíricos revisados conduziram às seguintes hipóteses: entre namorados adolescentes escolares do Recife,

- a) a violência psicológica está presente na maioria das relações, com prevalência maior que a violência física, e essa está quase sempre acompanhada da primeira (co-ocorrência);
- b) o padrão de bidirecionalidade da violência é o mais freqüente, seguido da perpetração apenas da mulher, e apenas do homem;
- c) a maior parte dos relacionamentos em que os parceiros se agredem apresentam um padrão de violência crônica;
- d) a multifatorialidade da violência no namoro implica em fatores associados das dimensões processo, pessoa, contexto e tempo, e esses interagem segundo os padrões de direcionalidade da violência no relacionamento.

### **3 OBJETIVOS**

#### **3.1 Objetivo geral**

Analisar a violência física e psicológica entre namorados adolescentes escolares do Recife, com relação à co-ocorrência, cronicidade, fatores associados e padrões de direcionalidade.

#### **3.2 Objetivos específicos**

- a) Estimar a prevalência das violências física e psicológica e da co-ocorrência de ambos os tipos de violência.
- b) Analisar a direcionalidade (ambos perpetram ou bidirecional, apenas o homem perpetra e apenas a mulher perpetra) das violências física e psicológica.
- c) Estimar a cronicidade da violência física.
- d) Identificar os fatores associados, nas dimensões pessoal, de processo, de contexto e de tempo, para a co-ocorrência das violências física e psicológica e para a perpetração de violência crônica.

## 4 MARCO TEÓRICO CONCEITUAL

### 4.1 Conceito da violência no namoro e suas manifestações

O termo *violência no namoro*, embora presente em várias publicações, ainda se configura como um termo ambíguo e com definições diversas. A violência no namoro inclui ações e ameaças de abuso físico, verbal, sexual e psicológico, independentemente da severidade percebida (ARRAIGA; FOSHEE, 2004; WOLFE; FEIRING; 2000). Wolfe et al. (1996, apud HOKODA et al., 2006) a definem como qualquer tentativa de controlar ou dominar a outra pessoa fisicamente, sexualmente ou psicologicamente causando algum nível de prejuízo. Outros autores admitem uma perspectiva mais estreita limitada à violência física, sem referência a intenção, conseqüências, ou contexto (JACKSON, 1999). Aqui será adotada a visão mais ampla de violência no namoro.

A falta de uma definição operacional exige que se dedique um tempo para entender as possibilidades de compreensão desse termo e situá-lo um pouco nas várias discussões sobre tipos, classificações e definições da violência.

Para facilitar a compreensão o termo será desmembrado em suas partes (namoro e violência) procurando auxiliar a compreensão. Iniciando com o termo *namoro*, não que o mesmo esteja isento de polissemias e controvérsias, há que se contentar, no momento, com uma definição mais direta, deixando de lado aspectos importantes dentro dele como amor romântico e suas implicações com a violência. Por hora, será aceito que namoro é:

Uma relação diádica que envolve encontro para uma interação social, em atividades conjuntas e com intenção implícita ou explícita para continuar o relacionamento, até o momento que uma ou outra parte decida rompê-la, ou que um relacionamento mais próximo seja estabelecido, tal como: morar juntos, noivado ou casamento (ALDRIGHI, 2004, p.109).

Dessa forma, o que caracteriza as relações focadas no estudo é o seu caráter informal (não existe estatuto legal que defina o namoro em termos jurídicos) e diádico (as duas pessoas envolvidas precisam reconhecer mutuamente a existência do relacionamento).

Nesse contexto, informal e diádico, inclui-se o “ficar”, tipo de relacionamento afetivo muito frequente entre adolescentes, definido por Justo (2005, p.71) como:

Um relacionamento episódico e ocasional, na maioria das vezes com a duração de apenas algumas horas ao longo de uma noite de festa e diversão. A prática mais

comum envolve beijos, abraços e carinhos. Outra característica importante é que o “ficar” não implica compromissos futuros e é visto como um relacionamento passageiro, fortuito, superficial, sem maiores conseqüências ou envolvimento profundos.

Pesquisa realizada por Mariano (2001) com adolescentes entre 13 e 16 anos de idade, apontou que o “ficar” é o tipo de relacionamento amoroso mais conhecido, seguido do “namoro”, embora esse último seja o relacionamento preferido, aquele que o adolescente imagina como ideal ou que gostaria de viver ao longo da vida, principalmente para as meninas.

Para Hickman, Jaycox e Aronoff (2004), pesquisas que lidam com adolescentes devem operacionalizar a violência entre parceiros no contexto de relacionamentos que excluem coabitação, mas que variam amplamente quanto ao nível de intimidade, expectativas e duração. Sendo assim, a presente pesquisa utilizará os termos *namoro* e *namorados* para designar as relações e vínculos afetivos e sexuais dos adolescentes representadas pelo “ficar” e pelo “namoro”.

Nesse estudo, será utilizada a definição de *violência* da Organização Mundial de Saúde - OMS (2002, p.5) em seu Relatório Mundial sobre Violência e Saúde:

O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação.

Essa definição será adotada por assumir a violência como uma ação intencional e, dessa forma, distinta dos episódios acidentais também incluídos no termo causas externas e por trazer (mesmo que de forma discreta) a violência como o uso do poder, o que, acredita-se, a caracteriza como uma ação nitidamente humana e distinta de atos de agressividade instintivos e biologicamente ancorados.

No contexto de namoro, é importante ressaltar o caráter de intencionalidade da violência e o seu aspecto de subjugação da outra pessoa, diferenciando de atos agressivos que podem acontecer nesse contexto, mas que não carregam em si essa intenção de subjugação (JACKSON, 1999), como exemplificado no estudo de Perry e Fromuth (2005) nos Estados Unidos, sobre comportamentos violentos em casais de estudantes universitários, em que muitos comportamentos identificados como atos de violência de garotas contra seus namorados, eram muitas vezes percebidos e contextualizados como presentes ao universo do lúdico da relação.

Devido a sua complexidade, a violência passa a ser classificada de acordo com vários critérios que podem variar quanto ao tipo de agressão ou relacionamento entre as vítimas e autores da violência. No sentido de unificar os termos aqui utilizados com outras publicações, será utilizada a classificação da própria Organização Mundial de Saúde (2002), que classifica a violência em três grandes categorias: violência contra si mesmo; violência interpessoal e violência coletiva. Essas categorias se subdividem em tipos de violência mais específicos. A violência auto-infligida inclui o comportamento suicida e autodestrutivo. A violência interpessoal inclui a violência familiar, a violência íntima (parceiros íntimos, não necessariamente coabitando) e a violência comunitária. A violência coletiva inclui inúmeros conflitos de ordem política, econômica e social. Essa tipologia abarca a natureza dos atos violentos, tais como a física, a psicológica, a sexual, e a privação ou negligência. Segundo essa classificação, a violência no namoro poderia ser classificada como uma violência do tipo interpessoal e íntima.

No estudo do fenômeno da violência entre casais de namorados, rapidamente depara-se com duas tipologias de violência que precisam ser citadas e discutidas e sobre as quais o estudo deve se situar de alguma forma: *violência contra a mulher* e *violência de gênero*; termos que inclusive aparecem de forma bem mais frequente em publicações científicas e se constituem como descritores próprios, o que qualifica a quantidade e qualidade da produção referente aos mesmos.

A violência contra a mulher é definida na Declaração sobre a Eliminação da Violência contra a Mulher (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1993, p.2, tradução nossa) como:

Qualquer ato de violência, baseada em gênero, que resulta em morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, incluindo ameaças deste tipo de violência, coerção ou privação de liberdade, seja no âmbito público como no privado.

Em diferentes países da América Latina, estudos apontam um número significativo de mulheres que afirmam ter sido vítimas de violência física exercida por seu parceiro. Em alguns países, o percentual de mulheres que afirmou ter sido agredida fisicamente por um homem chegou a 50%, enquanto que o menor percentual foi de 20%. Mais da metade de todas as mulheres assassinadas no Brasil foram mortas por seus parceiros íntimos (HEISE, 1994). De acordo com pesquisa da Fundação Perseu Abramo (2001), a cada 15 segundos uma mulher é agredida no Brasil e mais de dois milhões de mulheres são espancadas a cada ano por maridos ou namorados, atuais e antigos.

É provável que muitos dos atos de violência contra a mulher sejam cometidos pelo namorado, mas não se pode dizer que a totalidade dos atos de violência no namoro represente a díade homem-autor e mulher-vítima, da mesma forma que não se pode descartar atos de violência no namoro que aconteçam fora de relações heterossexuais, observação que inclusive é destacada na recente lei 11.340/2006, conhecida como Lei Maria da Penha (BRASIL, 2007), que visa coibir a violência doméstica e familiar contra as mulheres, admitindo a parceria íntima entre duas mulheres e que em situações de violência, a ofendida pode se valer dos mesmos direitos a proteção e salvaguarda por parte do Estado do que aquela vitimada por um parceiro masculino. Dessa forma, *violência contra a mulher* é um termo que dialoga intimamente com a violência no namoro, mas não dá conta de todas as situações que o presente estudo se propõe investigar.

Já para *violência de gênero*, é preciso antes de tudo revisitar o conceito de gênero. Para tanto, será empregada a definição de Scott (2005, p.81):

Quem aborda gênero como objeto de estudo entende que o conceito refere às relações de poder na construção de diferenças e igualdades entre homens e mulheres, diferença essa que remete a dispositivos que conferem significações culturais e sociais a atributos identificados como masculinos e femininos nas mais diversas esferas de ação.

Então, o olhar sobre a violência de gênero desdobra os processos de socialização de homens e de mulheres. Exemplos são muitos, destacam-se os processos como os homens são socializados para reprimir a maior parte de suas emoções, mas permitindo que agressividade e até a violência se expressem e se constituam como marcas e provas de masculinidade. Nesses processos de socialização, não existe muito espaço para noções de autocuidado e cuidado com os outros que é muitas vezes substituída por uma postura destrutiva e autodestrutiva. Não sendo de admirar que os homens venham a configurar os infelizes campeões de mortes por causas violentas, tanto na figura de vítima como na de autor (MEDRADO; LYRA, 2003).

De forma simétrica esses processos de socialização também se operam nas mulheres onde são reservados os domínios da emoção, da casa e do cuidado com os outros. Essa manutenção dos lugares de homens e mulheres é atualizada por componentes individuais, sociais e institucionais. De forma que violência de gênero pode ser vista tanto no ato de agressão entre dois namorados motivados pelo ciúme, quanto pode ser encontrada no espancamento de gays (homens que se afastam dos modelos de uma masculinidade dominante) (MEDRADO; LYRA, 2003).

Portanto, a violência no namoro pode sim ser considerada uma expressão da violência de gênero, mas o termo *violência de gênero* é bem mais amplo, englobando vários outros exemplos não contidos nas situações de namoro.

Outro termo que surge geralmente ao lado da violência no namoro é a *violência entre parceiros íntimos* que mesmo sendo muito próximo ainda traz a ambigüidade, porque geralmente se refere parceiros que coabitam o mesmo lar (mesmo que de forma informal), ou, pelo termo intimidade, em parcerias exclusivamente sexuais (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 2002). O termo também tem limitações ao presente estudo, já que se espera encontrar adolescentes e jovens em relações de namoro que necessariamente não impliquem em contato sexual. O que torna o termo *violência no namoro*, pelo menos provisoriamente, o mais adequado para referir os fenômenos focados neste estudo.

Contudo, fica evidente que existe uma grande polissemia de termos que abordam esse assunto e que muitos desses termos estão intimamente ligados ao nosso objeto de estudo, portanto, é esperado que várias referências façam menção a termos como *violência contra as mulheres*, *violência contra parceiros íntimos e violência de gênero*, ou ainda como *violência doméstica* e *violência intra-familiar*, sendo que muitas vezes os termos aparecem de forma coincidente ou ambígua. O presente estudo não espera resolver essa questão, de forma que esses termos podem surgir em alguns momentos do texto.

#### **4.2 Prevalência da violência no namoro**

Os estudos, em sua maior parte realizados nos Estados Unidos da América e Canadá, apontam altas prevalências de violência no namoro de jovens e adolescentes. No entanto, observa-se disparidade nos dados de prevalência, atribuída à utilização de diferentes metodologias e à ausência de um padrão conceitual, o que dificulta a comparação das pesquisas e implica na falta de consenso dos dados encontrados na literatura (LEWIS; FREMOUW, 2001; O'KEEFE, 2005).

Dentre as diferenças metodológicas observadas nos estudos estão as disparidades amostrais. Pesquisas sobre violência no namoro envolvem diferentes faixas etárias da adolescência (FOSHEE, 1996; SCHIFF; ZEIRA, 2005) e até mesmo adultos jovens, como universitários (ALDRIGHI, 2004). Alguns estudos utilizam amostras domiciliares, enquanto a maioria aborda apenas escolares, nesses casos a pesquisa é realizada em sala de aula com

questionários de autopreenchimento, como destaca Hickman, Jaycox e Aronoff (2004). De acordo com esses autores, é possível que informações pessoais, como as relacionadas com violência e uso de substâncias, sejam subestimadas em inquéritos domiciliares realizados com adolescentes devido à falta de privacidade e à presença dos pais no momento da pesquisa.

Outras questões que diferem entre os estudos estão relacionadas com a forma de aferir a violência. Em alguns estudos, os indivíduos são questionados sobre a perpetração de violência no relacionamento, em outros sobre a vitimização, ou ambos. Há ainda as pesquisas que investigam perpetração e vitimização no mesmo indivíduo, com o objetivo de identificar os relacionamentos onde ambos os parceiros são perpetradores (e, portanto, vítimas), a nomeada violência recíproca (STRAUS, 2008; SHERER; SHERER, 2008).

Outro aspecto fundamental e que perpassa o problema de definição da violência e sua medida refere-se ao tipo ou tipos de violência avaliados em uma dada pesquisa. Como visto anteriormente, os estudos sobre violência no namoro normalmente abordam apenas a agressão física e, portanto, adotam o conceito mais estreito de violência. As consequências de excluir os outros tipos de violência, como psicológica e sexual, é que os dados disponíveis na literatura podem estar subestimando consideravelmente a extensão do fenômeno (JACKSON, 1999). Recentemente, mais pesquisadores estão incluindo outros tipos de violência além da física (AMAR, 2007; RIVERA-RIVERA et al., 2007; SCHIFF; ZEIRA, 2005; SHERER; SHERER, 2008) e apresentam taxas mais elevadas de violência no namoro entre adolescentes.

O instrumento utilizado para aferir a violência entre namorados adolescentes também varia muito entre as pesquisas. A maior parte dos estudos utiliza a *Conflict Tactics Scale* (CTS) (STRAUS, 1979) ou a sua nova versão *Revised Conflict Tactics Scale* (CTS2) (STRAUS et al., 1996). Nessas escalas, os sujeitos indicam, a partir de uma lista de itens de violência física, psicológica e sexual, quais respostas eles têm utilizado para resolver situações de conflito nos últimos 12 meses. No entanto, as escalas foram desenvolvidas com referência aos relacionamentos de adultos ou jovens, como universitários. Muitos pesquisadores selecionam apenas parte dos itens da escala, de acordo com o tipo de violência que pretende investigar. Outras escalas desenvolvidas para a aplicação em adultos também são utilizadas (AMAR, 2007; FOSHEE et al., 2008; O'LEARY; SMITH SLEP, 2003), e, ainda, algumas pesquisas desenvolvem perguntas específicas (FOSHEE, 1996; FOSHEE et al., 2001) para aferir a violência no namoro.

Em 2001, Wolfe et al. desenvolveram a Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory – CADRI (WOLFE et al., 2001), escala específica para avaliar a violência nos relacionamentos afetivos entre adolescentes. A CADRI afere os abusos: físico, sexual, verbal/emocional e relacional, além dos comportamentos ameaçadores no relacionamento amoroso entre adolescentes e vem sendo utilizada por alguns pesquisadores (BENTLEY; GALLIHER; FERGUSON, 2007; JOURILES et al., 2005, 2009; SHERER; SHERER, 2008). Nessa escala, o sujeito deve responder baseado em apenas um relacionamento sobre as agressões sofridas e perpetradas no último ano.

Diferentemente da CTS e da CADRI que se limitam aos acontecimentos dos últimos 12 meses, outros instrumentos aferem a violência no namoro ocorrida em qualquer momento da vida do adolescente (JACKSON, 1999). Além disso, muitos estudos não fazem distinção entre as respostas referentes a múltiplos relacionamentos de respostas referentes a apenas um relacionamento (LEWIS; FREMOUW, 2001).

Ainda, alguns autores chamam a atenção para a subestimação da prevalência de violência no namoro ao constatar a dificuldade de muitos adolescentes em relatar que sofrem ou praticam agressões no namoro (LEWIS; FREMOUW, 2001) – essa limitação não é exclusiva das pesquisas com adolescentes, estudos com jovens e adultos deparam-se com o mesmo problema (REICHENHEIM, 2006). De fato, em alguns estudos há um grande número de indivíduos que se recusam em participar da pesquisa (HARNED, 2002; STRAUS; RAMIREZ, 2007), outros podem simplesmente omitir a informação.

Para Jackson (1999), instrumentos que utilizam o auto-relato estão sujeitos a que os indivíduos respondam de acordo com o que é socialmente aceito e não com a verdade. O autor acrescenta que uma possível explicação para as maiores taxas de perpetração de violência pelas mulheres, observada na literatura sobre violência no namoro, seria a baixa aceitação social, por parte dos homens, da violência de homens contra mulheres. Homem agredir mulher é geralmente visto como menos aceitável que mulher iniciar violência contra o homem (BOOKWALA et al., 1992).

Diante do exposto, com todas as limitações metodológicas envolvidas, segue alguns dados de prevalência da violência no namoro.

Os estudos apontam que a magnitude varia segundo o tipo de violência, gênero, grupo étnico e local estudado, apesar de ter certa similaridade em alguns aspectos, principalmente no tipo de violência. Numa amostra de 7.179 adolescentes norte-americanos do sexo feminino, 10,3% relataram experiências de violência física no namoro (HOWARD; WANG; YAN, 2007). Em outro estudo, o mesmo autor descreve em torno de 9,13% a prevalência de meninos que relataram violência física namoro (HOWARD; WANG, 2003a); número próximo ao encontrado em 2003 pelo Centro de Controle de Doenças dos Estados Unidos que foi de 8,9% de violência física (8,9% dos homens e 8,8% das mulheres) durante os 12 meses de realização do estudo (CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION, 2006).

Em jovens nativos do Havaí a taxa de prevalência de violência física no namoro foi de 7,8% com ambos os sexos relatando taxas similares, 7,6% dos meninos e 8,0% das meninas (RAMISETTY-MIKLER et al., 2006). Em pesquisa realizada em jovens universitários de 32 nações, incluindo o Brasil, 17% a 49% dos jovens relatou ter agredido fisicamente o parceiro no último ano, com média de 29%. A prevalência de agressões físicas mais severas, como esmurrar, estrangular e agredir com armas foi em média 10%, considerada alarmante (STRAUS, 2004).

Como dito anteriormente, as pesquisas sobre violência no namoro geralmente focam atos de agressão física. Tais atos merecem a atenção recebida; no entanto, eles raramente ocorrem na ausência da agressão psicológica concomitante (CYR; MCDUFF; WRIGHT, 2006; O'LEARY; SMITH SLEP, 2003), exemplificada por abuso verbal, relacional e ameaças. A violência psicológica tende a ser muito mais prevalente do que a violência física entre namorados adolescentes, podendo atingir prevalências de 50 % a 80% (CYR; MCDUFF; WRIGHT, 2006; JACKSON; CRAM; SEYMOUR, 2000; SCHIFF; ZEIRA, 2005; WOLFE et al., 2001).

Do mesmo modo, as taxas de prevalência de violência sexual variam quando diferentes definições operacionais são utilizadas. Mulheres adolescentes e universitárias relatam taxas de atividade sexual não consentida (conceito amplo) de até 79%; geralmente, os namorados são os perpetradores (SMITH; WHITE; HOLLAND, 2003). As taxas de penetração sexual coagida não desejada são menores; em um estudo com mulheres adolescentes e jovens, 21% relataram coerção verbal e 21% coerção física ou estupro (HUMPHREY; WHITE, 2000).

Pesquisa realizada nos Estados Unidos com 324 rapazes e 309 moças das três últimas series do ensino médio investigou a co-ocorrência (ocorrência simultânea) de violência física, psicológica e sexual. Dezenove por cento dos rapazes e 26% das meninas afirmaram ter usado duas ou mais formas de violência no namoro (SEARS; BYERS; PRICE, 2007).

#### **4.3 Direcionalidade da violência entre namorados adolescentes**

Um aspecto fundamental no estudo da violência entre parceiros íntimos – sejam namorados, cônjuges etc. – e que visa orientar o planejamento de programas de prevenção e tratamento da violência é a identificação de quem perpetra: o homem, a mulher, ou ambos.

Num estudo com 1544 jovens americanos e mexicanos de ambos os sexos, chegou-se a um universo de 553 casais em que havia violência no namoro, sendo que em quase três quartos dos casos (71,2%), ambos os parceiros eram violentos. Quando apenas um dos parceiros era violento, este foi duas vezes mais provável de ser o parceiro do sexo feminino (19,0%) do que o parceiro do sexo masculino (9,8%) (STRAUS; RAMIREZ, 2007); evidências semelhantes também foram encontradas em estudos realizados com estudantes de Israel (SHIFF e ZEIRA, 2005).

A classificação da violência segundo o sexo do perpetrador é denominada por Straus e Douglas (2004) de *tipos de mutualidade* (apenas o homem, apenas a mulher e ambos violentos). Outras denominações também são utilizadas para a violência perpetrada por ambos os parceiros, além de *mutualidade* (GRAY; FOSHEE, 1997), como *reciprocidade* e *simetria de gêneros* (SHERER; SHERER, 2008; STRAUS, 2008).

Um termo mais cauteloso para nomear violência perpetrada por ambos os parceiros em um relacionamento é *bidirecionalidade*. Para Harned (2002) o uso desse termo não pressupõe que ambos os parceiros são igualmente ou mutuamente violentos. Mesmo em relacionamentos nos quais a violência é bidirecional, essa pode não ser simétrica quando os motivos e as conseqüências da violência são levados em conta. Portanto, no presente estudo será utilizado o termo *tipos de direcionalidade* designando a perpetração da violência que pode ser protagonizada apenas pela mulher, apenas pelo homem ou por ambos (bidirecional).

O padrão de bidirecionalidade da violência é o mais encontrado e amplamente aceito na literatura sobre violência no namoro de adolescentes (AMAR, 2007), entretanto, essa

constatação vai de encontro aos dados de violência contra a mulher adulta: 63,5% sofrem violência psicológica e 22,8% violência física, sendo 7,1% de abuso físico grave (REICHENHEIM et al., 2006).

Na literatura sobre parceiros íntimos adultos, essa questão é bastante controversa e polêmica. Muitos autores, baseados em pesquisas que apontam serem as mulheres as vítimas na maioria das agressões (DOBASH et al., 1992; MAKEPEACE, 1986; WEISZ; BLACK, 2001), defendem essa versão, geralmente referida como a perspectiva feminista; e sobre a qual está apoiada a maioria das ações de prevenção e tratamento da violência contra parceiros íntimos (JOHNSON, 2006). A outra perspectiva, da violência familiar, igualmente sustentada em evidência empírica, demonstra que as mulheres são pelo menos tão violentas quanto os homens (GRAY; FOSHEE, 1997; STRAUS, 2008; STRAUS; RAMIREZ, 2007). A resolução para tal debate reside, provavelmente, na consideração de diferentes amostragens e em questões metodológicas envolvidas (JOHNSON, 2006, STRAUS, 2008).

Também para a violência no namoro, alguns autores defendem que o padrão de bidirecionalidade, seguido da maior perpetração das mulheres, observado na maioria dos estudos é resultado das limitações metodológicas atuais (JACKSON, 1999). Dessa forma, seria necessário estender os parâmetros da pesquisa além da aferição de atos de violência para uma investigação de conseqüências, contexto, motivação e significado da violência para homens e para mulheres, como observam Straus e Ramirez (2007, p.281, tradução nossa):

A presença de simetria entre os sexos em diferentes contextos culturais (*mexicano e americano*), combinado com estudos que mostram que as mulheres são agredidas de forma mais frequente e mais séria em episódios de violência no casal e estudos que mostram que as mulheres iniciam a violência no casal mais frequentemente do que os homens, sugere que as mulheres são pessoas centrais em programas e políticas voltadas a prevenção primária da violência no casal e redução da vitimização de homens e mulheres.

#### **4.4 Severidade e cronicidade e da violência**

Na vasta literatura sobre violência no namoro, observa-se que a maioria das pesquisas não faz distinção entre as diversas ações violentas investigadas. Por exemplo, Harned (2002, p.1195, tradução nossa) em sua pesquisa sobre fatores de risco para violência entre namorados define:

Qualquer respondente que confirmar um ou mais itens da *Abusive Behavior Inventory Psychological Abuse subscale*, da *Sexual Experiences Survey*, e/ou da *Revised Conflict Tactics Scale Physical Assault subscale* foi considerado vítima de, respectivamente, agressão psicológica, sexual e/ou física por um namorado.

Dessa forma, no citado estudo, um adolescente que respondesse ter sido insultado uma única vez pelo namorado(a) seria considerado vítima de violência psicológica tanto quanto alguém que relatasse ter sido humilhado, degradado, isolado do contato social, amedrontado, ameaçado de agressão física e até ter sido restringido de financeiramente por um namorado(a), de acordo com os itens da escala de violência psicológica utilizada na pesquisa. A diferença de severidade dos itens das escalas de violência sexual e física descritas é talvez ainda maior; como beijo forçado e estupro para agressões sexuais e empurrar e agredir com faca ou arma para agressões físicas (HARNED, 2002).

Porém, alguns estudos têm incluído a avaliação da severidade numa tentativa de diferenciar as ações de violência que provocam consequências mais graves à vítima. Foshee et al. (2001) utilizaram uma escala própria para avaliar a violência física entre namorados adolescentes e definiram violência leve (arranhar, esbofetear, torcer o braço, jogar ou segurar contra a parede, chutar, torcer os dedos, bater, agarrar ou empurrar, sacudir, empurrar para fora do carro, jogar algo, ter sexo forçado, forçar a fazer outras atividades sexuais não desejadas) e severa (estrangular, queimar, bater com o punho, bater com algo mais duro que o punho, espancar e agredir com faca ou arma).

Em outra pesquisa, a *Safe Dates Physical Abuse Perpetration Scale* foi utilizada para aferir violência física entre namorados adolescentes. Os itens da escala são os mesmos do estudo citado anteriormente, entretanto os autores denominam de violência moderada e severa (FOSHEE et al., 2008). Como outros estudos empíricos confirmam (FOSHEE, 1996; MAKEPEACE, 1988 apud JACSON, 1999; PIROG-GOOD; STETS, 1989 apud LEWIS; FREMOUW, 2001), os autores verificaram que os homens relatam mais violência severa comparado às mulheres e, conseqüentemente, elas sofrem injúrias mais graves além de trauma emocional.

Esses resultados, somados aos dados de homicídios que mostram que as mulheres têm maior risco de sofrer a forma mais extrema de violência no namoro (HICKMAN; JAYCOX, ARONOFF, 2004), trazem um refinamento à discussão sobre a diferença entre os sexos na violência entre namorados. E reafirma-se a constatação de que mesmo nos relacionamentos em que ambos os parceiros são violentos, a agressão cometida por homens e mulheres deve ser estudada separadamente.

A escala mais utilizada na literatura para o estudo da violência no namoro, a *Revised Conflict Tactics Scale* (CTS2) (STRAUS et al., 1996), também possui subescalas que aferem dois níveis de severidade (severa e leve), para violência física e psicológica. As subescalas de severidade da violência física na CTS2 (STRAUS et al., 1996) definem uma classificação mais rigorosa que a observada em outros estudos (FOSHEE et al., 2001, 2008). Itens como “jogar contra a parede” e “chutar” são considerados violência severa.

Infelizmente, não foram encontrados trabalhos que utilizam a subescala de severidade para a violência psicológica. O próprio autor da escala, que possui uma extensa produção sobre violência no namoro, restringe sua pesquisa à violência física (STRAUS, 2008; STRAUS; RAMIREZ, 2007). Também se constatou a ausência de estudos que avaliem os fatores de risco para violência severa e leve, que aqui será preferencialmente chamada de moderada, uma vez que denominar violência de leve parece minimizá-la.

Ainda menos investigada é a cronicidade da violência – representada pela repetição das agressões num dado período; embora as escalas mais comumente utilizadas para a violência no namoro (CADRI e CTS2) apresentem opções de resposta que registram a quantidade de vezes que a agressão ocorreu no período de referência, normalmente de 12 meses (STRAUS et al., 1996, WOLF et al., 2001).

Voltando ao exemplo da pesquisa de Harned (2002), a aferição de violência física e psicológica utilizou escalas de 5 pontos que variavam de 0 (nunca) a 4 (muito frequentemente) e para a violência sexual foi utilizada uma escala de 7 pontos, de 0 (nunca) a 6 (mais de 20 vezes). Entretanto, mais uma vez as informações não foram utilizadas na análise, o que se repete na quase totalidade dos estudos sobre violência entre namorados.

Ao estudar a cronicidade da violência no namoro de jovens universitários, Straus e Ramirez (2007) observaram que a violência física raramente acontece uma única vez; e identificaram um padrão de 4 agressões físicas (mediana) no ano anterior, entre os casais envolvidos em violência no namoro. Além disso, verificaram que, quando a violência severa era avaliada separadamente, a perpetração dos homens era duas vezes maior (média de 21,9 vezes em um ano) que a das mulheres (média de 9,3 vezes).

Esses resultados destacam a importância do estudo da cronicidade da violência no namoro para diferenciar de eventos que ocorrem isoladamente (uma única vez) de relacionamentos

nos quais a violência é frequente, ou crônica (termo mais empregado); e também para uma melhor compreensão da dinâmica dos relacionamentos onde a violência é crônica.

#### **4.5 Modelos explicativos para o fenômeno da violência no namoro**

Ao revisar a literatura científica sobre as causas da violência no namoro vivenciada por adolescentes, constata-se que poucas pesquisas utilizam uma base teórica para tentar explicar o fenômeno. As teorias explicativas adotadas, longe de serem únicas e completas, se somam diante da complexidade e pluralidade dos seus determinantes.

De forma sucinta serão apresentadas as principais correntes teóricas que têm sido utilizadas na literatura para explicar a violência entre namorados adolescentes e que são abordadas por Fernet (2005). Dentre essas, temos:

- a) a Teoria da Aprendizagem Social desenvolvida por Bandura (1973; BANDURA et al., 1975 apud FERNET, 2005) é a mais utilizada pelos pesquisadores por explicar a violência como decorrente de comportamentos observados, imitados e apreendidos dentro da dinâmica familiar e é consistente com a hipótese intergeracional da transmissão da violência;
- b) A teoria de gênero traduz a perspectiva feminista que advoga que a violência entre parceiros heterossexuais envolve uma relação de poder que é modulada pela cultura de cada sociedade. A violência exercida então passa a ser um comportamento de controle e manifestação de desigualdade de gênero dentro da relação de casal. Lloyd (1991 apud FERNET, 2005) vê a violência a partir dessa teoria como uma manifestação dos valores patriarcais em que há uma combinação do poder masculino, da dependência da mulher e do romantismo.
- c) a Teoria do Apego (*Attachment*), desenvolvida por Bowlby (1969; 1972; 1980 apud FERNET, 2005) a qual postula que os modelos de interação apreendidos na relação mãe e filho modulam os comportamentos posteriores e exercem um componente central na personalidade do adulto;
- d) O modelo transacional de ajustamento (*Coping*) desenvolvido por Lazarus et Launier (1978 apud FERNET, 2005) que consiste em um conjunto de esforços cognitivos e comportamentais destinados a reduzir, tolerar as exigências internas e externas que ameaçam os recursos do indivíduo – estratégias de adaptação adotadas pelo indivíduo diante de situação adversas.

O elemento comum entre essas teorias é que a violência no namoro está relacionada com processos de socialização, ou seja, as pessoas não nascem com genes que determinam que elas se tornem autoras ou vítimas de situações de violência no namoro.

As mais citadas são a teoria de Aprendizagem Social e a feminista, que encontram suporte na literatura sobre violência no namoro, mas não dão conta de esclarecer o problema completamente (JACKSON, 1999). Além disso, como Minayo (2006) chama atenção, a questão da violência requer um olhar interdisciplinar e sistêmico ao considerar a complexidade do fenômeno.

A teoria ecológica, recomendada pela Organização Mundial de Saúde (2002) para o estudo da violência, embora pouco utilizada em pesquisas sobre violência entre namorados (ARRIAGA; FOSHEE, 2004; BANYARD; CROSS; MODECKI, 2006; ECKHARDT; JAMISON; WATTS, 2002; FOSHEE et al., 2001), traz uma proposta mais completa que perpassa as demais correntes explicativas ao abarcar a dimensão microssocial onde se inserem variáveis ligadas à pessoa, às relações estabelecidas na família e na comunidade, variáveis relacionadas ao contexto onde vive e trabalha; e a dimensão macrossocial que, no nosso caso, abordará as questões relacionadas à cultura onde o gênero se insere também. Nessa direção a abordagem ecológica possibilita essa análise ao adotar a interrelação de todas essas dimensões no modelo bioecológico, o último e mais complexo modelo desenvolvido por Bronfenbrenner (2005).

Na perspectiva bioecológica, Bronfenbrenner (2005) considera que o desenvolvimento humano ocorre por meio de processos progressivamente mais complexos de interações recíprocas e ativas, entre o ser humano e seu contexto de vida.

O *Processo* é o construto fundamental do modelo, definido como uma troca de energia entre a pessoa em desenvolvimento e as pessoas, objetos e símbolos no ambiente externo imediato, os chamados processos proximais, exemplificados por interações mãe-bebê, como a alimentação e o conforto do bebê; as atividades e brincadeiras pais-criança; o monitoramento dos pais; as brincadeiras em grupo ou solitárias; a leitura; o aprendizado de novas habilidades; o estudo; as atividades esportivas; a realização de tarefas complexas; o planejamento de ações e a resolução de problemas. Para ser efetivo o processo proximal deve ocorrer regularmente durante um longo período de tempo (BRONFENBRENNER, 2005, p. 6, tradução nossa), além disso:

A forma, a força, o conteúdo e a direção do desenvolvimento a partir dos processos proximais variam sistematicamente como uma função conjunta das características da *pessoa* em desenvolvimento; do *ambiente* – tanto imediato quanto mais remoto – no qual o processo acontece; da natureza das conseqüências ao desenvolvimento; e das continuidades e mudanças no ambiente ao longo do *tempo*, durante a vida, e o período histórico no qual a pessoa viveu.

Por isso, o autor propõe um modelo operacional de pesquisa do desenvolvimento humano que permita a investigação simultânea de quatro núcleos dinâmicos e relacionados: o Processo, a Pessoa, o Contexto e o Tempo.

O segundo núcleo do modelo bioecológico, a *Pessoa* e suas características, são produto e produtoras do desenvolvimento. São destacados três tipos de características – denominadas de *força*, *recursos* e *demandas* – pela maior capacidade de afetar a direção e o poder dos processos proximais ao longo da vida. As características de *força* são representadas por disposições comportamentais ativas que estimulam (ex. curiosidade, resposta a iniciativas de outros) ou atrapalham os processos proximais (ex. insegurança, impulsividade) (NARVAZ; KOLLER, 2004).

Os *recursos* envolvem capacidades, experiências, habilidades e conhecimentos que evoluíram ao longo do desenvolvimento, ampliando a efetividade dos processos proximais. De forma contrária, têm-se as deficiências (deficiências física e mental, defeitos genéticos e baixo peso ao nascer) que limitam ou inibem a integridade funcional do organismo. O terceiro grupo de características, as *demandas*, são atributos pessoais capazes de incitar ou impedir reações do ambiente social, favorecendo ou não o desenrolar dos processos proximais (ex. aparência física atrativa ou não, comportamento ativo ou passivo) (NARVAZ; KOLLER, 2004).

O *Contexto* é o terceiro componente do modelo bioecológico, representado por quatro níveis de ambiente articulados como estruturas concêntricas inseridas umas nas outras. Esse meio ambiente ecológico formado parte do *microsistema* representado pelo contexto de atividades, papéis sociais e relações interpessoais experienciados face a face, onde operam os processos proximais. O *mesossistema* refere-se ao conjunto de microsistemas que uma pessoa frequenta e nas inter-relações estabelecidas por eles; enquanto o *exossistema* consiste nos ambientes não freqüentados ativamente pela pessoa, mas que exercem uma influência indireta sobre o seu desenvolvimento (ex. trabalho dos pais, rede de apoio social). Por fim, os modelos institucionais de cultura, como a economia, os costumes e crenças, o estilo de vida, a estrutura de oportunidades, os obstáculos e opções no curso da vida e os recursos materiais que

influenciam o desenvolvimento da pessoa formam o último nível do contexto, o *macrossistema* (BRONFENBRENNER, 1986).

O *Tempo*, quarto componente do modelo, abarca as continuidades e mudanças que se operam nos ambientes, nos processos proximais e nas características biopsicológicas da pessoa em desenvolvimento ao longo da sua vida e das gerações que a antecederam. É analisado em três níveis: microtempo, mesotempo e macrotempo. O *microtempo* é caracterizado pelas continuidades e descontinuidades dos episódios contínuos de processos proximais. O *mesotempo* é relativo à periodicidade (frequência e regularidade) dos processos proximais através de intervalos de tempo maiores, como dias e semanas. O *macrotempo* refere-se às expectativas e aos eventos de mudança na sociedade e no tempo histórico, tanto os relativos à geração da qual faz parte a pessoa em desenvolvimento, quanto os concernentes aos eventos ocorridos através das gerações (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998 apud NARVAZ; KOLLER, 2004).

Dessa forma, o modelo bioecológico traz uma teoria singular e complexa, na qual o foco principal são os processos e as interações, influenciados por características pessoais, contextuais e de tempo, que será incorporada ao delineamento da presente pesquisa.

Na literatura sobre violência no namoro alguns estudos (ARRIAGA; FOSHEE, 2004; ECKHARDT; JAMISON; WATTS, 2002; FOSHEE et al., 2001) abordam a teoria ecológica – primeiro modelo desenvolvida por Bronfenbrenner (2005), e que deu origem ao modelo bioecológico. Entretanto, essas pesquisas avaliam apenas as variáveis individuais ou focam em apenas um nível do modelo ecológico. O primeiro trabalho a investigar variáveis de risco para a perpetração de violência física ou sexual no namoro em todos os níveis do modelo ecológico foi a pesquisa de Banyard, Cross e Modecki (2006). Não foram encontrados estudos embasados no modelo bioecológico.

#### **4.6 Fatores de risco para a perpetração de violência no namoro**

Fatores de risco para violência no namoro podem ser definidos como “atributos ou características que são associadas a uma maior probabilidade de vitimização e/ou perpetração” (HOTALING; SUGARMAN, 1990). O conhecimento desses fatores é primordial para a interrupção do ciclo de violência por meio de intervenções e tratamentos efetivos.

Infelizmente, a dificuldade de encontrar consenso na literatura sobre violência no namoro também é válida para o estudo dos fatores de risco. Os trabalhos compartilham poucas variáveis comuns na investigação sobre fatores de risco ou proteção (HICKMAN; JAYCOX, ARONOFF, 2004). Além disso, avaliam poucos fatores de cada vez e, como já mencionado, geralmente na ausência de modelos teóricos explicativos. Para Foshee et al. (2001), muitas das associações observadas podem ter sido confundidas por outras variáveis associadas tanto com o fator estudado como com a violência no namoro e que não foram incluídas nas pesquisas.

A seguir serão apresentadas as variáveis citadas na literatura como possíveis fatores de risco para a perpetração de violência física e/ou psicológica no namoro entre adolescentes. De acordo com o modelo bioecológico de Bronfenbrenner, as variáveis serão categorizadas como fatores relacionados ao processo, à pessoa, ao contexto e ao tempo.

Dentre os **fatores de processo** encontra-se a vitimização anterior, seja por violência familiar (dos pais, irmãos), outros namorados, na escola, na comunidade onde vive etc. Também inclui outras interações interpessoais, como o relacionamento com os pais e com o namorado.

Rivera-Rivera et al. (2007), em um estudo com 7.960 adolescentes mexicanos, concluíram que o resultado mais importante foi o risco observado até 2 vezes maior de perpetração (e vitimização) de violência no namoro entre os adolescentes que sofreram violência familiar, principalmente se a violência intrafamiliar foi severa. Outros estudos corroboram esse resultado (FOSHEE; BAUMAN; LINDER, 1999; FOSHEE et al., 2008; ROSEN; BARTLEHARING; STITH, 2001). Méndez e Hernández (2001) observaram que a violência física perpetrada pelo pai é mais determinante e, ainda, que o afeto recebido das mães é fator de risco para a perpetração de violência no namoro por adolescentes do sexo feminino quando há também história de castigo físico imposto pelo pai e testemunho de violência materna contra o pai.

Pesquisa que investigou a experiência passada de violência no namoro, como vítima ou perpetrador, como fator de risco para perpetração de violência no namoro atual de adolescentes (SEARS; BYERS; PRICE, 2007), verificou que ter sido vítima de violência física, psicológica ou sexual em relacionamentos anteriores é fator de risco para a perpetração de violência física, psicológica ou sexual no namoro, tanto para homens como para mulheres.

Banyard, Cross e Modecki (2006), em uma análise multivariada, observou que para os adolescentes do sexo masculino, a variável que melhor explicou a variância de perpetração de violência no namoro foi experiência passada de violência física ou sexual. Exposição à violência na comunidade também tem sido associada à perpetração de violência no namoro entre adolescentes de ambos os sexos (MALIK; SORENSON; ANESHENSEL, 1997; O'KEEFE, 1998), assim como violência na escola (O'KEEFE, 1998). Para O'Keefe (2005) tal associação ocorre pelo aumento da aceitação da violência em indivíduos expostos à violência na comunidade.

Características do relacionamento do adolescente com os pais, como proximidade, suporte e monitoramento também têm sido associadas com perpetração de violência no namoro (BANYARD; CROSS; MODECKI, 2006; PFLIEGER; VAZSONYI, 2006). Variáveis do relacionamento com o namorado(a) incluem maiores conflitos no namoro, satisfação com o relacionamento (O'KEEFE, 1997) e comprometimento (BURKE; STETS; PIROG-GOOD, 1988).

Os **fatores pessoais** incluem desde características físicas, como sexo e cor da pele, e psicológicas, como autoestima, até atitudes, crenças e opiniões pessoais, como praticar religião, consumo de álcool e drogas, envolvimento em transgressões, características como autoconfiança, autodeterminação e competência escolar e opiniões sobre a violência.

A maioria dos estudos sobre violência no namoro relata maior perpetração por parte das mulheres (BANYARD; CROSS; MODECKI, 2006; GRAY; FOSHEE, 1997; SHERER; SHERER, 2008; SHIFF e ZEIRA, 2005; STRAUS, 2008; STRAUS; RAMIREZ, 2007) com relação aos homens. Mas também existem resultados que contradizem essa associação (FOSHEE et al., 2008).

Pesquisas que avaliaram o papel das características demográficas para a violência no namoro observaram que adolescentes que não são brancos, considerados como minoria nas amostras estudadas, relataram perpetrar significativamente mais violência física moderada e severa, comparados aos adolescentes brancos (FOSHEE et al., 2001, 2008).

Outras variáveis citadas são: características da personalidade como autoestima, depressão, resiliência (BIRD; STITH; SCHLADALE, 1991; HOWARD; WANG, 2003a, 2003b; O'KEEFE, 1997); uso e abuso de substâncias (BANYARD; CROSS; MODECKI, 2006;

FOSHEE et al., 2001; O'KEEFE, 1997; RIVERA-RIVERA et al., 2007; SWART et al., 2002); aceitação do uso da violência (FOSHEE et al., 2008; FOSHEE; BAUMAN; LINDER, 1999; O'KEEFE, 1997; SWART et al., 2002); inabilidade de controle da raiva (ECKHARDT; JAMISON; WATTS, 2002) e habilidades de comunicação (FOLLETE; ALEXANDER, 1992; FOSHEE et al., 2008); e prática de transgressões (RIVERA-RIVERA et al., 2007).

Como **fatores contextuais** de risco para a violência no namoro são citados: nível socioeconômico, estrutura familiar, escolaridade dos pais, testemunho de violência seja na família, principalmente entre os pais, ou na comunidade, apoio social.

As variáveis demográficas contextuais comumente estudadas são nível socioeconômico (O'KEEFE, 1997), estrutura familiar (FOSHEE et al., 2008) e local/condições de moradia (FOSHEE, 1996; MALIK; SORENSON; ANESHENSEL, 1997; REUTERMAN; BURCKY, 1989) e escolaridade dos pais (FOSHEE et al., 2008).

Uma importante variável, repetidamente citada na literatura, é a exposição a modelos de agressão entre parceiros íntimos, principalmente entre os pais, embora os resultados das pesquisas sejam inconsistentes. Alguns estudos indicam que adolescentes que testemunham violência entre os pais possuem um maior risco de perpetração de violência no namoro (FOSHEE; BAUMAN; LINDER, 1999; BERNARD; BERNARD, 1983 apud LEWIS; FREMOUW, 2001), outros indicam que o risco é válido apenas para os homens (O'KEEFE, 1997; BURKE; STETS; PIROG-GOOD, 1988; KINSFOGEL; GRYCH, 2004). Porém há estudos que não encontraram associação (FOLLETTE; ALEXANDER, 1992; RIGGS; O'LEARY, 1996).

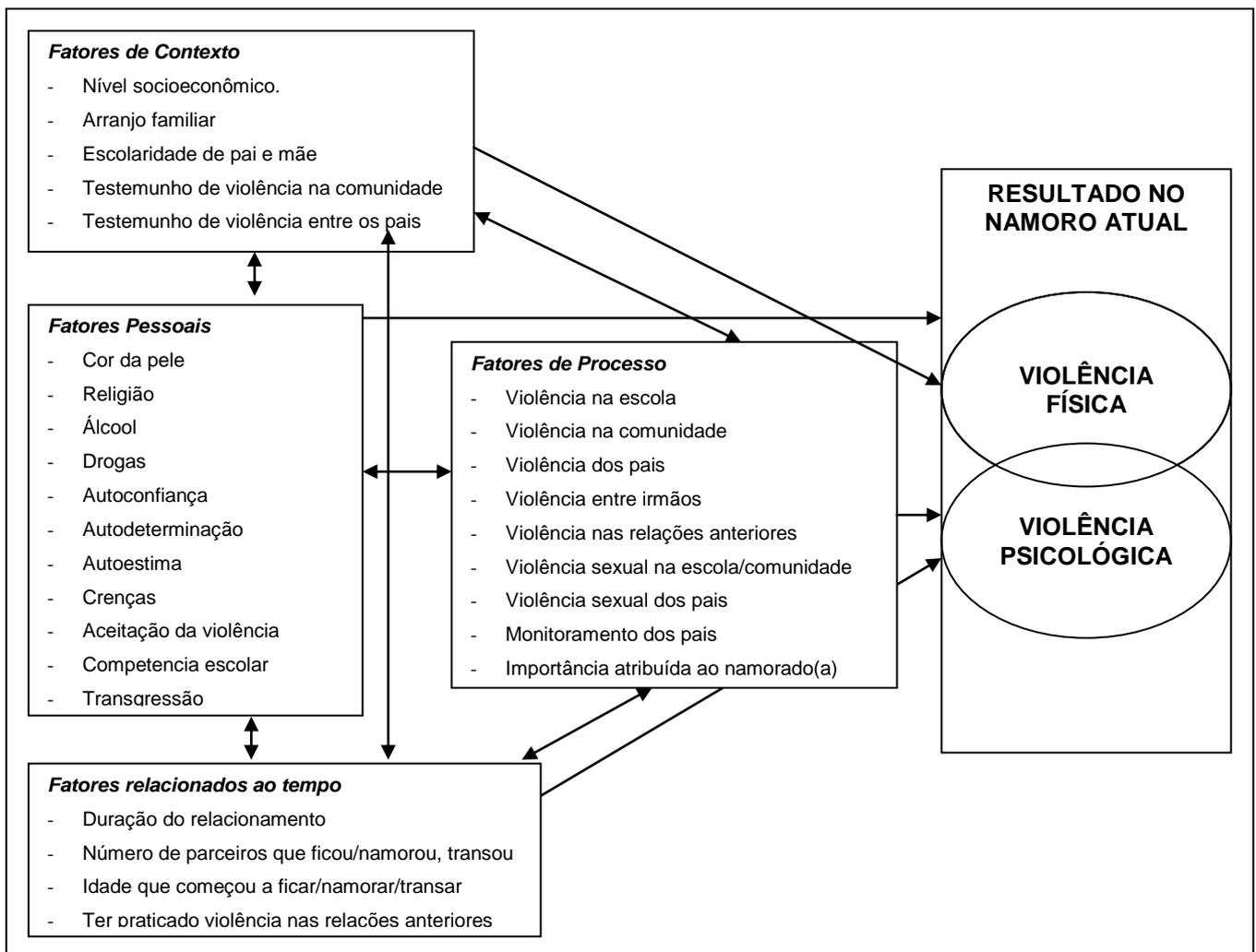
Da mesma forma, testemunhar ou ter conhecimento de violência praticada no namoro de amigos é frequentemente associado com perpetrar violência no próprio namoro (KISFOGEL; GRYCH, 2004; SWART et al., 2002). Arriaga e Foshee (2004) observaram uma maior influência dessa variável do que testemunhar violência entre os pais. Enquanto, dois outros estudos confirmaram essa associação apenas para as mulheres (FOSHEE et al., 2001; SEARS; BYERS; PRICE, 2007).

Os **fatores relacionados ao tempo** incluem a duração do relacionamento, idade de início das atividades afetivas e sexuais e número de parceiros.

As pesquisas sobre violência no namoro têm constatado que quanto mais envolvidos e comprometidos os namorados, o que está relacionado com o a duração do namoro (BURKE; STETS; PIROG-GOOD, 1988; O'KEEFE, 1997), maior o risco de violência no namoro. O número de parceiros com que o adolescente já se relacionou afetivamente e/ou sexualmente também está relacionado com a violência no namoro (O'KEFEE, 1997; RIVERA-RIVERA et al., 2007).

A proposta do modelo teórico explicativo para o estudo de fatores associados a violência física e psicológica entre namorados adolescentes, tendo como ancoragem a abordagem bioecológica de Bronfenbrenner (2005) e a revisão sobre fatores de risco, é apresentada na figura 1.

Figura 1. Modelo Conceitual para o Estudo de Fatores de Risco para Perpetração de Violência Física e Psicológica no Contexto das Relações de Namoro entre Adolescentes, segundo a Abordagem Bioecológica.



Fonte: Elaborado pela autora.

## 5 MÉTODO

Este trabalho faz parte de uma pesquisa (MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011), realizada em 10 capitais do Brasil, em maio de 2008, sob a coordenação de pesquisadores do Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli – CLAVES/ENSP/FIOCRUZ. Em Recife, a pesquisa foi coordenada pelo Laboratório de Estudos em Violência e Saúde – LEVES/CPQAM/FIOCRUZ.

### 5.1 Área do estudo - o município de Recife

O estudo foi desenvolvido em escolas das redes pública e privada na cidade do Recife. O município do Recife teve população estimada para o ano de 2007 em 1.528.970 habitantes, e densidade populacional de 6.982 habitantes por quilômetro quadrado. A taxa de crescimento anual do Recife é de 1,02%, sendo, atualmente, um dos maiores pólos de crescimento metropolitano do Nordeste. Dentre as características demográficas da cidade do Recife destaca-se a população jovem, representando 70% da população de até 39 anos de idade (AGÊNCIA ESTADUAL DE PLANEJAMENTO E PESQUISAS DE PERNAMBUCO, 2008).

No tocante à renda, registra-se a situação de pobreza e desigualdade social: em 2005, 31,3% das famílias do Recife estavam abaixo da linha da pobreza, com renda familiar mensal de até meio salário mínimo per capita e cerca de 30% das famílias com meio a um salário mínimo per capita. A taxa de alfabetização entre as pessoas com idade igual ou superior a 10 anos foi de 89,8% no ano 2005. A média de escolaridade na população com população com mais de dez anos foi de 7,5 anos de estudo (AGÊNCIA ESTADUAL DE PLANEJAMENTO E PESQUISAS DE PERNAMBUCO, 2008).

Com relação à morbidade, do total de internações, 9,1% foram por causas externas - quarto lugar entre as causas no ano de 2006. A taxa de internação por causas externas variou de 3,9 internamentos por mil habitantes em 2000 para 6,4 internamentos por mil habitantes em 2006, o que representa um aumento de 64,6%. Analisando a mortalidade proporcional, verifica-se que causas externas ocupam o terceiro lugar com 15,8%, com alto percentual na população de 10 a 49 anos, sendo mais expressivo na faixa etária de 15 a 19 anos (87,3%) (BRASIL, 2008).

## **5.2 Delineamento do estudo**

Foi desenvolvido um estudos de corte transversal, ou estudo de prevalência, com um estudo de caso-controle aninhado. Esse tipo de desenho permite verificar a frequência de ocorrência dos eventos de saúde numa população, e também investigar possíveis fatores associados, embora não sejam o delineamento mais eficiente para se estudar causalidade.

Entretanto possui como vantagens: rapidez, baixo custo e menor complexidade operacional, quando comparados aos estudos de coorte; além do que, sempre que possível, baseiam-se em amostras da população geral. As desvantagens consistem em não serem adequados para doenças raras ou de pequeno período de duração e na dificuldade de separar causa e efeito, porque as medidas de exposição e doença são feitas ao mesmo tempo (ANDRADE; ZICKER, 1997).

## **5.3 População do estudo**

Foi alvo desse estudo a população de adolescentes matriculados no segundo ano de ensino médio em escolas públicas e particulares, com idade entre 15 e 19 anos, da cidade do Recife.

Optou-se por realizar uma amostra de adolescentes matriculados em escolas públicas e particulares pelo elevado custo financeiro que significaria contemplar amostras domiciliares em várias regiões do país. Tem-se conhecimento de que esta decisão é uma limitante do nosso estudo, pois ao fazermos tal escolha, deixamos de fora do universo de adolescentes brasileiros que abandonaram o ensino formal, compondo um possível grupo de maior risco social, que poderia ter reflexo nas relações de namoro. Todavia, verifica-se que a maioria dos autores consultados também vivencia essa limitação, pois a quase totalidade dos trabalhos vem sendo realizada no espaço escolar, sobretudo por requererem menores custos operacionais. Para garantir a representatividade segundo estratos sócio-econômicos, optou-se por fazer duas amostras independentes, contemplando o ensino público (estadual) e o privado. Neste sentido, todas as escolas de cada segmento tiveram chance de serem incluídas no estudo. A escolha da rede estadual foi baseada na maior representatividade da população de estudo.

O recorte de alunos no segundo ano foi tomado devido à maior facilidade desse grupo em responder a temas mais delicados como o da sexualidade, e por não estarem ainda no último ano, etapa em que as escolas têm mais dificuldade em permitir a liberação de período para

pesquisa. Só participaram alunos do curso diurno (7 às 19 horas), pois os alunos do curso noturno são mais velhos e apresentam características muito distintas.

#### 5.4 Definição da amostra e tamanho amostral

O plano amostral do projeto definiu dois estratos, em função da natureza da instituição: pública e particular, pois se supõe que a diferença de estrato sócio-econômico pode ser considerada uma variável a ser analisada nesse estudo. Adotou-se a amostragem pelas proporções de cada estrato, com uma amostra aleatória simples.

A seleção se deu em múltiplos estágios. Na 1ª etapa foram selecionadas as escolas com probabilidade de seleção proporcional à quantidade de alunos do 2º ano; e na 2ª etapa uma turma foi selecionada aleatoriamente, dentro da escola, para a aplicação do questionário com todos os alunos. O plano amostral foi assim delineado com o objetivo de encontrar menor tamanho amostral com maior precisão e poder de inferência para a população envolvida. Os dados utilizados para o cálculo se referem ao número de matrículas no 2º ano do Ensino Médio do curso diurno no ano de 2006 fornecido pela Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco (Quadro 1).

Quadro1. Dados fornecidos pela Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco, referente ao número de matrículas no 2º ano do Ensino Médio do curso diurno no ano de 2006 para a cidade do Recife.

Rede de Ensino	Número de escolas	Número de turmas	Número de alunos matriculados
Estadual	109	520	22.798
Federal/municipal	4	196	965
Particular	106	28	7.813

O tamanho amostral estimado para a cidade de Recife foi de 320 alunos da 2ª série do Ensino Médio distribuído igualmente pelos estratos de natureza da escola, ao nível de 99% de confiança, erro relativo de 5% e prevalência de 70% para violência (prevalência encontrada na amostra de Manaus, primeira cidade a ser pesquisada e que serviu de referência para todo o prosseguimento do estudo).

## 5.5 Variáveis estudadas e categorizadas

### 5.5.1 Variáveis dependentes

- a) Co-ocorrência de violência física e psicológica: relato de perpetração de agressão física e psicológica contra um namorado(a), no último ano.
- b) Cronicidade de violência física: relato de perpetração de agressão física crônica contra um namorado(a), no último ano.

As variáveis dependentes serão analisadas segundo os padrões de direcionalidade (ambos perpetram ou somente o homem ou somente a mulher) e serão operacionalizadas de acordo com os critérios descritos na análise dos dados.

### 5.5.2 Variáveis independentes

De acordo com a literatura pesquisada, serão abordadas as variáveis citadas como fatores de risco para violência física e psicológica no namoro. Todas as variáveis, segundo as dimensões do Modelo Bioecológico de Bronfenbrenner (2001), são listadas a seguir.

#### a) Fatores de Processo

- Sofrer violência na escola.
- Sofrer violência na comunidade.
- Sofrer violência da mãe (verbal, física leve/severa).
- Sofrer violência do pai (verbal, física leve/severa).
- Sofrer violência entre irmãos (psicológica, física).
- Sofrer violência nas relações anteriores (verbal, física, sexual).
- Sofrer violência sexual na escola/comunidade.
- Sofrer violência sexual dos pais.
- Monitoramento dos pais: acompanhamento e supervisão dos pais.
- Importância atribuída ao namorado(a).

#### b) Fatores Pessoais

- Cor da pele autorreferida como branca, ou não branca.
- Religião: praticar ou não alguma religião.

- Álcool: já ter consumido álcool até se embriagar.
- Drogas: já ter consumido maconha, cocaína, *crack* ou ecstasy.
- Autoconfiança: acreditar que vai conseguir terminar os estudos.
- Autodeterminação: defender idéias e opiniões com amigos e namorado(a).
- Autoestima: baixa ou alta.
- Crenças: opinião pessoal acerca de agressões contra namorado(a), pancadaria entre casais a agressão a prostitutas e homossexuais.
- Aceitação da violência como forma de resolução de conflitos no namoro.
- Competência escolar: desempenho autoreferido quanto a notas escolares e participação na escola.
- Transgressão: praticar atos de transgressão leve, moderada ou grave.

#### c) Fatores de Contexto

- Nível socioeconômico.
- Arranjo familiar: pertencer a família nuclear ou não.
- Escolaridade de pai e mãe .
- Testemunho de violência na comunidade.
- Testemunho de violência entre os pais (psicológica e física).

#### d) Fatores relacionados ao Tempo

- Duração do relacionamento: menos de 1 semana, entre 1 semana a 1 mês, de 1 a 6 meses, de 6 a 11 meses, de 1 a 2 anos, de 3 a 7 anos.
- Número de parceiros que ficou/namorou, transou.
- Idade que começou a ficar/namorar/transar.
- Ter praticado violência nas relações anteriores (verbal, física, sexual).

### 5.6 Instrumentos de coleta

O instrumento elaborado pela equipe de pesquisadores do CLAVES, consistiu de um questionário fechado de autopreenchimento, que foi pré-testado (ANEXO A). O questionário é extenso, composto por várias questões isoladas e escalas, discriminadas em blocos e descritas a seguir.

Bloco 1. Características sócio-demográficas: sexo, idade, cor da pele, religião, escolaridade dos pais. Além de:

- estrutura familiar agregada: pai e mãe vivendo juntos com a criança; pai e madrasta ou mãe e padrasto; só com um dos pais; sem pai e sem mãe;
- nível sócio-econômico das famílias: através do critério de classificação econômica da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA, 2010) chamado Critério Brasil e usado na pesquisa de mercado em geral. Funciona como um estimador para a capacidade de consumo, a partir da tabulação de onze indicadores-chave: televisão a cores, videocassete, rádio, banheiro, automóvel, empregada mensalista, aspirador de pó, máquina de lavar roupas, geladeira sem freezer, geladeira duplex ou freezer, e grau de instrução do chefe da família. Este critério tem alta correlação com a renda familiar. Ao focalizar a presença de bens de consumo duráveis, toma como foco a capacidade de consumo das famílias brasileiras, deixando de lado fatores como o capital cultural, determinantes na estruturação do espaço social.

Bloco 2. Atributos individuais e próprios da juventude como participar de atividades em grupo e ter se apaixonado, além das seguintes questões.

- Auto-estima, aferida pela escala de Rosenberg (1989). É um instrumento amplamente utilizado e conhecido internacionalmente. Essa escala foi padronizada em uma população de 5.024 adolescentes em 10 escolas públicas selecionadas de Nova York, obtendo alto coeficiente de confiabilidade (0.92). É uma medida com 10 itens designados a avaliar globalmente a atitude positiva ou negativa de si mesmo. Pode ser usada para adultos e adolescentes, obtendo uma alta consistência interna. As opções de resposta variam em 4 tipos: concordo totalmente, concordo, discordo, discordo totalmente. Uma elevada auto-estima é indicada por um escore alto. A versão utilizada nesta pesquisa relatório foi adaptada no Brasil por Avanci et al. (2007).
- Uso de droga pelo jovem no último ano, categorizado como ausência ou presença de pelo menos um dos seguintes comportamentos: consumo de bebida alcoólica até se embriagar ou sentir-se bêbado (ficar de “porre”); usar maconha, cocaína, “crack”, ou pasta de coca, remédio para emagrecer, calmante/tranquilizante, anabolizante (“bomba para ficar forte”). As opções de resposta são: muitas vezes, poucas vezes e nunca.

Bloco 3. Contempla a relação com pares e pessoas da escola, a vivência na escola e comunidade e o desempenho escolar. Foram aferidos itens sobre competência escolar (notas escolares, participação na escola) e testemunhar alguns eventos na escola/comunidade em que vive, como: ver pessoas: puxando fumo/usando drogas, serem agredidas fisicamente, vendendo/comprando drogas, sendo presas, sacarem arma para outras, levando tiro, serem esfaqueadas, seqüestradas ou mortas. Outros testemunhos indagados foram ver o corpo de alguém assassinado, roubos com arma de fogo e arrombamentos. Outras variáveis são investigadas neste bloco.

- Violência na escola e na localidade como proposto pela ONU em pesquisas sobre violações auto-assumidas (*self reported offenses*). No Brasil, vem sendo empregado pelo Instituto Latino-Americano das Nações Unidas para a Prevenção do Delito e Tratamento do Delinqüente - ILANUD/ONU (KAHN et al., 1999). Cada qual compõe um indicador de violência, composto por 8 itens, que avalia se o jovem já sofreu violência nesses espaços sociais através de humilhação, ameaça, agressão, se já teve danificado alguma coisa sua, se já conviveu com pessoas que carregam armas brancas ou de fogo, se já foi furtada e roubada. Em estudo anterior com esses indicadores (ASSIS; PESCE; AVANCI, 2006), a violência na escola mostrou  $\alpha$  de Cronbach de 0,4238, ICC de 0,6342. A violência na localidade apresentou alpha de 0,4596 e ICC de 0,6992.
- Jovem transgressor: também faz parte dos instrumentos sobre violações auto-assumidas do ILANUD/ONU (KAHN et al., 1999). É constituído por nove questões dicotômicas (sim/não) sobre atos praticados no último ano: falsificar a assinatura de alguém em documentos, danificar de propósito objetos alheios, agredir alguém severamente, humilhar alguém mostrando superioridade, tomar parte de uma briga na qual um grupo de amigos luta contra outro grupo, portar arma branca, portar arma de fogo, furto (apropriar-se de um objeto sem conhecimento do seu dono) e roubo (apropriar-se de um objeto de alguém à força). Em trabalho anterior (ASSIS; AVANCI, 2004) obteve-se  $\alpha$  de Cronbach de 0,7 e ICC de 0,4.
- Representação de violência. Foram indagadas questões sobre como avalia algumas ações: humilhar namorada (o), agredir namorado (a), pancadaria entre casais, agredir prostitutas e homossexuais. As opções de resposta são: muito grave, grave e não é grave.

Bloco 4. Experiências de “ficar”/namorar, idade em que começou a namorar e a ficar, número de pessoas que namorou/ficou, tipos de relação de ficar/namorar, experiência de transar,

número de pessoas com quem transou, transar com pessoas de mesmo/diferente sexo. Em relação a autodeterminação na relação afetiva perguntou-se: defender idéias com pessoas com quem fica/namora e contribuir para diálogo/respeito na relação com parceiros. Definição de um(a) parceiro(a) (atual ou mais recente namorado) para responder as seguintes perguntas: idade do parceiro(a), duração deste relacionamento, frequência com que brigavam, importância deste parceiro, se é atual ou ex-parceiro.

- Violência entre namorados: Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory – CADRI (WOLFE et al., 2001). Utilizada para avaliar a violência nos relacionamentos afetivos entre adolescentes. Foi realizada a adaptação transcultural desta escala para a língua portuguesa (MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011). É uma escala com 70 itens; 25 aferem violência sofrida, 25 violência perpetrada e 20 são itens que distraem o jovem da ênfase no tema da violência, não fazendo parte da análise da escala. A CADRI afere os abusos: físico, sexual, verbal/emocional e relacional, além dos comportamentos ameaçadores no relacionamento amoroso entre adolescentes. Cada pergunta da escala é duplicada, indagando sobre o comportamento do jovem enquanto perpetrador da ação e como vítima da mesma. As opções de resposta são: 0-nunca, 1-raramente, 2-algumas vezes e 3-frequentemente. A escala deve ser respondida baseada em um único relacionamento estabelecido nos últimos 12 meses.
- Violência em relacionamentos anteriores: frequência de agressões verbal, física e sexual sofridas e perpetradas.

Bloco 5. Engloba o relacionamento familiar como monitoramento dos pais e a violência na família:

- Violência familiar dos pais contra os filhos foi mensurada pela Escala Tática de Conflitos (*Conflict Tactics Scale* - STRAUS, 1979). A CTS original em inglês tem sido investigada desde sua concepção e vários estudos apontam para uma baixa taxa de recusa; boa confiabilidade; e validade do tipo concorrente, de constructo, e de conteúdo. Consiste de uma lista de ações que pode tomar um membro da família quando em conflito com outro. Foi desenvolvida a partir de análise fatorial, cobrindo três táticas de conflito: argumentação (uso de discussão racional e argumentação), agressão verbal (xingar ou insultar, ficar emburrado, chorar, fazer coisas para irritar, destruir, bater ou chutar objetos) e violência (jogar objetos sobre o pesquisado,

empurrar, dar tapas ou bofetadas, murros, chutar, bater ou tentar bater com objetos, espancar, ameaçar ou realmente usar armas de fogo ou faca). Esta última costuma ser avaliada em violência menor (três primeiros itens) e violência severa. Um item positivo em cada uma das sub-escalas é considerado um caso. Foi validada para a população brasileira (MORAES; HASSELMANN; REICHENHEIM, 2002).

- Violência entre irmãos: atos como agressões a ponto de se machucarem, xingar ou humilharem um aos outros.
- Violência entre pais: atos como agressões a ponto de se machucarem ou humilharem um aos outros.
- Violência sexual: se a relação com os pais já envolveu alguma experiência sexual; se já sofreu agressão sexual na escola/comunidade.

## **5.7 Coleta dos dados**

Foi realizado inicialmente um contato com a direção ou coordenação de cada uma das escolas. Este primeiro contato teve como objetivo agendar data e horário de visita dos pesquisadores à instituição de ensino para aplicação dos questionários e explicar os termos da pesquisa, a garantia do anonimato dos alunos participantes e a seriedade do trabalho. Também neste momento foi entregue a carta de anuência da Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco, juntamente com uma carta de apresentação da pesquisa, para ciência e apoio da direção/coordenação de cada escola.

Houve pronta aceitação da pesquisa por parte da direção de todas as escolas públicas e particulares, inclusive com muitas manifestações de entusiasmo e de reconhecimento da importância do estudo. A direção/coordenação das escolas determinou o horário mais oportuno para a aplicação do questionário que tem duração média de 60 minutos.

Num segundo momento, foi realizada a visita para aplicação do questionário aos alunos presentes nas turmas sorteadas. Os questionários foram aplicados por uma equipe de 4 pessoas (2 pesquisadores do CLAVES e 2 do LEVES) que forneciam uma breve explicação sobre o preenchimento do questionário e permaneciam na sala de aula durante todo o processo. Algumas ilustrações em cartolina eram afixadas na parede para melhor compreensão do questionário por parte dos alunos.

Não houve nenhuma recusa de aluno em participar da pesquisa. A amostra obtida foi de 355 adolescentes, sendo que 53 foram excluídos de acordo com os critérios: idade não informada e nunca ter “ficado” ou namorado. De forma que a amostra final para análise é de 302 adolescentes, sendo 133 da rede de ensino público e 169 do ensino privado.

O estudo de confiabilidade teste-reteste foi realizado a fim de avaliar o instrumento utilizado e garantir a qualidade do processo de aferição. Para tanto, a aplicação dos questionários foi repetida, 14 dias após a primeira aplicação, em duas das turmas selecionadas.

O estudo de confiabilidade teste-reteste da CADRI, para a pesquisa nas dez capitais, obteve ICC que varia entre 0,366 e 0,659 para violência sofrida e entre 0,471 e 0,701 para violência perpetrada (considerados os resultados de forma contínua). Os índices de correlação intraclasse (ICC) encontrados indicam estabilidade teste-reteste satisfatória, segundo critério descrito por Szklo e Nieto (2000), já que apresentam valores acima de 0.4. Somente a ameaça sofrida foi considerada com baixa reprodutibilidade (<0.4).

### **5.8 Processamento e plano de análise dos dados**

O processamento dos dados foi realizado pela equipe do CLAVES, de forma sistematizada. O banco de entrada de dados foi criado no programa EpiData 3.1, cumprindo quatro rigorosas etapas durante o processamento: codificação, dupla digitação de todos os questionários, crítica e análise.

Posteriormente, o banco gerado foi submetido a novos procedimentos de crítica pela equipe do LEVES, a fim de verificar possíveis erros de digitação e detecção de inconsistências no banco. Finalizada a etapa de processamento de dados, toda a informação obtida foi convertida para o pacote estatístico Statistical Package for the Social Sciences (SPSS 17.0), já que este oferece recursos mais ricos para a análise dos dados.

A etapa seguinte consistiu na análise dos dados quantitativos, que foram inicialmente analisados através da estatística descritiva (frequência absoluta e relativa, segundo o sexo, e cruzamento de variáveis).

Todas as análises estatísticas incorporaram: o *peso amostral*, a fim de que fossem corrigidas as estimativas pontuais (como, por exemplo, os percentuais) e o *desenho amostral*, visando corrigir as estimativas de variância. Essa opção deveu-se à menor estimativa de variância,

característica dos desenhos amostrais conglomerados, em comparação com os testes estatísticos normalmente utilizados em amostra aleatória simples. As análises foram feitas com o pacote de análise para amostra complexa do software SPSS 17.0.

#### 5.8.1 Operacionalização da co-ocorrência

Para o estudo da co-ocorrência, a variável dependente consistiu da perpetração de violência física e psicológica concomitantemente. Nessa análise foi considerado caso a presença de um ou mais itens afirmativos de perpetração de violência física e psicológica, independentemente da frequência.

Os dados foram analisados através da estatística descritiva (frequência absoluta e relativa de violência física, psicológica e co-ocorrência, segundo o sexo). Para identificar a associação entre as variáveis independentes e violência psicológica e co-ocorrência, foi realizada a análise univariada. Foi utilizado o teste do qui-quadrado, quando indicado, com nível de significância de 20% para selecionar as variáveis para o modelo multivariado de regressão logística. A seleção de variáveis dentro da análise multivariada foi realizada utilizando o algoritmo Forward Stepwise, com probabilidade de entrada no modelo de 5%.

#### 5.8.2 Operacionalização da cronicidade

Foram utilizadas as respostas da CADRI relativas a atos de violência física perpetrados contra o parceiro nos últimos 12 meses, segundo a frequência com que foi praticada nesse período, e agrupadas pelo padrão da escala: nunca; raramente (ocorreu 1 ou 2 vezes); às vezes (ocorreu entre 3 a 5 vezes); e sempre (ocorreu 6 vezes ou mais).

Para cada um dos quatro itens referentes à violência física perpetrada (jogar algo sobre o parceiro(a); bater, chutar ou dar um soco; dar um tapa/puxar cabelo; empurrar ou sacudir), foi atribuído peso 0, 1, 2 ou 3 para as respostas “nunca”, “raramente”, “às vezes” e “sempre”, respectivamente. A cronicidade foi calculada a partir da soma dos escores assim mensurados, utilizando-se a mediana como ponto de corte para a cronicidade, baseado no estudo de Straus e Ramirez<sup>3</sup>. Dessa forma, foram criados três grupos: “violência crônica” (total da soma igual ou maior que 3), “violência ocasional” (total da soma entre 1 e 2) e “ausência de violência” (total da soma zero); esse último foi utilizado como referência na análise.

Para o total da amostra estudada, de 302 adolescentes, foram realizadas análises de estatística descritiva (frequência de violência física crônica e ocasional). Para identificar a associação entre as variáveis independentes e violência física crônica e ocasional, foram selecionados aleatoriamente 60 controles e todos os casos dentro da amostra. Inicialmente, foi realizada a análise univariada e utilizado o teste do qui-quadrado, quando indicado, com nível de significância de 20% para selecionar as variáveis para o modelo multivariado de regressão logística multinomial. A seleção de variáveis dentro da análise multivariada foi realizada utilizando o algoritmo Forward Stepwise, com probabilidade de entrada no modelo de 10%.

### 5.8.3 Operacionalização da direcionalidade

Foi criada uma variável dicotômica para cada tipo de violência (geral, física, verbal/emocional, ameaça e relacional), sendo considerado caso o adolescente que relatou ter sofrido (vitimização) ou ter perpetrado (perpetração) pelo menos um ato de violência da escala. Utilizou-se o conceito de violência bidirecional, quando o adolescente respondeu ter perpetrado e ter sofrido violência em um mesmo relacionamento, sugerindo que ambos os parceiros agem com violência. Os dados foram analisados através do indicador de prevalência (número de casos de perpetração e/ou de vitimização dividido pela amostra total do estudo), segundo o sexo.

## 5.9 Aspectos éticos

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ANEXO B). Autorização para a pesquisa também foi dada por escrito pela Secretaria Estadual de Educação de Pernambuco. A direção das escolas envolvidas e os alunos que participaram da investigação assinaram um termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXOS C e D), conforme preconizado na Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, que normaliza as pesquisas com seres humanos.

## **6 ARTIGO 1 - Co-ocorrência de violência física e psicológica entre namorados adolescentes do Recife, Brasil: prevalência e fatores associados**

O primeiro artigo da tese, com o título “Co-ocorrência de violência física e psicológica entre adolescentes namorados do Recife, Brasil: prevalência e fatores associados” foi aceito para publicação na Revista Ciência e Saúde Coletiva e está publicado on-line no endereço: [http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/artigo\\_int.php?id\\_artigo=8926](http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/artigo_int.php?id_artigo=8926).

**Co-ocorrência de violência física e psicológica entre adolescentes namorados do Recife, Brasil: prevalência e fatores associados.**

Co-occurrence of physical and psychological dating violence among adolescents in Recife, Brazil: prevalence and associated factors.

Alice Kelly Barreira

Laboratório de Estudos em Violência e Saúde (LEVES), Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães – FIOCRUZ

Maria Luiza Carvalho de Lima

Laboratório de Estudos em Violência e Saúde (LEVES), Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães – FIOCRUZ

Joviana Quintes Avanci

Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli (CLAVES) – FIOCRUZ

Contribuições individuais: AK Barreira, MLC de Lima e JQ Avanci trabalharam na pesquisa e na redação do trabalho.

**Resumo**

Os objetivos foram estimar a prevalência de perpetração de violência física e psicológica entre adolescentes namorados de Recife, identificar fatores associados e a co-ocorrência de ambos os tipos de violência. Participaram do estudo 302 adolescentes de escolas públicas e particulares, com idade entre 15 e 19 anos, que tiveram algum relacionamento amoroso no último ano e esses preencheram o questionário. Foram realizadas análise univariada e regressão logística e todas as análises estatísticas incorporaram o peso amostral e o desenho da amostra complexa. A prevalência de violência física foi de 19,9%, de 82,8% para violência psicológica e de 18,9% para a co-ocorrência de violência física e psicológica. Os adolescentes que vivenciaram violência na comunidade e em relacionamentos de mais de um ano de duração apresentaram maiores chances de perpetrar violência psicológica. Enquanto, sofrer violência física do pai, entre irmãos e em namoros anteriores, além de ter perpetrado violência verbal em relacionamentos anteriores, foram variáveis que aumentaram a chance de

perpetração de violência física e psicológica no namoro. Conclui-se que a violência psicológica e a co-ocorrência de violência física e psicológica possuem uma dinâmica distinta da violência física no namoro.

**Palavras-chave:** adolescentes, violência, fatores de risco.

### **Abstract**

Objectives were to assess the prevalence of physical and psychological dating violence among adolescents from Recife, Brazil, to identify associated factors and the co-occurrence of both violence types. Adolescents in public and private school, participated of the study filling out the questionnaire. Only data of 302 adolescents with age between 15 and 19 years and that had any dating relationship in the last year were included. Univariate and multivariate logistic regression statistical analysis were performed and all entered the sample weight and the complex sample design. The prevalence of perpetration of physical violence was 19,9%, 82,8% for psychological violence and 18,9% for the co-occurrence of physical and psychological violence. Teenagers who have experienced violence in the community and who were in dating relationships of more than one year duration were more likely to perpetrate psychological violence. For the co-occurrence of physical and psychological violence, the variables that increased the chance of perpetration were: to suffer father's physical violence, violence among siblings, to suffer physical dating violence in previous relationships and perpetration of verbal violence in previous relationships. It is concluded that psychological violence and co-occurrence of physical and psychological violence have a distinct dynamics of physical violence in dating relationships.

**Keywords:** adolescents, violence, risk factors.

### **Introdução**

O estudo da violência nas relações afetivo-sexuais de jovens e adolescentes (namoro, ficar) deriva das pesquisas sobre a violência contra a mulher nas relações entre parceiros íntimos na vida adulta, que tiveram início a partir do esforço do movimento feminista em denunciar a violência doméstica na década de 1970. Atualmente, sabe-se que a violência nas relações afetivo-sexuais de jovens e adolescentes, além de representar um potencial precursor da violência entre parceiros íntimos na fase adulta<sup>1</sup>, tem especificidades próprias da faixa etária e é tão grave quanto essa, em termos de prevalência, lesões e danos psicológicos à vítima; e, portanto, deve ser estudada independentemente<sup>2</sup>.

Usualmente denominada violência no namoro (*dating violence, courtship violence, violence amoureuse*), a violência nas relações íntimas de adolescentes inclui agressão física, abuso psicológico e sexual. Jovens e adolescentes de ambos os sexos podem ser vítimas e/ou perpetradores da violência, mas, geralmente têm dificuldade em reconhecer a violência como tal<sup>3</sup> e raramente procuram ajuda<sup>4,5</sup>.

As pesquisas que abordam as relações de namoro de adolescentes apontam sempre altas prevalências de violência, mas que apresentam ampla variação, em torno de: 10%<sup>6</sup>, 15%<sup>7,8</sup>, 20%<sup>9</sup>, 40%<sup>10,11</sup>, 80%<sup>12,13</sup>. A disparidade nos dados de prevalência é frequentemente atribuída à utilização de diferentes metodologias e à ausência de um padrão conceitual<sup>14</sup>. Em pesquisa realizada em jovens universitários de 32 nações, incluindo o Brasil, 17% a 49% deles relataram ter agredido fisicamente o parceiro no último ano, com média de 29%. A prevalência de agressões físicas mais severas, como esmurrar, estrangular e agredir com armas foi em média 10%<sup>15</sup>.

Na maioria dos estudos o foco tem sido principalmente para a violência física, enquanto há uma atenção muito limitada à agressão psicológica ou sexual<sup>16</sup>. Mesmo quando variadas formas de violência são avaliadas, essas têm sido abordadas isoladamente uma das outras, ou então são estudadas como uma questão única. Dessa forma, pouca visibilidade é dada ao fenômeno denominado de polivitimização ou co-ocorrência da violência, entendido pela existência de vitimização ou de perpetração, respectivamente, simultânea de mais de um tipo de violência – física, psicológica ou sexual<sup>17,18</sup>.

Os poucos estudos que abordaram violência física e psicológica no namoro sugeriram sua associação<sup>19,20</sup>, onde a violência psicológica pode ser um indicador de violência física simultânea ou longitudinalmente<sup>20</sup>. Sears, Byers e Price<sup>18</sup> avaliaram a co-ocorrência de violência física, psicológica e sexual, e observaram que 19% dos garotos e 26% das garotas relataram ter feito uso de pelo menos duas formas de violência.

O conhecimento dos fatores de risco para a violência no namoro é primordial para a interrupção do ciclo de violência por meio de intervenções e tratamentos efetivos. Infelizmente, a dificuldade de encontrar consenso na literatura sobre violência no namoro também é válida para o estudo dos fatores de risco. Os trabalhos compartilham poucas variáveis comuns na investigação sobre fatores de risco ou proteção<sup>21</sup>. Além disso, avaliam poucos fatores de cada vez e, geralmente, na ausência de modelos teóricos explicativos. Para

Foshee et al.<sup>22</sup>, muitas das associações observadas podem ter sido confundidas por outras variáveis associadas tanto com o fator estudado como com a violência no namoro e que não foram incluídas nas pesquisas.

Embora exista uma vasta literatura internacional sobre a violência no namoro, no Brasil apenas recentemente o tema tem despertado o interesse da comunidade científica<sup>23,24</sup>. A pouquíssima produção nacional sobre o assunto e a inadequação em utilizar dados de outros países e de diferentes culturas alertam para a necessidade de estudos que investiguem a prevalência, os fatores associados e as especificidades da violência no namoro em adolescentes e jovens brasileiros.

O presente estudo teve como objetivos estimar a prevalência de violência física e psicológica entre namorados adolescentes de Recife, assim como identificar seus fatores associados e a co-ocorrência de ambos os tipos de violência investigados.

## **Método**

Esta pesquisa é um recorte de um projeto de delineamento transversal, realizado em 10 capitais do Brasil no ano de 2008, do qual neste trabalho somente os dados referentes à cidade do Recife serão apresentados<sup>24</sup>. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (Protocolo de Pesquisa CEP/ENSP nº 07/08). Autorização para a pesquisa também foi dada por escrito pela Secretaria Estadual de Educação de Pernambuco. A direção das escolas envolvidas e os alunos que participaram da investigação assinaram um termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme preconizado na Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, que normaliza as pesquisas com seres humanos.

Foi alvo desse estudo a população de adolescentes matriculados no segundo ano de ensino médio de escolas públicas (estaduais) e particulares, com idade entre 15 e 19 anos, da cidade do Recife.

O recorte de alunos no segundo ano foi tomado devido à maior facilidade desse grupo em responder a temas mais delicados como o da sexualidade, e por não estarem ainda no último ano, etapa em que as escolas têm mais dificuldade em permitir a liberação de período para

pesquisa. Só participaram alunos do curso diurno (7 às 19 horas), pois os alunos do curso noturno são mais velhos e apresentam características muito distintas.

O plano amostral definiu dois estratos, em função da natureza da instituição: pública e particular, para garantir a representatividade segundo estratos sócio-econômicos. Adotou-se a amostragem pelas proporções de cada estrato, com uma amostra aleatória simples. A seleção se deu em múltiplos estágios. Na 1ª etapa foram selecionadas as escolas com probabilidade de seleção proporcional a quantidade de alunos do 2º ano; e na 2ª etapa uma turma foi selecionada aleatoriamente, dentro da escola, para a aplicação do questionário com todos os alunos. O plano amostral foi assim delineado com o objetivo de encontrar menor tamanho amostral com maior precisão e poder de inferência para a população das cidades envolvidas<sup>25</sup>.

O tamanho amostral estimado para a cidade de Recife foi de 320 alunos da 2ª série do ensino médio distribuído igualmente pelos estratos de natureza da escola, ao nível de 99% de confiança, erro relativo de 5% e prevalência de 70% para violência (prevalência encontrada na amostra de Manaus, primeira cidade a ser pesquisada e que serviu de referência para todo o estudo). Os dados utilizados para o cálculo se referem ao número de matrículas no 2º ano do ensino médio do curso diurno no ano de 2006 fornecido pela Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco.

Não houve nenhuma recusa de aluno em participar da pesquisa. A amostra obtida foi de 355 adolescentes, sendo que 53 foram excluídos de acordo com os critérios: idade não informada e nunca ter “ficado” ou namorado. De forma que a amostra final para análise foi de 302 adolescentes, sendo 133 da rede de ensino público e 169 do ensino privado.

O instrumento, elaborado pela equipe de pesquisadores do Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli (CLAVES), consistiu de um questionário fechado de autopreenchimento, que foi pré-testado.

Utilizou-se o *Conflict in Adolescent Dating Relationship Inventory* – CADRI<sup>8</sup> para avaliar a violência nos relacionamentos afetivos dos adolescentes (independentemente da idade do parceiro/a), por ser uma escala criada especificamente para o universo de adolescentes e adaptada para língua portuguesa<sup>24</sup>. É uma escala com 70 itens, dos quais 25 aferem violência sofrida, 25 referem-se a violência perpetrada e 20 são itens que distraem o jovem da ênfase no tema da violência, não fazendo parte da análise da escala. A CADRI afere cinco formas de

violência presentes no relacionamento amoroso entre adolescentes: a) física; b) sexual; c) psicológica, discriminada em três sub-tipos: ameaças, verbal/emocional e relacional. Neste trabalho, os itens da escala que aferem violência sexual não foram utilizados.

Na escala CADRI adaptada para a língua portuguesa<sup>24</sup>, os índices de correlação intraclassa (ICC) encontrados para a violência perpetrada indicam estabilidade teste-reteste satisfatória, segundo critério descrito por Szklo e Nieto<sup>26</sup>, com valores acima de 0.4: 0,497 (IC 95% 0,422-0,566) para violência física, 0,459 (IC 95% 0,381-0,531) para ameaças, 0,497 (IC 95% 0,421-0,566) para violência relacional e 0,701 (IC 95% 0,637-0,754) para violência verbal. A análise do Alpha de Cronbach na amostra revelou boa consistência interna para a maioria das violências, com exceção da violência relacional que apresenta uma consistência interna mais reduzida. Vale destacar que apenas 3 itens compõem a violência relacional, o que pode influir nos resultados obtidos: 0,819 para violência física perpetrada; 0,691 para ameaça perpetrada; 0,539 para violência relacional perpetrada; 0,844 para violência verbal emocional perpetrada.

As variáveis perpetração de violência psicológica e perpetração de violência física e psicológica concomitantemente, chamada de co-ocorrência foram consideradas dependentes no estudo. A presença de violência foi considerada quando existiram um ou mais itens afirmativos de perpetração de violência.

Como variáveis independentes, outras questões foram aferidas para contextualizar as relações de violência nas relações íntimas de adolescentes. As questões foram agrupadas segundo as dimensões do modelo bioecológico de Bronfrenbrenner<sup>27</sup>, listadas a seguir.

a) Fatores de processo: violência na escola e violência na comunidade<sup>28</sup>; ter sofrido violência verbal e física da mãe, ter sofrido violência verbal e física do pai (Conflict Tactics Scale<sup>29</sup>); já ter brigado com irmãos a ponto de se machucarem; ter sofrido violência verbal, física e sexual em relacionamentos anteriores; monitoramento dos pais; e importância atribuída ao namorado(a).

b) Fatores pessoais: sexo; cor da pele; religião; uso de álcool; uso de drogas; autoestima (escala de Rosenberg, 1989 adaptada por Avanci et al.<sup>30</sup>); desempenho escolar; aceitação da violência feminina no namoro; aceitação da violência masculina no namoro.

c) Fatores de contexto: arranjo familiar; extrato socioeconômico (escala ABEP<sup>31</sup>); escolaridade da mãe; testemunho de violência na comunidade; testemunho de violência psicológica entre os pais; testemunho de violência física entre os pais.

d) Fatores relacionados ao tempo: duração do relacionamento; idade que começou a ficar, namorar e transar; ter praticado violência verbal nos relacionamentos anteriores; ter praticado violência física nos relacionamentos anteriores.

Todas as análises estatísticas incorporaram: o *peso amostral*, a fim de que fossem corrigidas as estimativas pontuais (como, por exemplo, os percentuais) e o *desenho amostral*, visando corrigir as estimativas de variância. Essa opção deveu-se à menor estimativa de variância, característica dos desenhos amostrais conglomerados, em comparação com os testes estatísticos normalmente utilizados em amostra aleatória simples. As análises foram feitas com o pacote de análise para amostra complexa do software SPSS 17.0.

Os dados foram analisados através da estatística descritiva (frequência absoluta e relativa de violência física, psicológica e co-ocorrência, segundo o sexo). Para identificar a associação entre as variáveis independentes e violência psicológica e co-ocorrência, foi realizada a análise univariada. Foi utilizado o teste do qui-quadrado, quando indicado, com nível de significância de 20% para selecionar as variáveis para o modelo multivariado de regressão logística. A seleção de variáveis dentro da análise multivariada foi realizada utilizando o algoritmo Forward Stepwise, com probabilidade de entrada no modelo de 5%.

## **Resultados**

Do total de 302 adolescentes que participaram do estudo, 56,3% eram do sexo feminino e a maioria se considerava de cor branca (41,7%) ou parda (37,3%). A maior parte da amostra foi composta de estudantes da rede de ensino privado (56,0%) e representantes dos extratos sociais A e B (54,1%). Com relação à escolaridade de pai e mãe, observou-se um percentual mínimo de analfabetismo (0,7% e 2,4%, respectivamente), com 45,6% dos pais e 39,7% das mães tendo cursado o ensino médio. A maioria dos adolescentes (74,0%) afirmou praticar alguma religião.

Sessenta adolescentes (19,9%) relataram perpetrar violência física contra os seus parceiros, sendo 37 meninas (21,8%) e 23 meninos (17,4%). Para violência psicológica, a prevalência de

perpetração foi de 82,8%, sendo 80,6% no sexo feminino e 85,6% no sexo masculino. A prevalência de co-ocorrência de violência física e psicológica foi de 18,9%, com 20,6% para o sexo feminino e 16,7% para o sexo masculino. Para todas as prevalências, a diferença entre os sexos não foi significativa, com  $p > 0,05$ .

As tabelas 1 a 4 apresentam os resultados da associação entre violência (psicológica e co-ocorrência de física e psicológica) com variáveis independentes na análise univariada, segundo as dimensões do modelo bioecológico. As variáveis que apresentaram associação com violência psicológica, com  $p \leq 0,20$ , foram: violência na escola, violência na comunidade, ter sofrido violência verbal da mãe, ter sofrido violência verbal do pai, ter sofrido violência física do pai, ter sofrido violência verbal em relacionamentos anteriores, importância atribuída ao namorado(a), uso de álcool, aceitação da violência masculina no namoro, escolaridade da mãe, testemunho de violência na comunidade, duração do relacionamento, idade que começou a ficar, e ter praticado violência verbal nos relacionamentos anteriores.

Para identificar a associação entre co-ocorrência e as variáveis independentes, foram selecionadas ( $p \leq 0,20$ ): violência na escola, violência na comunidade, ter sofrido violência verbal da mãe, ter sofrido violência física da mãe, ter sofrido violência verbal do pai, ter sofrido violência física do pai, violência entre irmãos, ter sofrido violência verbal em relacionamento anterior, ter sofrido violência física em relacionamento anterior, monitoramento dos pais (Tabela 1), aceitação da violência feminina no namoro, aceitação da violência masculina no namoro (Tabela 2), arranjo familiar, extrato socioeconômico, escolaridade da mãe, testemunho de violência física entre os pais (Tabela 3), ter perpetrado violência verbal em relacionamento anterior e ter perpetrado violência física em relacionamento anterior (Tabela 4).

Tabela 1. Análise univariada da associação entre violência e os fatores de processo, em adolescentes namorados. Recife, 2008.

FATORES DE PROCESSO	Violência Psicológica				Violência Física e Psicológica			
	%	OR	IC <sub>95%</sub> (OR)	p-valor	%	OR	IC <sub>95%</sub> (OR)	p-valor
<b>Sofre violência na escola</b>								
Não	46,2	1,00	-	-	36,2	1,00	-	-
Sim	53,8	2,02	1,26-3,25	<b>0,008</b>	63,8	1,95	1,09-3,52	<b>0,028</b>
<b>Sofre violência na comunidade</b>								
Não	40,8	1,00	-	-	25,9	1,00	-	-
Sim	59,2	3,84	1,72-8,59	<b>0,003</b>	74,1	3,01	1,15-7,88	<b>0,025</b>
<b>Sofre violência verbal da mãe</b>								
Não	17,1	1,00	-	-	10,8	1,00	-	-
Sim	82,9	1,87	0,80-4,40	<b>0,128</b>	89,2	2,19	0,92-5,24	<b>0,067</b>
<b>Sofre violência física da mãe</b>								
Não	45,7	1,00	-	-	24,9	1,00	-	-
Sim	54,3	0,97	0,47-2,04	0,939	75,1	3,08	1,73-5,46	<b>0,001</b>
<b>Sofre violência verbal do pai</b>								
Não	28,3	1,00	-	-	17,1	1,00	-	-
Sim	71,7	1,63	0,86-3,07	<b>0,115</b>	82,9	2,40	1,09-5,30	<b>0,030</b>
<b>Sofre violência física do pai</b>								
Não	65,9	1,00	-	-	38,5	1,00	-	-
Sim	34,1	2,38	1,03-5,50	<b>0,041</b>	61,5	4,99	2,47-10,08	<b>0,000</b>
<b>Violência física entre irmãos</b>								
Não	54,1	1,00	-	-	29,4	1,00	-	-
Sim	45,9	0,72	0,39-1,34	0,264	70,6	3,29	1,35-8,06	<b>0,012</b>
<b>Sofreu violência verbal em relacionamentos anteriores</b>								
Não	71,7	1,00	-	-	55,4	1,00	-	-
Sim	28,3	1,63	1,01-2,62	<b>0,045</b>	44,6	2,77	1,60-4,78	<b>0,002</b>
<b>Sofreu violência física em relacionamentos anteriores</b>								
Não	98,1	1,00	-	-	95,4	1,00	-	-
Sim	1,9	0,96	0,10-9,07	0,965	4,6	3,61	0,62-20,86	<b>0,112</b>
<b>Sofreu violência sexual em relacionamentos anteriores</b>								
Não	97,6	1,00	-	-	98,1	1,00	-	-
Sim	2,4	1,03	0,08-13,07	0,981	1,9	0,75	0,09-6,00	0,761
<b>Monitoramento dos pais</b>								
Monitora	85,5	1,00	-	-	82,9	1,00	-	-
Não monitora	14,5	2,30	0,40-13,09	0,295	17,1	1,49	0,88-2,50	<b>0,117</b>
<b>Importância atribuída ao parceiro</b>								
Importante/Muito	81,5	1,00	-	-	78,7	1,00	-	-
Pouco	18,5	0,53	0,31-0,91	<b>0,026</b>	21,3	1,06	0,59-1,92	0,814

Tabela 2. Análise univariada da associação entre violência e os fatores pessoais, em adolescentes namorados. Recife, 2008.

FATORES PESSOAIS	Violência Psicológica				Violência Física e Psicológica			
	%	OR	IC <sub>95%</sub> (OR)	p-valor	%	OR	IC <sub>95%</sub> (OR)	p-valor
<b>Sexo</b>								
Masculino	44,9	1,00	-	-	39,0	1,00	-	-
Feminino	55,1	0,68	0,34-1,53	0,307	61,0	1,25	0,57-2,72	0,541
<b>Cor da pele</b>								
Branca	39,4	1,00	-	-	39,5	1,00	-	-
Não branca	60,6	0,87	0,45-1,68	0,635	60,5	0,97	0,53-1,78	0,908
<b>Prática religião</b>								
Sim	75,0	1,00	-	-	72,9	1,00	-	-
Não	25,0	0,78	0,36-1,72	0,503	27,1	1,08	0,50-2,32	0,822
<b>Uso de álcool</b>								
Não	70,2	1,00	-	-	71,3	1,00	-	-
Sim	29,8	1,73	0,72-4,18	<b>0,188</b>	28,7	1,04	0,58-1,87	0,871
<b>Uso de drogas</b>								
Não	96,1	1,00	-	-	95,4	1,00	-	-
Sim	3,9	0,61	0,23-1,64	0,287	4,6	1,09	0,19-6,19	0,916
<b>Autoestima</b>								
Sim	71,0	1,00	-	-	72,4	1,00	-	-
Não	29,0	0,60	0,24-1,50	0,235	27,6	0,82	0,47-1,43	0,438
<b>Competência escolar</b>								
Bom/Ótimo	56,7	1,00	-	-	52,0	1,00	-	-
Regular/Fraco	43,3	1,52	0,66-3,54	0,287	48,0	1,38	0,60-3,15	0,400
<b>Aceitação da violência feminina no namoro</b>								
Não	66,9	1,00	-	-	50,4	1,00	-	-
Sim	33,1	1,92	0,47-7,81	0,314	49,6	2,70	1,24-5,90	<b>0,016</b>
<b>Aceitação da violência masculina no namoro</b>								
Não	63,6	1,00	-	-	52,1	1,00	-	-
Sim	36,4	1,97	0,63-6,17	<b>0,205</b>	47,9	2,06	0,84-5,08	<b>0,100</b>

Tabela 3. Análise univariada da associação entre violência e os fatores de contexto, em adolescentes namorados. Recife, 2008.

FATORES DE CONTEXTO	Violência Psicológica				Violência Física e Psicológica			
	%	OR	IC <sub>95%</sub> (OR)	p-valor	%	OR	IC <sub>95%</sub> (OR)	p-valor
<b>Arranjo familiar</b>								
Pai e mãe	58,7	1,00	-	-	68,7	1,00	-	-
Outros	41,3	0,95	0,65-1,40	0,778	31,3	0,58	0,35-0,97	<b>0,038</b>
<b>Extrato socioeconômico</b>								
A1, A2, B1, B2	50,3	1,00	-	-	33,9	1,00	-	-
C, D, E	49,7	0,92	0,38-2,22	0,828	66,1	2,26	1,02-4,98	<b>0,043</b>
<b>Escolaridade da mãe</b>								
Ensino superior	24,3	1,00	-	-	16,3	1,00	-	-
E. médio completo	34,5	1,23	0,34-4,48	<b>0,070</b>	34,5	1,67	0,82-3,40	<b>0,087</b>
E. fund. completo	22,9	1,96	0,96-3,98	<b>0,070</b>	21,8	1,68	0,67-4,24	<b>0,087</b>
E. fund. incompleto	15,5	0,48	0,15-1,47	<b>0,070</b>	18,7	1,63	0,46-5,84	<b>0,087</b>
Não sabe ler/escrever	2,8	1,36	0,08-24,89	<b>0,070</b>	8,6	10,07	1,59-63,69	<b>0,087</b>
<b>Testemunho de violência na comunidade</b>								
Não	11,1	1,00	-	-	9,5	1,00	-	-
Sim	88,9	1,73	0,77-3,89	<b>0,160</b>	90,5	1,42	0,44-4,60	0,518
<b>Testemunho de violência psicológica entre os pais</b>								
Não	78,2	1,00	-	-	71,3	1,00	-	-
Sim	21,8	1,379	0,50-3,79	0,489	28,7	1,70	0,56-5,15	0,301
<b>Testemunho de violência física entre os pais</b>								
Não	90,9	1,00	-	-	84,2	1,00	-	-
Sim	9,1	1,508	0,46-4,95	0,452	15,8	2,50	1,08-5,78	<b>0,032</b>

Tabela 4. Análise univariada da associação entre violência e os fatores relacionados ao tempo, em adolescentes namorados. Recife, 2008.

FATORES RELACIONADOS AO TEMPO	Violência Psicológica				Violência Física e Psicológica			
	%	OR	IC <sub>95%</sub> (OR)	p-valor	%	OR	IC <sub>95%</sub> (OR)	p-valor
<b>Duração do relacionamento</b>								
Menos de 1 mês	28,7	1,00	-	-	23,3	1,00	-	-
Entre. 1m e 1a	42,8	2,82	0,92-8,68	<b>0,010</b>	36,0	1,34	0,49-3,72	0,245
Mais de 1 ano	28,5	5,22	2,07-13,12	<b>0,010</b>	40,7	2,91	0,81-10,40	0,245
<b>Idade que ficou</b>								
13 a 16 anos	49,5	1,00	-	-	54,0	1,00	-	-
8 a 12 anos	50,5	1,88	0,86-4,14	<b>0,100</b>	46,0	0,92	0,48-1,76	0,765
<b>Idade que namorou</b>								
13 a 19 anos	81,0	1,00	-	-	83,8	1,00	-	-
8 a 12 anos	19,0	1,49	0,31-7,11	0,574	16,2	0,84	0,34-2,09	0,673
<b>Idade que transou</b>								
15 a 18 anos	73,6	1,00	-	-	71,1	1,00	-	-
10 a 14 anos	26,4	0,60	0,15-2,39	0,417	28,9	1,09	0,45-2,66	0,832
<b>Perpetrou violência verbal em relacion. anteriores</b>								
Não	72,3	1,00	-	-	47,2	1,00	-	-
Sim	27,7	1,88	1,07-3,30	<b>0,031</b>	52,8	4,65	2,10-10,28	<b>0,001</b>
<b>Perpetrou violência física em relacion. anteriores</b>								
Não	95,1	1,00	-	-	85,0	1,00	-	-
Sim	4,9	2,57	0,34-19,49	0,304	15,0	9,45	1,63-54,71	<b>0,008</b>
<b>Perpetrou violência sexual em relacion. anteriores</b>								
Não	98,4	1,00	-	-	97,9	1,00	-	-
Sim	1,6	*	*	0,272	2,1	1,85	0,11-32,47	0,633

\* Odds Ratio não calculado: casela igual a zero.

No modelo final, após o ajuste com todas as variáveis selecionadas na etapa anterior, observou-se que adolescentes namorados que vivenciam violência na comunidade apresentaram 3,99 mais chances de perpetrar violência psicológica, e que em relacionamentos com mais de um ano de duração as chances dessa violência são maiores quando comparadas com relacionamentos com menos de um mês de duração (Tabela 5).

Ter sofrido violência física em relacionamentos anteriores mostrou forte associação (OR<sup>ajustado</sup> = 12,55) com a co-ocorrência de violência física e psicológica no namoro. Também, ter perpetrado de violência verbal em relacionamentos anteriores, ter sofrido violência física do pai, e violência entre irmãos apresentaram associação com a co-ocorrência (Tabela 5).

Tabela 5. Modelo final para os fatores associados à violência em adolescentes namorados. Análise multivariada. Recife, 2008.

	Violência Psicológica		Violência Física e Psicológica	
	OR <sup>ajustada</sup> [IC <sub>95%</sub> (OR)]	p-valor	OR <sup>ajustada</sup> [IC <sub>95%</sub> (OR)]	p-valor
<b>Fatores de Processo</b>				
Sofre violência na comunidade				
Não	1,00	-		
Sim	3,99 [1,61- 9,87]	<b>0,007</b>		
Sofre violência física do pai				
Não			1,00	-
Sim			3,49 [1,23- 9,90]	<b>0,024</b>
Violência física entre irmãos				
Não			1,00	-
Sim			2,60 [1,01- 6,71]	<b>0,048</b>
Sofreu violência física em relacionamentos anteriores				
Não			1,00	-
Sim			12,55 [1,69- 93,40]	<b>0,019</b>
<b>Fatores relacionados ao tempo</b>				
Duração do relacionamento				
Menos de 1 mês	1,00	-		
Mais de 1 ano	5,81 [2,35- 14,40]	<b>0,007</b>		
Perpetrou violência verbal em relacionamentos anteriores				
Não			1,00	-
Sim			4,69 [1,64-13,40]	<b>0,009</b>

## Discussão

No presente estudo, observou-se que 19,9% dos adolescentes que tiveram relacionamentos amorosos no último ano perpetraram algum ato de violência física e 82,8% de violência psicológica. Esse achado corrobora os dados encontrados na literatura, na qual a violência psicológica tende a ser muito mais prevalente do que a violência física entre namorados adolescentes, podendo atingir prevalências de 50%<sup>8</sup>, a 80%<sup>10,11,13</sup>, enquanto a violência física apresenta prevalência em torno de 10% a 20%<sup>15</sup>.

Um aspecto fundamental, que perpassa o problema de definição da violência e sua mensuração, refere-se ao tipo ou tipos de violência avaliados em uma dada pesquisa. Os estudos sobre violência no namoro são mais frequentes para agressão física e, portanto, adotam o conceito mais estreito de violência. A consequência de excluir os outros tipos de violência, como psicológica e sexual, é que os dados disponíveis na literatura podem estar subestimando consideravelmente a extensão do fenômeno<sup>16</sup>. Recentemente, mais pesquisas

têm incluído outros tipos de violência além da física e, portanto, apresentam taxas mais elevadas de violência no namoro entre adolescentes<sup>12,13,32,33</sup>.

Na amostra estudada, dentre os 60 adolescentes que afirmaram perpetrar violência física no namoro, 57 também perpetraram a violência psicológica, o que representa uma prevalência de 18,9% de co-ocorrência e evidencia que a violência física raramente ocorre na ausência da psicológica. Outros estudos também concluíram que os atos de agressão física estão quase sempre acompanhados da agressão psicológica concomitante<sup>11,20</sup>, exemplificada por abuso verbal, relacional e ameaças.

Pesquisa realizada nos Estados Unidos com 633 adolescentes escolares observou que 6% dos meninos e 23% das meninas afirmaram ter usado violência física e psicológica no namoro ao mesmo tempo<sup>18</sup>. A maior prevalência de perpetração, seja de violência física e/ou psicológica, para as adolescentes do sexo feminino é um achado comum na literatura sobre violência no namoro, entretanto, nos resultados aqui apresentados essa diferença não foi significativa, provavelmente devido ao limitado tamanho da amostra.

Existem poucos trabalhos na literatura que estudaram os fatores associados à violência psicológica, e menos ainda à co-ocorrência de violência física e psicológica. Por isso, foi investigada a literatura em geral sobre violência no namoro, principalmente sobre violência física, para identificar os possíveis fatores de risco a serem incluídos na análise. Também por esse motivo, a discussão a seguir sobre os fatores associados não possui dados específicos sobre violência psicológica ou sobre co-ocorrência para serem confrontados.

Por outro lado, os resultados da presente pesquisa sugerem que a violência psicológica e a co-ocorrência de violência física e psicológica possuem uma dinâmica distinta da violência física no namoro, uma vez que fatores de risco frequentemente destacados nos estudos sobre agressão física, como uso de álcool e drogas<sup>22,32,34,35,36</sup>, autoestima<sup>6,35</sup>, aceitação da violência<sup>35,36,37,38</sup> e testemunho de violência entre os pais<sup>9,35,37,39</sup>, não mostraram associação com os tipos de violência aqui estudados.

Foi observado que adolescentes que vivenciam violência na comunidade apresentaram quase quatro vezes mais chances de perpetrar violência psicológica no namoro. Em outros estudos, a exposição à violência na comunidade também tem sido associada à perpetração de violência no namoro entre adolescentes de ambos os sexos<sup>35,40</sup>. Para O'Keefe<sup>14</sup> tal associação ocorre

pelo aumento da aceitação da violência em indivíduos expostos à violência na comunidade. Garbarino<sup>41</sup> também alerta para a influência de ambientes violentos no comportamento agressivo de adolescentes.

A duração do relacionamento também mostrou associação com violência psicológica, com aumento de chances de 5,81 em relacionamentos com duração maior que um ano. As pesquisas têm constatado que quanto mais envolvidos<sup>35</sup> e comprometidos<sup>39</sup> os namorados maior o risco de violência no namoro, o que está relacionado com o a duração do namoro.

Para a co-ocorrência de violência física e psicológica, a associação com a variável “ter sofrido violência física em relacionamentos anteriores” teve OR<sup>ajustado</sup> de 12,55, enquanto ter perpetrado violência verbal em relacionamentos anteriores teve OR<sup>ajustado</sup> de 4,69. Sears, Byers e Price<sup>18</sup> também investigaram a experiência passada de violência no namoro, como vítima ou perpetrador, como fator de risco para perpetração de violência no namoro atual de adolescentes e verificaram que ter sido vítima ou perpetrador de violência física ou psicológica em relacionamentos anteriores é fator de risco para a perpetração de violência física ou psicológica no namoro, tanto para homens como para mulheres.

Outros fatores associados com a co-ocorrência de violência física e psicológica foram sofrer violência física do pai (OR<sup>ajustado</sup> de 3,49) e violência física entre irmãos (OR<sup>ajustado</sup> de 2,60). Rivera-Rivera et al.<sup>32</sup>, em um estudo com 7.960 adolescentes mexicanos, concluíram que o resultado mais importante foi o risco observado até 2 vezes maior de perpetração (e vitimização) de violência no namoro entre os adolescentes que sofreram violência familiar, principalmente se a violência intrafamiliar foi severa. Outros estudos corroboram esse resultado<sup>37,38,42</sup>. Méndez e Hernández<sup>43</sup> também observaram que a violência física perpetrada pelo pai é a mais determinante.

O estudo apresenta limitações com relação ao tamanho da amostra que foi calculada pelo parâmetro de prevalência. Outra limitação diz respeito ao desenho transversal do estudo que não permite fazer inferências de causalidade.

Entretanto, a alta prevalência de violência no namoro observada no Recife se insere em um contexto de extrema violência urbana que a cidade apresenta<sup>44</sup> e, dessa forma, esses resultados podem colaborar com a reflexão do tema em outras cidades brasileiras que partilham das mesmas características socioeconômicas e culturais.

Por fim, destaca-se a importância do estudo da violência no namoro com outros enfoques além da violência física, e sugere-se que mais pesquisas busquem identificar os principais fatores de risco e esclarecer a dinâmica da violência nesse contexto que parece ter início com a agressão psicológica, pela magnitude apresentada, e evoluir para a violência física, já que essa última raramente ocorre isoladamente.

## Referências

1. Follingstad DR, Bradley RG, Laughlin JE, Burke L. Risk Factors and Correlates of Dating Violence: The Relevance of Examining Frequency and Severity Levels in a College Sample. *Violence Vict* 1999; 14(4):365-380.
2. O'Leary KD, Barling J, Arias I, Rosenbaum A. Prevalence and stability of physical aggression between spouses: a longitudinal analysis. *J Consult Clin Psychol* 1989; 57(2):263-268.
3. Levy B. Abusive teen dating relationship: An emerging issue for the 90s. *Response to the Victimization of Women and Children* 1990; 13(1):59.
4. Ashley OS, Foshee VA. Adolescent help-seeking for dating violence: prevalence, sociodemographic correlates, and sources of help. *J Adolesc Health* 2005; 36:25-31.
5. Black BM, Tolman RM, Callahan M, Saunders DG, Weisz AN. When will adolescents tell someone about dating violence victimization? *Violence Against Women* 2008; 14(7):741-758.
6. Howard DE, Wang MQ. Psychosocial factors associated with adolescent boys' reports of dating violence. *Adolescence* 2003; 38(151):519-533.
7. Foshee V. Gender differences in adolescent dating abuse prevalence, types and injuries. *Health Educ Res* 1996; 11(3):275-286.
8. Wolfe DA, Scott K, Reitzel-Jaffe D, Grasley C, Straatman AL, Wekerle C. Development and validation of the conflict in adolescent dating relationship inventory. *Psychol Assess* 2001; 13(2):277-293.
9. Kinsfogel KM, Grych JH. Interparental conflict and adolescent dating relationships: integrating cognitive, emotional, and peer influences. *J Fam Psychol* 2004; 18(3):505-515.
10. O'Leary KD, Slep AMS, Avery-Leaf S, Cascardi M. Gender differences in dating aggression among multiethnic high school students. *J Adolesc Health* 2008; 42:473-479.

11. Cyr M, McDuff P, Wright J. Prevalence and predictors of dating violence among adolescent female victims of child sexual abuse. *J Interpers Violence* 2006; 21(8):1000-1016.
12. Schiff M, Zeira A. Dating violence and sexual risk behaviors in a sample of at-risk Israeli youth. *Child Abuse Negl* 2005; 29:1249-1263.
13. Sherer P, Sherer M. Exploring reciprocity in dating violence among Jewish and Arab youths in Israel. *Int J Intercult Relat* 2008; 32:17-33.
14. O'Keefe M. *Teen dating violence: a review of risk factors and prevention efforts*. Harrisburg, PA: VAWnet, a project of the National Resource Center on Domestic Violence/Pennsylvania Coalition Against Domestic Violence. [Internet] 2005 Apr. [Accessado 2009 out 04]. [about 12 p]. Available from: <http://www.vawnet.org/>.
15. Straus MA. Prevalence of violence against dating partners by male and female university students worldwide. *Violence Against Women* 2004; 10:790-811.
16. Jackson SM. Issues in the dating violence research: a review of the literature. *Aggress Violent Behav* 1999; 4:233-247.
17. Sabina C, Straus MA. Polyvictimization by Dating Partners and Mental Health Among U.S. College Students. *Violence Vict* 2008; 23:667-682.
18. Sears HA, Byers ES, Price EL. The co-occurrence of adolescent boys' and girls' use of psychologically, physically, and sexually abusive behaviours in their dating relationships. *J Adolesc* 2007; 30:487-504.
19. Cano A, Avery-Leaf S, Cascardi M, O'Leary KD. Dating violence in two high school samples: discriminating variables. *J Prim Prev* 1998; 18:431-446.
20. O'Leary KD, Slep AMS. A dyadic longitudinal model of adolescent dating aggression. *J Clin Child Adolesc Psychol* 2003; 32:314-327.
21. Hickman LJ, Jaycox LH, Aronoff J. Dating violence among adolescents: prevalence, gender distribution, and preventing program effectiveness. *Trauma Violence Abuse* 2004; 5:123-42.
22. Foshee VA, Linder F, MacDougall JE, Bangdiwala S. Gender Differences in the Longitudinal Predictors of Adolescent Dating Violence. *Prev Med* 2001; 32:128-141.
23. Aldright T. Prevalência e cronicidade da violência física no namoro entre jovens universitários do Estado de São Paulo – Brasil. *Psicologia Teoria e Prática* 2004; 6(1):105-120.

24. Minayo MCS, Assis SG, Njaine K, organizadores. *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2011.
25. Kirkwood BR. *Essentials of Medical Statistics*. Oxford: Blackwell Science; 1997.
26. Szklo R, Nieto FJ. *Epidemiology, beyond the basics*. Sudbury, MA: Jones & Bartlett Publishers, 2000.
27. Bronfenbrenner U. The bioecological theory of human development. In: Bronfenbrenner U. *Making humans beings human: bioecological perspectives on human development*. Thousand Oaks: Sage Publications, 2005. p 3-15.
28. Kahn T, Bermergui C, Yamada E, Cardoso FC, Fernandes F, Zacchi JM, et al. *O dia-a-dia nas escolas (violências auto-assumidas)*. São Paulo: Instituto Latino-Americano das Nações Unidas para a Prevenção do Delito e Tratamento do Delinqüente/Instituto Sou da Paz; 1999.
29. Straus MA. Measuring intrafamily conflict and violence: the conflict tactics (CT) scales. *J Marriage Fam* 1979; 41:75-88.
30. Avanci JQ, Assis SG, Santos NC, Oliveira RVC. Adaptação transcultural de escala de auto-estima para adolescentes. *Psicol Reflex Crít* 2007; 20:397-405.
31. Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa. *Critério de Classificação Econômica Brasil*. [Internet] 2010. [Acessado 2010 abr 21] Disponível em: <http://www.abep.org/novo/CMS/Utils/FileGenerate.ashx?id=46>
32. Amar AF. Dating violence: comparing victims who are also perpetrators with victims who are not. *J Forensic Nurs* 2007; 3(1):35-41.
33. Rivera-Rivera L, Allen-Leigh B, Rodríguez-Ortega G, Chávez-Ayala R, Lazcano-Ponce E. Prevalence and correlates of adolescent dating violence: Baseline study of a cohort of 7960 male and female Mexican public school students. *Prev Med* 2007; 44:477-484.
34. Banyard VL, Cross C, Modecki KL. Interpersonal Violence in Adolescence: Ecological Correlates of Self-Reported Perpetration. *J Interpers Violence* 2006; 21:1314-1332.
35. O'Keefe M. Predictors of dating violence among high school students. *J Interpers Violence* 1997; 12: 546-568.
36. Swart L, Stevens MSG, Ricardo I. Violence in adolescents' romantic relationships: findings from a survey amongst school-going youth in a South African community. *J Adolesc* 2002; 25:385-395.

37. Foshee VA, Bauman KE, Linder GF. Family violence and the preparation of adolescent dating violence: Examining social learning and social control processes. *J Marriage Fam* 1999; 61(2):331-342.
38. Foshee VA, Karriker-Jaffe KJ, Reyes HLM, Ennett ST, Suchindran C, Bauman KE, Benefield TS. What Accounts for Demographic Differences in Trajectories of Adolescent Dating Violence? An Examination of Intrapersonal and Contextual Mediators. *J Adolesc Health* 2008; 42:596-604.
39. Burke P, Stets J, Pirog-Good M. Gender identity, self-esteem, and physical and sexual abuse in dating relationships. *Soc Psychol Q* 1988; 51:272-285.
40. Malik S, Sorenson SB, Aneshensel CS. Community and dating violence among adolescents: Perpetration and victimization. *J Adolesc Health* 1997; 21(5): 291-302.
41. Gabarino J. Why adolescents are violent? *Ciênc. saúde coletiva* 2009;14(2): 533-538.
42. Rosen KH, Bartle-Haring S, Stith SM. Using bowen theory to enhance understanding of the intergenerational transmission of dating violence. *J Fam Issues* 2001; 22:124-140.
43. Méndez RG, Hernández JDS. La violencia en parejas jóvenes. *Psicothema* 2001; 13(1):127-131.
44. Waiselfisz JJ. *Mapa da Violência 2011: os jovens do Brasil*. [Internet] 2011. [Acessado 2011 ago 10] Disponível em: <http://www.sangari.com/midias/pdfs/MapaViolencia2011.pdf>

## **7 ARTIGO 2 - Fatores associados à cronicidade da violência física no namoro de adolescentes do Recife, Brasil**

O segundo artigo da tese, com o título “Fatores associados à cronicidade da violência física no namoro de adolescentes do Recife, Brasil” foi enviado para publicação na Revista Cadernos de Saúde Pública e aguarda avaliação.

**Violência crônica e fatores associados no namoro de adolescentes do Recife, Brasil.**

Chronic violence and associated factors in Brazilian adolescent dating relationships.

Título corrido: Violência crônica no namoro de adolescentes.

Alice Kelly Barreira – Laboratório de Estudos em Violência e Saúde (LEVES), Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães - FIOCRUZ

Maria Luiza Carvalho de Lima – Laboratório de Estudos em Violência e Saúde (LEVES), Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães - FIOCRUZ

Simone Gonçalves Assis – Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli (CLAVES) - FIOCRUZ

Marc Bigras – Departamento de Psicologia, Université du Québec à Montréal.

Contribuições individuais: Alice Kelly Barreira e Maria Luiza Carvalho de Lima contribuíram em todas as etapas do trabalho, desde a concepção à aprovação da versão final. Simone Assis trabalhou na concepção do projeto, revisão crítica e aprovação da versão final. Marc Bigras trabalhou na análise e interpretação dos dados, revisão crítica e aprovação da versão final.

Financiamento da pesquisa: Fundação Ford

**Resumo**

Os objetivos foram estimar a cronicidade da violência física perpetrada no namoro de adolescentes e identificar os fatores associados. A população de estudo foi constituída por uma amostra probalilística realizada em dois estágios na qual 355 adolescentes, de escolas públicas e privadas em Recife/PE, com idade de 15 a 19 anos, participaram do estudo. A violência foi mensurada pela escala *Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory*. Foram realizadas análises de estatística descritiva e regressão logística multinomial incorporando o peso amostral e o desenho da amostra complexa. A proporção de violência física crônica foi de 48,3%. Adolescentes namorados que vivenciam violência entre irmãos,

aceitam a violência masculina no namoro, perpetraram violência verbal em relacionamentos anteriores, e em relacionamentos com mais de um ano de duração, apresentaram maiores chances de perpetrar violência crônica. Os resultados destacam a importância do estudo da cronicidade da violência no namoro para diferenciar de eventos que ocorrem isoladamente.

**Palavras-chave:** Violência, Adolescentes, Relações Interpessoais

### **Abstract**

The objectives were to estimate the chronicity of physical dating violence in adolescents and identify associated factors. The multistage random sample comprised of 355 adolescent students from public and private schools in Recife / PE, aged 15-19 years. The violence was measured by the scale Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory. Analyses of descriptive statistics were conducted to identify the association between independent variables and chronic and occasional physical violence and also multinomial logistic regression, incorporating the sample weight and the complex sample design. The proportion of chronic physical violence was 48.3%. Teens who experience dating violence among siblings, accept male violence in dating relationships, perpetrated verbal violence in previous relationships, and were in longer relationships, were more likely to perpetrate chronic violence. The results highlight the importance of studying the chronicity of dating violence to differentiate from events that occur in isolation.

**Key words:** Violence, Adolescents, Interpersonal Relations

### **Introdução**

A adolescência é um período do desenvolvimento marcado pelo estabelecimento de relacionamentos românticos, os quais ocupam uma posição central na vida dos adolescentes. Nesta fase da vida, os relacionamentos amorosos são a causa mais comum de fortes emoções sejam positivas ou negativas, e possuem implicações significantes para a saúde e o desenvolvimento dos adolescentes<sup>1,2</sup>.

Embora muitos desses relacionamentos sejam saudáveis e benéficos, comportamentos agressivos e coercivos ocorrem com frequência. Estudos realizados em países norte americanos têm apontado prevalências da violência física entre adolescentes namorados entre 20% a 40%<sup>3,4</sup>. Pesquisas realizadas no México<sup>3,5</sup> e na Espanha<sup>6</sup> também observaram prevalências em torno de 20%.

A relevância do estudo da violência no namoro entre adolescentes não se deve apenas às altas prevalências, mas também aos prejuízos à saúde física e mental desses e porque ocorre em um período da vida em que os relacionamentos românticos estão iniciando e padrões de interação são aprendidos e podem ser reproduzidos na vida adulta<sup>7,8</sup>.

Além das lesões físicas, sintomas de ansiedade, trauma e depressão têm sido associados às experiências de violência no namoro entre adolescentes<sup>9-11</sup>. Tais sintomas psicológicos são prejudiciais por si mesmos e também podem levar ao abuso de substâncias<sup>12</sup>, ao conflito em relacionamentos interpessoais<sup>13</sup> e à perpetração de violência<sup>14</sup>. Também é observado que mulheres jovens que tiveram um relacionamento abusivo podem apresentar comportamento sexual de risco e estarem mais vulneráveis a contrair doenças sexualmente transmissíveis e engravidar<sup>15-18</sup>. A violência no namoro também tem sido associada a tentativas de suicídio<sup>19,20</sup> e a distúrbios alimentares<sup>19</sup>.

Na vasta literatura sobre violência no namoro, entretanto, são escassas as pesquisas que abordam a frequência dos atos violentos em um relacionamento, denominada por Straus e Ramirez<sup>3</sup> de *cronicidade* da violência. A maioria das pesquisas sobre violência no namoro utilizam escalas que abordam diversos itens de violência e aferem a frequência desses atos. Porém, geralmente, os indivíduos que respondem afirmativamente a pelo menos um item de violência são considerados caso, independentemente da frequência (ou cronicidade) da agressão.

As investigações sobre etiologia e consequências da violência deveriam evitar agrupar todos os casos e sim examinar as particularidades de cada tipo, pois tal diferenciação também tem implicações na prevenção e no tratamento<sup>21</sup>. No caso dos relacionamentos nos quais a violência é crônica, supõe-se que seja um tipo mais crítico do problema, com maiores riscos de agravamento da situação e de sequelas para ambos os parceiros, e, portanto, deve ser investigada independentemente.

Apesar do interesse internacional sobre a violência no namoro e da tradição brasileira em estudos sobre violência de gênero e sobre adolescência, no Brasil apenas recentemente o tema tem despertado o interesse da comunidade científica. Atualmente, é possível identificar apenas duas publicações que abordam violência entre namorados no Brasil: um artigo com uma amostra de jovens universitários de São Paulo<sup>22</sup> e uma pesquisa multicêntrica sobre o tema<sup>23</sup>, cujos dados subsidiam o presente artigo.

A pouquíssima produção nacional sobre o assunto e a inadequação em utilizar dados de outros países de diferentes culturas alertam para a necessidade de estudos que investiguem as especificidades da violência no namoro em adolescentes e jovens brasileiros. Os objetivos do presente estudo foram estimar a cronicidade da violência física perpetrada no namoro de adolescentes e identificar os fatores associados.

## **Método**

Este trabalho utiliza dados que fazem parte de um projeto maior, de delineamento transversal, realizado em 10 capitais do Brasil no ano de 2008<sup>23</sup>. A população do estudo foi composta dos adolescentes matriculados no segundo ano de ensino médio de escolas públicas (estaduais) e particulares, com idade entre 15 e 19 anos, da cidade do Recife. Não houve recusa por parte dos alunos em participar do estudo. Os procedimentos da amostragem probabilística complexa foram descritos em publicação anterior<sup>24</sup>. A amostra obtida foi de 355 adolescentes, e 53 foram excluídos por idade não informada ou nunca ter “ficado” ou namorado.

O instrumento consistiu de um questionário fechado de autopreenchimento. A violência nos relacionamentos afetivos entre adolescentes foi mensurada pela *Conflict in Adolescent Dating Relationship Inventory – CADRI*<sup>25</sup>, por ser uma escala criada especificamente para o universo de adolescentes e adaptada para língua portuguesa<sup>23</sup>. Nesse artigo foram utilizadas as respostas da CADRI relativas a atos de violência física perpetrados contra o parceiro em um relacionamento estabelecido nos últimos 12 meses, segundo a frequência com que foi praticada nesse período, e agrupadas pelo padrão da escala: nunca; raramente (ocorreu 1 ou 2 vezes); às vezes (ocorreu entre 3 a 5 vezes); e sempre (ocorreu 6 vezes ou mais).

Para cada um dos quatro itens referentes à violência física perpetrada (jogar algo sobre o parceiro(a); bater, chutar ou dar um soco; dar um tapa/puxar cabelo; empurrar ou sacudir), foi atribuído peso 0, 1, 2 ou 3 para as respostas “nunca”, “raramente”, “às vezes” e “sempre”, respectivamente. A cronicidade foi calculada a partir da soma dos escores assim mensurados, utilizando-se a mediana como ponto de corte para a cronicidade, baseado no estudo de Straus e Ramirez<sup>3</sup>. Dessa forma, foram criados três grupos: “violência crônica” (total da soma igual ou maior que 3), “violência ocasional” (total da soma entre 1 e 2) e “ausência de violência” (total da soma zero); esse último foi utilizado como referência na análise.

As variáveis independentes, agrupadas segundo as dimensões do modelo teórico explicativo bioecológico de Bronfenrenner<sup>26</sup>, foram descritas em Barreira et al<sup>24</sup>.

Para o total da amostra estudada, de 302 adolescentes, foram realizadas análises de estatística descritiva (frequência de violência física crônica e ocasional). Para identificar a associação entre as variáveis independentes e violência física crônica e ocasional, foram selecionados aleatoriamente 60 controles e todos os casos dentro da amostra. As análises estatísticas incorporaram: o peso amostral, a fim de que fossem corrigidas as estimativas pontuais (como, por exemplo, os percentuais) e o desenho amostral, visando corrigir as estimativas de variância. Essa opção deveu-se à menor estimativa de variância, característica dos desenhos amostrais conglomerados, em comparação com os testes estatísticos normalmente utilizados em amostra aleatória simples. As análises foram feitas com a biblioteca de análise para amostra complexa do software SPSS 17.0.

Inicialmente, foi realizada a análise univariada e utilizado o teste do qui-quadrado, quando indicado, com nível de significância de 20% para selecionar as variáveis para o modelo multivariado de regressão logística multinomial. A seleção de variáveis dentro da análise multivariada foi realizada utilizando o algoritmo Forward Stepwise, com probabilidade de entrada no modelo de 10%.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca. Autorização para a pesquisa também foi dada por escrito pela Secretaria Estadual de Educação de Pernambuco. A direção das escolas envolvidas e os alunos que participaram da investigação assinaram um termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme preconizado na Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, que normaliza as pesquisas com seres humanos.

## **Resultados**

Do total de 302 adolescentes que participaram do estudo, 56,3% eram do sexo feminino e a maioria se considerava de cor branca (41,7%) ou parda (37,3%). A maior parte da amostra foi composta de estudantes da rede de ensino privado (56,0%) e representantes dos estratos sociais A e B (54,1%). Com relação à escolaridade de pai e mãe, observou-se um percentual mínimo de analfabetismo (0,7% e 2,4%, respectivamente), com 45,6% dos pais e 39,7% das

mães tendo cursado o ensino médio. A maioria dos adolescentes (74,0%) afirmou praticar alguma religião.

A prevalência de violência física perpetrada foi de 19,9% (60 casos), destes 37 (61,7%) eram meninas e 23 meninos (38,3%). Dentre os casos, a proporção de violência crônica foi de 48,3% (29 casos). Os 31 casos restantes (51,7%) foram de violência ocasional, sendo que 25 destes relataram ter perpetrado apenas 1 item de violência física “raramente”, o que representa um total de 1 ou 2 atos de violência física no período de um ano.

Dentre as mulheres que perpetraram violência física no namoro, 54,1% relataram violência crônica e 45,9% ocasional. Para os homens agressores, 39,1% perpetraram violência crônica e 60,9% ocasional.

As variáveis que apresentaram associação com violência física crônica perpetrada na análise univariada, com  $p < 0,20$ , foram: ter sofrido violência na comunidade, ter sofrido violência verbal da mãe, ter sofrido violência verbal do pai, ter sofrido violência física da mãe, ter sofrido violência física do pai, violência entre irmãos, ter sofrido violência verbal em relacionamentos anteriores, aceitação da violência masculina no namoro, pertencer a família não nuclear, maior duração do relacionamento, ter praticado violência verbal nos relacionamentos anteriores, e ter praticado violência física nos relacionamentos anteriores.

Para a violência ocasional, as variáveis que apresentaram associação na análise univariada, com  $p < 0,20$ , foram: ter sofrido violência na comunidade, ter sofrido violência física da mãe, ter sofrido violência verbal do pai, ter sofrido violência física do pai, violência entre irmãos, ter sofrido violência verbal em relacionamentos anteriores, baixa autoestima, aceitação da violência masculina no namoro, aceitação da violência feminina no namoro, baixa escolaridade da mãe, pertencer a estrato socioeconômico C+D+E, ter testemunhado violência na comunidade, ter testemunhado violência física entre os pais, ter perpetrado violência verbal nos relacionamentos anteriores, e ter perpetrado violência física nos relacionamentos anteriores.

A tabela 1 apresenta o resultado da regressão multinomial. A variável ‘aceitação da violência masculina no namoro’ foi a única que apresentou associação com violência física ocasional no namoro. Enquanto, adolescentes namorados que vivenciam violência entre irmãos, aceitam a violência masculina no namoro, perpetraram violência verbal em relacionamentos anteriores,

e em relacionamentos com mais de um ano de duração, apresentaram maiores chances de perpetrar violência crônica.

Tabela 1. Modelo final para os fatores associados à violência física ocasional e crônica em adolescentes namorados. Regressão logística multinomial. Recife, 2008.

	Violência ocasional			Violência crônica	
	OR <sup>ajustada</sup>	[IC <sub>95%</sub> (OR)]	p-valor	OR <sup>ajustada</sup>	[IC <sub>95%</sub> (OR)]
<b>Fator de Processo</b>					
Violência física entre irmãos					
Não	1,00		-	1,00	-
Sim	1,60	[0,59 - 4,31]	0,409	<b>5,91</b>	<b>[1,28 - 27,22]</b>
<b>Fator Pessoal</b>					
Aceitação da violência masculina no namoro					
Não	1,00		-	1,00	-
Sim	<b>3,96</b>	<b>[1,67 - 9,40]</b>	<b>0,017</b>	<b>5,04</b>	<b>[1,11 - 22,76]</b>
<b>Fatores relacionados ao tempo</b>					
Duração do relacionamento					
Menos de 1 mês	1,00		-	1,00	-
Entre 1 mês e 1 ano	0,89	[0,18 - 4,47]	0,901	0,74	[0,12 - 4,75]
Mais de 1 ano	2,54	[0,48 - 13,43]	0,332	<b>8,48</b>	<b>[1,73 - 41,46]</b>
Perpetrou violência verbal em relacionamentos anteriores					
Não	1,00		-	1,00	-
Sim	2,49	[0,96 - 6,46]	0,114	<b>10,71</b>	<b>[3,88 - 29,61]</b>

## Discussão

A cronicidade da violência, representada pela repetição das agressões num dado período, ainda é pouco estudada. Embora as escalas utilizadas para a violência no namoro<sup>25,27</sup> apresentem opções de resposta que registram a quantidade de vezes que a agressão ocorreu no período de referência – normalmente 12 meses – a maioria dos estudos não utiliza tais informações nas análises.

Ao estudar a cronicidade da violência no namoro de jovens universitários, Straus e Ramirez<sup>3</sup> observaram que a violência física raramente acontece uma única vez; e identificaram um padrão, baseado na mediana, de 4 agressões físicas no ano anterior, entre os casais de adolescentes envolvidos em violência no namoro. Gray e Foshee<sup>28</sup> encontraram uma média de 4,20 agressões perpetradas nos relacionamentos em que o respondente era o único a perpetrar violência na relação e uma média de 16,22 agressões quando ambos os parceiros eram perpetradores, porém, nesse estudo, foram somadas todas as agressões ocorridas no

relacionamento mais recente ou atual, independentemente do período de duração. Enquanto Williams et al.<sup>29</sup> observaram que na maioria dos relacionamentos a violência física perpetrada ocorreu “raramente”.

Além desses três estudos citados anteriormente, que apresentaram a frequência dos atos perpetrados, outras pesquisas utilizam a informação da frequência da agressão para calcular uma média<sup>30,31</sup>, às vezes incluindo nessa média todos os controles, o que resulta em um número próximo de zero<sup>6,32</sup>.

Infelizmente, a escala utilizada no presente estudo não permite quantificar exatamente o número de agressões perpetradas. O’Leary e Smith Slep<sup>30</sup> observaram que uma vez desencadeada a violência física, essa é estável na maioria dos relacionamentos de namoro estabelecidos entre adolescentes.

Na amostra estudada, as adolescentes do sexo feminino, além de serem perpetradoras de violência física no namoro em maior número com relação aos meninos, também perpetraram mais atos de violência física na relação, caracterizando violência crônica, 15% a mais do que os adolescentes do sexo masculino, corroborando o resultado de Fernández-Fuertes e Fuertes<sup>6</sup> que observaram uma maior cronicidade da violência praticada pelas meninas.

O fato de as meninas serem tão ou mais perpetradoras do que os meninos no namoro, já é amplamente aceito na literatura<sup>3,5,6,33-35</sup>. Porém muitos autores sugerem que a violência praticada pelos meninos seria mais severa e crônica, o que explicaria o fato de serem as meninas que sofrem mais lesões<sup>11,33,36</sup>. O estudo de Foshee et al.<sup>31</sup> confirma tal teoria e confronta os resultados do presente estudo, ao observar que os meninos relataram perpetrar mais violência crônica (e mais violência severa) do que as meninas, embora as meninas estejam muito mais prevalentes no grupo de perpetradores.

Mais estudos são necessários para investigar este hiato existente no conhecimento do fenômeno: por um lado as meninas são as principais perpetradoras, iniciadoras da violência, não só psicológica, mas física também<sup>3,36</sup> e, por outro lado, em um determinado momento da relação, são também as principais vítimas dos casos extremos da violência conjugal e as que sofrem as mais graves seqüelas<sup>36</sup>.

Na literatura pesquisada, os estudos que investigam fatores de risco ou proteção para a violência no namoro compartilham poucas variáveis comuns<sup>4</sup>. Além disso, incluem poucos fatores de cada vez e, geralmente, na ausência de modelos teóricos explicativos. Muitos dos resultados observados podem ter apresentado medidas de associação distorcidas, uma vez que não foram consideradas outras variáveis no modelo<sup>37</sup>.

Por esse motivo optou-se por incorporar ao delineamento da presente pesquisa o modelo bioecológico<sup>26</sup> que traz uma teoria singular e complexa, na qual o foco principal são os processos e as interações, influenciados por características pessoais, contextuais e de tempo, para explicar o comportamento do ser humano.

Dessa forma, é provável que por causa da utilização de um modelo que incluiu a grande maioria das variáveis citadas na literatura sobre violência no namoro, muitas dessas variáveis apresentaram associação apenas na análise univariada, como é o caso de violências sofridas ou testemunhadas dos pais e da comunidade, baixa autoestima, baixa escolaridade da mãe, pertencer a estrato socioeconômico inferior e pertencer a família não nuclear.

Na regressão multinomial, a única variável que mostrou associação com a violência ocasional foi a “aceitação da violência masculina no namoro”. Alguns autores<sup>6,34,38-40</sup> têm constatado e discutido a ampla aceitação entre adolescentes, e talvez pela sociedade geral, da violência praticada pela mulher contra o homem. Por esse motivo, no presente artigo optou-se por investigar separadamente a aceitação da violência masculina no namoro, a qual comprovou-se um importante fator: os indivíduos que não consideram grave a violência do homem no namoro são mais propensos a perpetrar violência física no relacionamento contra o parceiro. Por sua vez, a aceitação da violência feminina no namoro não esteve associada à perpetração, possivelmente porque esta crença é quase unânime entre os adolescentes<sup>38</sup>.

Quanto aos fatores associados à violência crônica, além da aceitação da violência masculina no namoro, foram significantes as variáveis violência entre irmãos, relacionamentos com mais de 1 ano de duração e ter perpetrado violência verbal em relacionamentos anteriores. A violência entre irmãos é uma questão pouco investigada na literatura sobre violência entre namorados, mas vários estudos já comprovaram a influência da violência familiar para a agressividade contra o parceiro íntimo de adolescentes<sup>5,41-44</sup>.

A maior duração do relacionamento, também citada por Giordano et al.<sup>45</sup> como uma das características dos namoros violentos, na maioria das vezes reflete um maior grau de comprometimento e estabilidade da relação, os quais também estão associados à violência no namoro<sup>30,32,35</sup>, por propiciar o surgimento de mais situações de conflito entre os casais pelo maior tempo de convívio.

Os resultados também apontam que adolescentes que perpetraram violência verbal em relacionamentos anteriores apresentaram quase 11 vezes mais chances de perpetrar violência física crônica no relacionamento atual. Resultado consistente com a teoria de escalada da violência no namoro a qual tem o suporte dos estudos que demonstram que a violência psicológica (que inclui a violência verbal) está presente na maioria dos relacionamentos de adolescentes e que muitas vezes está associada à violência física<sup>6,24</sup>, ou prediz a sua ocorrência no futuro<sup>30</sup> ou mesmo em um outro relacionamento<sup>29</sup>. Nessa mesma direção está a confirmada escalada de formas menores de violência física para agressões mais severas<sup>3,46</sup>.

É importante ressaltar que indivíduos que perpetraram violência ocasional possuem praticamente o mesmo perfil, segundo as variáveis estudadas, dos indivíduos que não perpetraram violência, exceto pela maior aceitação da violência masculina no namoro. O que pode estar indicando que talvez essa violência seja mesmo fortuita. Enquanto a violência crônica parece ser diferente e mais complexa ao apresentar fortes determinantes, e, portanto, merece maiores investigações, uma vez que o presente estudo é o primeiro a investigar a perpetração de violência crônica separadamente.

O presente estudo apresenta limitações como: a utilização de uma definição estreita de violência no namoro limitada à violência física; o tamanho da amostra, que foi calculada pelo parâmetro de prevalência; o desenho transversal do estudo que não permite fazer inferências de causalidade; o uso de auto-relato; e a ausência de dados sobre os motivos, contexto e consequências das agressões.

Entretanto o estudo tem implicações nas pesquisas sobre violência no namoro à medida que os resultados destacam a importância da cronicidade para diferenciar de eventos que ocorrem isoladamente, e também para uma melhor compreensão da dinâmica dos relacionamentos onde a violência é crônica. Por fim, destaca-se a relevância da pesquisa uma vez que os resultados pretendem orientar e contribuir para a formulação de políticas públicas voltadas para os adolescentes, levando em conta a importância da dinâmica das relações entre

adolescentes e dos impactos negativos para a qualidade de vida e saúde desse grupo populacional para a superação da violência conjugal e familiar.

## Referências

1. Collins WA. More than myth: The developmental significance of romantic relationships during adolescence. *J Res Adolesc*, 2003 Mar;13(1):1-24.
2. Furman W, Shaffer L. The role of romantic relationships in adolescent development. In P. Florsheim (Ed), *Adolescent romantic relations and sexual behavior: Theory, research, and practical implications* (pp. 3-22). Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates; 2003.
3. Straus MA, Ramirez IL. Gender symmetry in prevalence, severity, and chronicity of physical aggression against dating partners by university students in Mexico and USA. *Aggress Behav*. 2007 Jul/Aug;33(4):281-90.
4. Hickman LJ, Jaycox LH, Aronoff J. Dating violence among adolescents: prevalence, gender distribution, and prevention program effectiveness. *Trauma Violence Abuse*. 2004 Apr;5(2):123-42.
5. Rivera-Rivera L, Allen-Leigh B, Rodríguez-Ortega G, Chávez-Ayala R, Lazcano-Ponce E. Prevalence and correlates of adolescent dating violence: baseline study of a cohort of 7960 male and female Mexican public school students. *Prev Med*. 2007 Jun;44(6):477-84.
6. Fernández-Fuertes AA, Fuertes A. Physical and psychological aggression in dating relationships os Spanish adolescents: motives and consequences. *Child Abuse Negl*. 2010 Mar;34(3):183-91.
7. Caridade S, Machado C. Violência na intimidade juvenil: Da vitimização à perpetração. *Aná Psicológica*. 2006 Oct;4(XXIV),485-93.
8. Wekerle C, Wolfe DA. Dating violence in mid-adolescence: Theory, significance, and emerging prevention initiatives. *Clin Psychol Rev*. 1999 Jun;19(4):435-56.
9. Callahan MR, Tolman RM, Saunders DG. Adolescent dating violence victimization and psychological well-being. *J Adolesc Res*. 2003 Nov;18(6):664-81.
10. Holt MK, Espelage DL. Social support as a moderator between dating violence victimization and depression/anxiety among African American and Caucasian adolescents. *School Psych Rev*. 2005 Sep;34(3):309-28.

11. Jackson SM, Cram F, Seymour FW. Violence and Sexual Coercion in High School Students' Dating Relationships. *J Fam Violence*. 2000 Mar;15(1):23-36.
12. Lipschitz DS, Rasmusson AM, Anyan W, Gueorguieva R, Billingslea EM, Cromwell PF, Southwick SM. Posttraumatic stress disorder and substance use in inner-city adolescent girls. *J Nerv Ment Dis*. 2003 Nov;191(1):714-21.
13. Rudolph KD, Hammen C, Burge D, Lindberg N, Herzberg D, Daley SD. Toward an interpersonal life-stress model of depression: The developmental context of stress generation. *Dev Psychopathol*. 2000 Sep;12(2), 215-34.
14. Harper FW, Austin AG, Cercone JJ, Arias I. The role of shame, anger, and affect regulation in men's perpetration of psychological abuse in dating relationships. *J Interpers Violence*, 2005 Dec;20(12):1648-62.
15. Decker MR, Silverman JG, Raj A. Dating violence and sexually transmitted disease/HIV testing and diagnosis among adolescent females. *Pediatrics*. 2005 Aug;116(2):272-76.
16. Roberts TA, Auinger P, Klein JD. Intimate partner abuse and the reproductive health of sexually active female adolescents. *J Adolesc Health*. 2005 May;36(5):380-5.
17. Schiff M, Zeira A. Dating violence and sexual risk behaviors in a sample of at-risk Israeli youth. *Child Abuse Negl*. 2005 Nov;29(11):1249-63.
18. Silverman JG, Raj A, Clements K. Dating violence and associated sexual risk and pregnancy among adolescent girls in the United States. *Pediatrics*. 2004 Aug;114(2):220-5.
19. Silverman JG, Raj A, Mucci LA, Hathaway JE. Dating violence against adolescent girls and associated substance use, unhealthy weight control, sexual risk behavior, pregnancy, and suicidality. *JAMA*. 2001 Aug;286(5):572-79.
20. Olshen E, McVeigh KH, Wunsch-Hitzig RA, Rickert VI. Dating violence, sexual assault, and suicide attempts among urban teenagers. *Arch Pediatr Adolesc Med*. 2007 Jun; 161(6):539-45.
21. Straus MA. Dominance and symmetry in partner violence by male and female university students in 32 nations. *Child Youth Serv Rev*. 2008 Mar;30(3):252-75.
22. Aldright T. [Prevalence and chronicity of physical dating violence among young students of the State of Sao Paulo - Brazil]. *Psicol Teor Prat*. 2004 Jun;6(1):105-20. Portuguese.
23. Minayo MCS, Assis SG, Njaine K, editors. [Love and violence: a paradox of dating relationships among young Brazilians]. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2011. 236 p. Portuguese.

24. Barreira AK, Lima MLC, Avanci JQ. [Co-occurrence of physical and psychological dating violence among adolescents of Recife, Brazil: prevalence and associated factors]. *Ciênc Saúde Coletiva*. Forthcoming 2012. Portuguese.
25. Wolfe DA, Scott K, Reitzel-Jaffe D, Wekerle C, Grasley C, Straatman AL. Development and validation of the conflict in adolescent dating relationship inventory. *Psychological Assessment*. 2001 Jun;13(2):277-93.
26. Bronfenbrenner U. *Making humans beings human: Bioecological perspectives on human development*. Thousand Oaks: Sage Publications; 2005.
27. Straus MA, Hamby SL, Boney-McCoy S, Sugarman DB. The revised Conflict Tactics Scales (CTS2): development and preliminary psychometric data. *J Fam Issues*. 1996 May;17(3):283-316.
28. Gray HM, Foshee V. Adolescent Dating Violence: Differences Between One-Sided and Mutually Violent Profiles. *J Interpers Violence*. 1997 Feb;12(1):126-41.
29. Williams TS, Connolly J, Pepler D, Craig W, Laporte L. Risk models of dating aggression across different adolescent relationships: A developmental psychopathology approach. *J Consult Clin Psychol*. 2008 Aug;76(4):622-32.
30. O'Leary KD, Smith Slep AM. A dyadic longitudinal model of adolescent dating aggression. *J Clin Child Adolesc Psychol*. 2003 Sep;32(3):314-27.
31. Foshee VA, Reyes HL, Ennet ST, Suchindran C, Mathias JP, Karriker-Jaffe KJ, Bauman KE, Benefield TS. Risk and protective factors distinguishing profiles of adolescent peer and dating violence perpetration. *J Adolesc Health*. 2011 Apr;48(4):344-50.
32. Sherer P, Sherer M. Exploring reciprocity in dating violence among Jewish and Arab youths in Israel. *Int J Intercult Relat*. 2008 Jan;32(1):17-33.
33. Foshee VA. Gender differences in adolescent dating abuse prevalence, types, and injuries. *Health Educ Res*. 1996;11(3):275-86.
34. Sears HA, Byers ES, Price EL. The co-occurrence of adolescent boys' and girls' use of psychologically, physically, and sexually abusive behaviours in their dating relationships. *J Adolesc*. 2007 Jun;30(3):487-504.
35. O'Leary KD, Smith Slep AM, Avery-Leaf S, Cascardi M. Gender Differences in Dating Aggression Among Multiethnic High School Students. *J Adolesc Health*. May 2008;42(5): 473-9.
36. Archer J. Sex differences in aggression between heterosexual partners: A meta-analytic review. *Psychol Bull*. 2000 Sep;126(5):651-80.

37. Foshee VA, Linder F, MacDougall JE, Bangdiwala S. Gender differences in the longitudinal predictors of adolescent dating violence. *Prev Med.* 2001 Feb; 32(2):128-41.
38. Barreira AK, Lima MLC, Bigras M, Njaine K, Assis SG. [Directionality of physical and psychological dating violence in adolescents in Recife, Brazil]. Manuscript submitted for publication. Portuguese.
39. Reese-Weber M. A new experimental method assessing attitudes toward adolescent dating and sibling violence using observations of violent interactions. *J Adolesc.* 2008 Dec;31(6):857-76.
40. Price EL, Byers ES, the Dating Violence Research Team. The Attitudes Towards Dating Violence Scales: development and initial validation. *J Fam Violence.* 1999 Dec;14(4):351-75.
41. Foshee VA, Bauman KE, Linder GF. Family violence and the perpetration of adolescent dating violence: Examining social learning and social control processes. *J Marriage Fam.* 1999 May;61(2):331-42.
42. Foshee VA, Karriker-Jaffe KJ, Reyes HLM, Ennett ST, Suchindran C, Bauman KE, Benefield TS. What accounts for demographic differences in trajectories of adolescent dating violence? An examination of intrapersonal and contextual mediators. *J Adolesc Health.* 2008 Jun;42(6):596 - 604.
43. Rosen KH, Bartle-Haring S, Stith SM. Using Bowen theory to enhance understanding of the intergenerational transmission of dating violence. *J Fam Issues.* 2001 Jan;22(1):124-42.
44. Méndez RG, Hernández JDS. [The violence in young couples]. *Psicothema.* 2001;13(1):127-31. Spanish
45. Giordano PC, Soto DA, Manning WD, Longmore MA. The characteristics of romantic relationships associated with teen dating violence. *Soc Sci Res.* 2010 Nov;39(6):863-74.
46. Foshee VA, Benefield TS, Ennett ST, Bauman KE, Suchindran C. Longitudinal predictors of serious physical and sexual dating violence victimization during adolescence. *Prev Med.* 2004 Nov;39(5):1007-16.

### **8 ARTIGO 3 - Direcionalidade da violência física e psicológica no namoro de adolescentes do Recife, Brasil**

O terceiro artigo da tese, com o título “Direcionalidade da violência física e psicológica no namoro de adolescentes do Recife, Brasil” foi enviado para publicação na Revista Cadernos de Saúde Pública e aguarda avaliação.

## **Direcionalidade da violência física e psicológica no namoro de adolescentes do Recife, Brasil**

Directionality of physical and psychological dating violence in adolescents in Recife, Brazil

Título corrido: Direcionalidade da violência no namoro de adolescentes

Alice Kelly Barreira – Laboratório de Estudos em Violência e Saúde (LEVES), Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães - FIOCRUZ

Maria Luiza Carvalho de Lima – Laboratório de Estudos em Violência e Saúde (LEVES), Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães - FIOCRUZ

Marc Bigras – Departamento de Psicologia, Université du Québec à Montréal.

Kathie Njaine – Departamento de Saúde Pública, Centro de Ciências da Saúde – Universidade Federal de Santa Catarina

Simone Gonçalves Assis – Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli (CLAVES) - FIOCRUZ

Contribuições individuais: Alice Kelly Barreira e Maria Luiza Carvalho de Lima contribuíram em todas as etapas do trabalho, desde a concepção à aprovação da versão final. Marc Bigras trabalhou na análise e interpretação dos dados, revisão crítica e aprovação da versão final. Kathie Njaine e Simone Assis trabalharam na concepção do projeto, revisão crítica e aprovação da versão final.

Financiamento da pesquisa: Fundação Ford

### **Resumo**

O objetivo foi estudar os perfis de direcionalidade da violência entre adolescentes namorados. A amostra foi probabilística, em dois estágios, composta por 355 adolescentes escolares, com idade de 15 a 19 anos. Além da violência física, foi mensurada a violência psicológica nas dimensões ameaça, verbal/emocional e relacional. Utilizou-se o conceito de bidirecionalidade quando o adolescente respondeu ter perpetrado e sofrido violência em um mesmo relacionamento, sendo ambos os parceiros violentos. As análises estatísticas incorporaram o

peso amostral e o desenho da amostra complexa. A violência é bidirecional na maioria das formas estudadas (83,9%). As meninas relataram mais alto nível de perpetração de violência física, e os meninos apresentaram maior perpetração de violência relacional. O alto percentual de bidirecionalidade encontrado indica que a violência nas relações amorosas entre adolescentes parece se inserir em um contexto de trocas negativas. Futuras pesquisas devem aprofundar os estudos sobre esses padrões e contextos de violência tendo como unidade de análise o casal.

**Palavras-chave:** Adolescentes, Violência, Relações Interpessoais, Identidade de Gênero

### **Abstract**

The aim was to investigate the directionality profiles of adolescent dating violence. The multistage random sample comprised of 355 adolescent students aged 15-19 years. Besides physical violence, psychological violence was measured as threat, verbal/emotional and relational dimensions. In this study we used the concept of bidirectional violence when teenagers reported having perpetrated and being abused in one relationship, suggesting that both partners are violent. Statistical analyzes incorporated sample weight and the complex sample design. Violence is bidirectional in most forms studied (83.9%) and girls reported higher levels of perpetration of physical violence, and boys reported more perpetration of relational violence. The high proportion of bidirectional violence found indicates that violence in romantic relationships among adolescents seems to enter into a dynamic of negative exchanges. Future research should study the patterns of these acts of violence keeping the couple as the unit of analysis and exploring the context in which such violence occurs.

**Keywords:** Adolescents, Violence, Interpersonal Relations, Gender Identity

### **Introdução**

No Brasil, a violência nas relações interpessoais tem sido sistematicamente banalizada no cotidiano dos cidadãos, na forma como são veiculadas em alguns meios de comunicação e na forma como é tratada pelas instituições sociais de maneira geral. Estudos nacionais que investigam a violência no grupo populacional jovem têm focalizado a sua forma mais grave que são os homicídios que ocorrem predominantemente em adolescentes e adultos jovens brasileiros<sup>1</sup>.

Dentre os tipos de violência, nas quais os adolescentes estão envolvidos, a violência interpessoal que ocorre nas relações íntimas (namoro e ficar), chamada de violência no namoro, tem recebido a atenção dos pesquisadores de diversos países<sup>2-5</sup>.

Praticamente inexistia estudos sobre a violência no namoro no Brasil, sendo identificado apenas um trabalho que avaliou a violência física entre namorados em uma amostra de jovens universitários<sup>6</sup>. Recentemente, uma pesquisa multicêntrica sobre o tema<sup>7</sup>, cujos dados subsidiam o presente artigo, traz à luz a magnitude do problema no Brasil. Pressupõe-se que, em virtude da escassez de dados epidemiológicos nacionais, também são raras as ações de prevenção e intervenção voltadas para a violência no namoro de adolescentes, aumentando assim a vulnerabilidade já existente desse grupo populacional a diversas situações como transtornos psicológicos, lesões, morte por homicídio, suicídio, uso de drogas, gravidez precoce, doenças sexualmente transmissíveis, entre outros<sup>8</sup>.

A violência no namoro inclui ações e ameaças de abuso físico, verbal, sexual e psicológico, independentemente da severidade percebida<sup>9,10</sup>. Outros autores admitem uma perspectiva mais estreita limitada à violência física, sem referência a intenção, conseqüências, ou contexto. De fato, a maior parte dos estudos têm se dedicado mais ao tipo de violência física entre adolescentes namorados, em detrimento as outras formas da violência, como a psicológica e a sexual<sup>11</sup>.

Outro aspecto fundamental no estudo da violência entre parceiros íntimos, que visa orientar o planejamento de programas de prevenção e tratamento da violência, é a definição de quem é o principal perpetrador: o homem, a mulher, ou ambos<sup>3</sup>.

Na literatura sobre namorados adolescentes existe evidência consistente de que as mulheres são tão ou mais violentas do que os homens<sup>3,4,9,12-15</sup>, o que levanta a discussão sobre a violência bidirecional, ou seja, ambos os parceiros são violentos, também chamada de reciprocidade, mutualidade ou simetria de gêneros.

No presente estudo será utilizado o termo *tipos de direcionalidade* designando a perpetração da violência que pode ser protagonizada apenas pela mulher, apenas pelo homem ou por ambos (bidirecional). Para Harned<sup>16</sup> o uso do termo bidirecional não pressupõe que ambos os parceiros são igualmente ou mutuamente violentos. Mesmo em relacionamentos nos quais a

violência é bidirecional, essa pode não ser simétrica quando os motivos e as conseqüências da violência são levados em conta<sup>17</sup>.

Portanto, a constatação de que a violência bidirecional no namoro entre adolescentes se sobrepõe à violência perpetrada apenas por homens ou apenas por mulheres não encerra a discussão. Pelo contrário, existem problemas fundamentais em afirmar que existe uma igualdade de gêneros com relação à violência no namoro<sup>18</sup> e muitas questões merecem ser esclarecidas, inclusive com relação ao tipo de violência investigada.

O objetivo do presente estudo foi investigar a prevalência da violência física e psicológica e seu padrão de direcionalidade (somente perpetração, somente vitimização, ambos são vítimas e perpetradores) segundo gênero, entre namorados adolescentes do Recife, capital de Pernambuco, Brasil. Neste trabalho, a violência sexual não será investigada, por possuir uma dinâmica sabidamente distinta das violências física e psicológica<sup>4,19,20</sup>. Pretende-se que os resultados deste estudo contribuam para o conhecimento do problema na nossa população, assim como atentar para a necessidade de mais estudos nacionais e de iniciativas de prevenção mais integradoras em relação à violência entre namorados adolescentes.

## **Método**

Este trabalho apresenta dados de adolescentes escolares da cidade do Recife, que fizeram parte de um projeto de delineamento transversal, realizado em 10 capitais do Brasil no ano de 2008<sup>7</sup>.

A população do estudo foi composta dos adolescentes matriculados no segundo ano de ensino médio de escolas públicas (estaduais) e particulares, com idade entre 15 e 19 anos, da cidade do Recife. Não houve recusa por parte dos alunos em participar do estudo. Os procedimentos da amostragem probabilística complexa foram descritos em publicação anterior<sup>21</sup>. A amostra obtida foi de 355 adolescentes, e 53 foram excluídos por idade não informada ou nunca ter “ficado” ou namorado.

O instrumento consistiu de um questionário fechado de autopreenchimento, composto por várias questões, incluindo características sócio-demográficas e questões sobre a aceitação da violência no namoro. Para avaliar a violência nos relacionamentos afetivos entre adolescentes, utilizou-se o *Conflict in Adolescent Dating Relationship Inventory* – CADRI<sup>22</sup>, por ser uma

escala criada especificamente para o universo de adolescentes e adaptada para língua portuguesa<sup>7</sup>. Foram utilizados os itens da escala que aferem violência física e psicológica, discriminada em três sub-tipos: verbal ou emocional, ameaças e relacional. As respostas foram relativas a atos de violência praticados e sofridos em um relacionamento estabelecido nos últimos 12 meses.

Foi criada uma variável dicotômica para cada tipo de violência (geral, física, verbal/emocional, ameaça e relacional), sendo considerado caso o adolescente que relatou ter sofrido (vitimização) ou ter perpetrado (perpetração) pelo menos um ato de violência da escala. Utilizou-se o conceito de violência bidirecional, quando o adolescente respondeu ter perpetrado e ter sofrido violência em um mesmo relacionamento, sugerindo que ambos os parceiros agem com violência.

Os dados foram analisados através do indicador de prevalência (número de casos de perpetração e/ou de vitimização dividido pela amostra total do estudo), segundo o sexo. Todas as análises estatísticas incorporaram: o *peso amostral*, a fim de que fossem corrigidas as estimativas pontuais (como, por exemplo, os percentuais) e o *desenho amostral*, visando corrigir as estimativas de variância. Essa opção deveu-se à menor estimativa de variância, característica dos desenhos amostrais por conglomerados, em comparação com os testes estatísticos normalmente utilizados em amostra aleatória simples.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca. Autorização para a pesquisa também foi dada por escrito pela Secretaria Estadual de Educação de Pernambuco. A direção das escolas envolvidas e os alunos que participaram da investigação assinaram um termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme preconizado na Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, que normaliza as pesquisas com seres humanos.

## **Resultado**

Do total de 302 adolescentes analisados, 56,3% eram do sexo feminino e a maioria se considerava de cor branca (41,7%) ou parda (37,3%). Pouco mais da metade da amostra (56,0%) foi composta de estudantes da rede de ensino privado e 54,1% eram representantes dos extratos sociais A e B. Observou-se um percentual mínimo de analfabetismo de pai e mãe

(0,7% e 2,4%, respectivamente), com 45,6% dos pais e 39,7% das mães tendo cursado o ensino médio. Quanto à religião, 74,0% afirmou praticar alguma.

Quanto à aceitação da violência no namoro, os adolescentes investigados consideram mais grave “namorado humilhar namorada” (64,1% consideram muito grave, 31,8% consideram grave) comparado a “namorada humilhar namorado” (56,7% consideram muito grave, 39,4% consideram grave) ( $p < 0,000$ ). Da mesma forma, consideram mais grave “namorado agredir namorada” (88,8% consideram muito grave, 10,6% consideram grave) comparado a “namorada agredir namorado” (70,2% consideram muito grave, 25,5% consideram grave) ( $p < 0,000$ ).

A maioria dos adolescentes (83,9%) afirmou ter perpetrado e sofrido violência física e/ou psicológica no namoro. Apenas 2,5% perpetraram, mas não sofreram violência e 2,8% sofreram, mas não perpetraram. A prevalência de adolescentes que relataram não ter vivenciado violência no relacionamento foi de 10,8%. A comparação de tais dados entre os gêneros não mostrou diferença estatisticamente significativa, com  $p = 0,498$  (Figura 1).

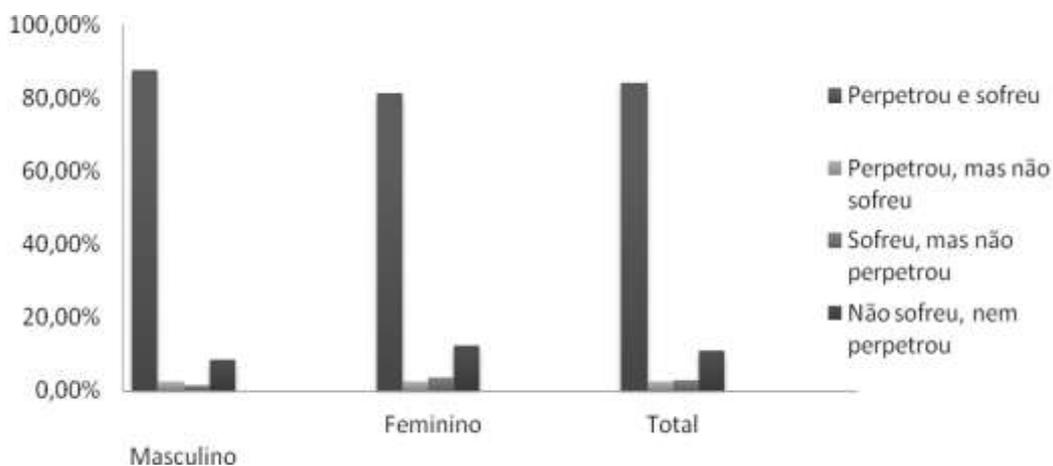


Figura 1. Direcionalidade da violência física/psicológica entre namorados adolescentes. Recife, 2008.

Ao analisar exclusivamente a violência física, em 14,2% dos relacionamentos ambos os parceiros eram violentos (bidirecional). Na comparação entre os gêneros, as meninas apresentaram maior percentual no perfil de apenas perpetração (10,0%) comparado com os

meninos (1,5%). E os meninos apresentaram maior percentual no perfil de apenas vitimização (11,0%) comparado com as meninas (1,1%), com  $p=0,001$  (Tabela 1).

Tabela 1. Direcionalidade da violência física entre namorados adolescentes. Recife, 2008.

Violência física	Sexo		Total	p-valor
	Masculino	Feminino		
Perpetrou e sofreu	17,1%	12,0%	14,2%	
Perpetrou, mas não sofreu	1,5%	10,0%	6,3%	
Sofreu, mas não perpetrou	11,0%	1,1%	5,3%	
Não sofreu, nem perpetrou	70,4%	76,9%	74,1%	
Total	100,0%	100,0%	100,0%	<b>0,001</b>

A tabela 2 mostra a prevalência de violência psicológica nos seus aspectos verbal/emocional, ameaça e relacional. A violência verbal/emocional foi a mais prevalente (87,9%), seguida de ameaça (36,1%) e, por fim, a violência relacional (24,5%).

A violência verbal/emocional e o comportamento ameaçador não mostraram diferenças estatisticamente significantes entre os gêneros. Entretanto, os meninos confirmam muito mais violência relacional, tanto perpetrada quanto sofrida (34,8%) em comparação com as meninas (16,6%), com  $p=0,009$ . A violência relacional também se destaca por mais relatos de vitimização do que perpetração (Tabela 2).

Em todas as violências psicológicas o padrão bidirecional (perpetrou e sofreu) foi mais prevalente quando comparado com as categorias “apenas a mulher perpetra” e “apenas o homem perpetra” (Tabela 2).

Tabela 2. Direcionalidade da violência psicológica entre namorados adolescentes. Recife, 2008.

Violência verbal/emocional	Sexo		Total	p-valor
	Masculino	Feminino		
Perpetrou e sofreu	86,1%	77,4%	81,1%	0,331
Perpetrou, mas não sofreu	2,5%	3,7%	3,2%	
Sofreu, mas não perpetrou	2,1%	4,7%	3,6%	
Não sofreu, nem perpetrou	9,3%	14,2%	12,1%	
Total	100,0%	100,0%	100,0%	
<b>Ameaça</b>				
Perpetrou e sofreu	20,2%	24,1%	21,9%	0,523
Perpetrou, mas não sofreu	10,1%	9,9%	9,9%	
Sofreu, mas não perpetrou	2,3%	5,5%	4,3%	
Não sofreu, nem perpetrou	67,4%	60,5%	63,9%	
Total	100,0%	100,0%	100,0%	
<b>Violência relacional</b>				
Perpetrou e sofreu	15,1%	5,0%	9,3%	<b>0,009</b>
Perpetrou, mas não sofreu	2,9%	3,5%	3,2%	
Sofreu, mas não perpetrou	16,8%	8,1%	11,9%	
Não sofreu, nem perpetrou	65,2%	83,5%	75,5%	
Total	100,0%	100,0%	100,0%	

## Discussão

Os resultados do presente trabalho demonstram que a violência no namoro de adolescentes escolares é, na grande maioria dos casos (83,9%), bidirecional, ou seja ambos os parceiros são perpetradores, seja física e/ou psicológica. O padrão bidirecional da violência física no namoro de adolescentes é o mais encontrado e amplamente aceito na literatura internacional<sup>3,23-25</sup>. Entretanto, pouquíssimos estudos incluem a violência psicológica. Os resultados encontrados por Sherer e Sherer<sup>4</sup>, Fernández-Fuertes e Fuertes<sup>5</sup> e O'Leary et al.<sup>26</sup>, embora não apresentem dados sistematizados para análise de direcionalidade, sugerem que a violência física e/ou psicológica também é, na maior parte dos casos, bidirecional.

A comparação entre os sexos não mostrou diferença significativa na análise conjunta das violências física e psicológica, o que reforça a ideia de que a violência nas relações amorosas entre adolescentes parece se inserir dentro de um contexto de trocas negativas, criando uma dinâmica violenta nas relações.

Quando analisada apenas a violência física, a categoria bidirecional foi a mais prevalente (14,2%), seguida da perpetração apenas pelas meninas (10,0%) e tendo a perpetração apenas

pelos meninos um percentual bem mais baixo (1,5%). Os resultados corroboram os dados encontrados em estudos internacionais que avaliam direcionalidade<sup>3,23-25</sup>.

O alto índice de perpetração encontrado para as meninas parece ser reiterado quando se avalia apenas os dados de vitimização: 11,0% dos meninos sofrem violência física mesmo quando não perpetram, enquanto apenas 1,1% das meninas sofrem violência física quando não perpetram. Os resultados de Straus e Ramirez<sup>25</sup> também demonstram que as meninas são mais prováveis de ser o único parceiro violento da relação. E Foshee<sup>27</sup> observou que as meninas perpetram mais violência leve, moderada e severa, mesmo controlando para a violência perpetrada em autodefesa.

Uma possível explicação, apontada nos dois trabalhos citados, refere-se a uma maior aceitação social da violência quando perpetrada pelas mulheres<sup>25,27</sup>. Homem agredir mulher é geralmente visto como menos aceitável que mulher iniciar violência contra o homem<sup>12,28</sup>. Os resultados aqui apresentados reforçam essa hipótese, uma vez que os adolescentes participantes afirmaram que a humilhação ou agressão praticada pelo homem é mais grave que a praticada pela mulher em relações de namoro.

Para Jackson<sup>11</sup>, instrumentos que utilizam o auto-relato estão sujeitos a que os indivíduos respondam de acordo com o que é socialmente aceito e não com a verdade. Contudo, mais estudos são necessários a fim de esclarecer o quanto a aceitação da violência feminina resulta em uma real maior prevalência de violência feminina, e o quanto influencia apenas nos relatos, o que levaria a valores irrealistas de prevalência da violência entre namorados adolescentes, devido a uma maior tendência de meninas revelarem a violência praticada enquanto os meninos omitiriam a violência praticada por não ser aceita socialmente.

Das três dimensões de violência psicológica analisadas, a violência verbal ou emocional predominou tanto para perpetração como para vitimização, dado esse evidenciado também por Foshee<sup>27</sup>. Jourilles et al.<sup>29</sup> e Fernandez-Fuertes e Fuertez<sup>5</sup> também utilizaram a CADRI e observaram que mais de 90% dos adolescentes escolares analisados tinham sido vítimas de violência verbal ou emocional; o segundo estudo encontrou valores semelhantes também para perpetração.

A alta prevalência de violência verbal/emocional encontrada é comparável aos níveis de violência psicológica relatada por outros estudos com adolescentes escolares que utilizam

variadas escalas e questionários<sup>16,26</sup>. Possivelmente, por ser essa a dimensão que possui mais itens e estes se assemelham aos itens de violência psicológica mais comumente encontrados em outros estudos e escalas<sup>16,26,30,31</sup>.

A prevalência de vitimização por comportamento ameaçador (26,2%) foi semelhante ao encontrado por Jourilles et al.<sup>32</sup> em avaliações transversais, utilizando a CADRI.

A única dimensão de violência psicológica que apresentou diferença significativa entre os sexos foi a violência relacional, com os meninos apresentando mais altos índices tanto de perpetração como de vitimização. Tais resultados, também observados por Schiff e Zeira<sup>20</sup>, pressupõem uma maior sensibilidade dos meninos em perceber a violência relacional. Outros autores já constataram que existe diferença de percepção da violência entre os gêneros<sup>22,28</sup>.

No entanto, a violência relacional ainda é pouco estudada. Na CADRI é aferida pelos itens: “tentar virar os amigos contra o/a namorado/a”, “dizer coisas sobre o/a namorado/a aos seus amigos para virá-los contar ele/a”, e “espalhar boatos sobre o/a namorado/a”. Os autores da escala<sup>22</sup> sugerem que a utilização de violência relacional refletiria a relativa imaturidade em lidar com conflitos no relacionamento. Mas também concluíram que um modelo restrito da escala, que exclui a violência relacional é a forma mais confiável do instrumento.

Em todas as dimensões de violência psicológica analisadas, o padrão bidirecional foi o mais prevalente quando comparado com as categorias “apenas a mulher perpetra” e “apenas o homem perpetra”. Esses dados confirmam que a violência psicológica entre namorados é perpetrada por ambos os parceiros; resultados esses que também podem ser concluídos a partir dos dados apresentados por Sherer e Sherer<sup>4</sup>, Fernandez-Fuertes e Fuertez<sup>5</sup>, O’Leary et al.<sup>26</sup> e O’Leary e Smith Slep<sup>33</sup>.

Alguns autores defendem que o padrão de bidirecionalidade seguido da maior perpetração das mulheres, observado na maioria dos estudos, é resultado das limitações metodológicas atuais<sup>11</sup>. Dessa forma, seria necessário estender os parâmetros da pesquisa além da aferição de atos de violência para uma investigação de conseqüências, contexto, motivação e significado da violência para homens e para mulheres, como observam Straus e Ramirez<sup>25</sup>.

Certamente, a dinâmica bidirecional da violência no namoro de adolescentes merece mais explorações, principalmente porque vai de encontro aos dados de violência contra a mulher

adulta nas relações íntimas<sup>1</sup>. Entretanto, as evidências empíricas de que a violência no namoro de adolescentes é praticada por ambos os parceiros é consistente para a violência física<sup>3,23-25</sup>; e os estudos que incluem violência psicológica apontam para o mesmo caminho<sup>4,5,26,33</sup>. Outra evidência reside na constatação de que a violência no namoro perpetrada por um dos parceiros é determinante para a perpetração do outro<sup>16</sup>, inclusive a longo prazo<sup>33</sup>.

O estudo apresenta limitações como o uso de auto-relato, as informações sobre o casal obtidas de apenas um dos parceiros e a ausência de dados sobre os motivos, contexto e consequências das agressões físicas e psicológicas entre os adolescentes namorados.

Apesar das limitações apresentadas, o estudo possui pontos fortes, como a utilização de uma definição ampla de violência que inclui a violência psicológica além da física. Também a utilização de uma amostra representativa, ao contrário de muitos estudos sobre o tema que utilizam amostras de conveniência<sup>3,17,25,31,33</sup>; e a ausência de recusa dos participantes, enquanto os estudos internacionais sempre apresentam uma taxa de participação comprometida<sup>16,27,31,32</sup> de até 50%<sup>23</sup>, aspectos esses que minimizam a possibilidade de viés de seleção.

Os achados do presente estudo podem ser generalizados com alguma confiança para as outras nove cidades brasileiras investigadas no estudo de Minayo et al.<sup>7</sup>, uma vez que foram encontradas semelhanças entre os adolescentes quanto às características demográficas e culturais e também ao contexto de violência vivenciado por esse grupo populacional. A confiança com a qual podemos generalizar estas conclusões para adolescentes em todo o Brasil é desconhecida uma vez que não existem outros estudos para comparação. A realização de estudos similares no futuro deve ser um objetivo de grupos de pesquisas voltados para o adolescente.

Concluindo, a violência praticada nas relações afetivas/amorosas dos adolescentes, apresenta um padrão onde os parceiros se agredem mutuamente tanto física como psicologicamente, revelando que para romper com essa dinâmica relacional é necessário intervir no casal, e não somente no adolescente homem ou somente na adolescente mulher. Levar em consideração essa dinâmica em que muitas vezes há uma mistura de amor e violência, ainda nessa fase da vida, significa prevenir futuras violências entre os parceiros na fase adulta quando se estabelece padrões de relacionamento aprendidos anteriormente e com graves consequências para o casal e os filhos.

## Referências

1. Reichenheim ME, Souza ER, Moraes CL, Melo Jorge MHP, Silva CMFP, Minayo MCS. Violence and injuries in Brazil: the effect, progress made, and challenges ahead. *Lancet*. 2011 Jun; 377(9781): 1962-75.
2. Rivera-Rivera L, Allen-Leigh B, Rodríguez-Ortega G, Chávez-Ayala R, Lazcano-Ponce E. Prevalence and correlates of adolescent dating violence: baseline study of a cohort of 7960 male and female Mexican public school students. *Prev Med*. 2007 Jun;44(6):477-84.
3. Straus MA. Dominance and symmetry in partner violence by male and female university students in 32 nations. *Child Youth Serv Rev*. 2008 Mar;30(3):252-75.
4. Sherer P, Sherer M. Exploring reciprocity in dating violence among Jewish and Arab youths in Israel. *Int J Intercult Relat*. 2008 Jan;32(1):17-33.
5. Fernández-Fuertes AA, Fuertes A. Physical and psychological aggression in dating relationships of Spanish adolescents: motives and consequences. *Child Abuse Negl*. 2010 Mar;34(3):183-91.
6. Aldright T. [Prevalence and chronicity of physical dating violence among young students of the State of Sao Paulo - Brazil]. *Psicol Teor Prat*. 2004 Jun;6(1):105-20. Portuguese.
7. Minayo MCS, Assis SG, Njaine K, editors. [Love and violence: a paradox of dating relationships among young Brazilians]. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2011. 236 p. Portuguese.
8. Brasil KT, Alves PB, Amparo DM, Frajorge KC. [Risk factors in adolescence: data from the DF]. *Paidéia*. 2006 Dec;16(35):377-84. Portuguese.
9. Arriaga XB, Foshee VA. Adolescent dating violence: do adolescents follow in their friends', or their parents', footsteps? *J Interpers Violence*. 2004 Feb;19(2):162-84.
10. Wolfe DA, Feiring C. Dating violence through the lens of adolescent romantic relationships. *Child Maltreat*. 2000 Nov;5(4):360-3.
11. Jackson SM. Issues in the dating violence research: a review of the literature. *Aggress Violent Behav*. 1999 Summer;4(2):233-47.
12. Bookwala J, Frieze IH, Smith C, Ryan K. Predictors of dating violence: a multivariate analysis. *Violence Vict*. 1992 Winter;7(4):297-311.
13. Burke P, Stets J, Pirog-Good M. Gender identity, self-esteem, and physical and sexual abuse in dating relationships. *Soc Psychol Q*. 1988 Sep; 51(3):272-85.

14. Howard DE, Wang MQ. Psychosocial factors associated with adolescent boys' reports of dating violence. *Adolescence*. 2003 Fall;38(151):519-33.
15. Riggs DS, O'Leary KD, Breslin FC. Multiple correlates of physical aggression in dating couples. *J Interpers Violence*. 1990 Mar;5(1):61-73.
16. Harned MS. A Multivariate Analysis of Risk Markers for Dating Violence Victimization. *J Interpers Violence*. 2002 Nov;17(11):1179-97.
17. Amar AF. Dating violence: comparing victims who are also perpetrators with victims who are not. *J Forensic Nurs*. 2007 Spring;3(1):35-41.
18. O'Keefe M. Teen dating violence: a review of risk factors and prevention efforts [Internet]. Harrisburg (PA): VAWnet, a project of the National Resource Center on Domestic Violence/Pennsylvania Coalition Against Domestic Violence; 2005 Apr [cited 2009 Oct 04]. Available from: [http://www.vawnet.org/print-document.php?doc\\_id=409&find\\_type=web\\_desc\\_AR](http://www.vawnet.org/print-document.php?doc_id=409&find_type=web_desc_AR)
19. Foshee VA, Benefield TS, Ennett ST, Bauman KE, Suchindran C. Longitudinal predictors of serious physical and sexual dating violence victimization during adolescence. *Prev Med*. 2004 Nov;39(5):1007-16.
20. Schiff M, Zeira A. Dating violence and sexual risk behaviors in a sample of at-risk Israeli youth. *Child Abuse Negl*. 2005 Nov;29(11):1249-63.
21. Barreira AK, Lima MLC, Avanci JQ. [Co-occurrence of physical and psychological dating violence among adolescents of Recife, Brazil: prevalence and associated factors]. *Ciênc Saúde Coletiva*. Forthcoming 2012. Portuguese.
22. Wolfe DA, Scott K, Reitzel-Jaffe D, Wekerle C, Grasley C, Straatman AL. Development and validation of the conflict in adolescent dating relationship inventory. *Psychological Assessment*. 2001 Jun;13(2):277-93.
23. Gray HM, Foshee V. Adolescent Dating Violence: Differences Between One-Sided and Mutually Violent Profiles. *J Interpers Violence*. 1997 Feb;12(1):126-41.
24. Katz J, Kuffel SW, Coblentz A. Are There Gender Differences in Sustaining Dating Violence? An Examination of Frequency, Severity, and Relationship Satisfaction. *J Fam Violence*. 2002 Sep;17(3): 247-71.
25. Straus MA, Ramirez IL. Gender symmetry in prevalence, severity, and chronicity of physical aggression against dating partners by university students in Mexico and USA. *Aggress Behav*. 2007 Jul/Aug;33(4):281-90.

26. O'Leary KD, Smith Slep AM, Avery-Leaf S, Cascardi M. Gender Differences in Dating Aggression Among Multiethnic High School Students. *J Adolesc Health*. May 2008;42(5): 473-9.
27. Foshee VA. Gender differences in adolescent dating abuse prevalence, types, and injuries. *Health Educ Res*. 1996;11(3):275-86.
28. Reese-Weber M. A new experimental method assessing attitudes toward adolescent dating and sibling violence using observations of violent interactions. *J Adolesc*. 2008 Dec;31(6):857-76.
29. Jouriles EN, Garrido E, Rosenfield D, McDonald R. Experiences of psychological and physical aggression in adolescent romantic relationships: Links to psychological distress. *Child Abuse Negl*. 2009 Jul;33(7):451-60.
30. Straus MA, Hamby SL, Boney-McCoy S, Sugarman DB. The revised Conflict Tactics Scales (CTS2): development and preliminary psychometric data. *J Fam Issues*. 1996 May;17(3):283-316.
31. Kinsfogel KM, Grych JH. Interparental conflict and adolescent dating relationships: integrating cognitive, emotional, and peer influences. *J Fam Psychol*. 2004 Sep;18(3):505-15.
32. Jouriles EN, McDonald R, Garrido E, Rosenfield D, Brown AS. Assessing aggression in adolescent romantic relationships: can we do it better? *Psychol Assess*. 2005 Dec;17(4):469-75.
33. O'Leary KD, Smith Slep AM. A dyadic longitudinal model of adolescent dating aggression. *J Clin Child Adolesc Psychol*. 2003 Sep;32(3):314-27.

## 9 CONCLUSÕES

A partir dos resultados dos três artigos apresentados, é possível elaborar as conclusões descritas a seguir.

- a) No presente estudo, observou-se que 19,9% dos adolescentes que tiveram relacionamentos amorosos no último ano perpetraram algum ato de violência física e 82,8% de violência psicológica. A co-ocorrência de violência física e psicológica teve prevalência de 18,9%, evidenciando que a violência física raramente ocorre na ausência da psicológica. Para todas as prevalências, a diferença entre os sexos não foi significativa, com  $p > 0,05$ .
- b) A violência psicológica e a co-ocorrência de violência física e psicológica possuem uma dinâmica distinta da violência física no namoro, uma vez que fatores de risco frequentemente destacados nos estudos sobre agressão física não mostraram associação com os tipos de violência aqui estudados.
- c) Adolescentes que vivenciam violência na comunidade apresentaram quase quatro vezes mais chances de perpetrar violência psicológica no namoro. A duração do relacionamento também mostrou associação com violência psicológica, com aumento de chances de 5,81 em relacionamentos com duração maior que um ano.
- d) Sofrer violência física do pai, entre irmãos e em namoros anteriores, além de ter perpetrado violência verbal em relacionamentos anteriores, foram variáveis que aumentaram a chance de co-ocorrência de violência física e psicológica no namoro.
- e) Dentre os casos de perpetração de violência física no namoro, a proporção de violência crônica foi de 48,3%. Os demais 51,7% foram de violência ocasional, sendo que 25 destes relataram ter perpetrado apenas 1 item de violência física “raramente”, o que representa um total de 1 ou 2 atos de violência física no período de um ano.
- f) Dentre as mulheres que perpetraram violência física no namoro, 54,1% relataram violência crônica e 45,9% ocasional. Para os homens agressores, 39,1% perpetraram violência crônica e 60,9% ocasional.
- g) Os indivíduos que não consideram grave a violência do homem no namoro são mais propensos a perpetrar violência física no relacionamento contra o parceiro. Por sua vez, a aceitação da violência feminina no namoro não esteve associada à perpetração, possivelmente porque esta crença é quase unânime entre os adolescentes.

- h) Adolescentes namorados que vivenciam violência entre irmãos, aceitam a violência masculina no namoro, perpetraram violência verbal em relacionamentos anteriores, e em relacionamentos com mais de um ano de duração, apresentaram maiores chances de perpetrar violência crônica.
- i) Quanto à aceitação da violência no namoro, os adolescentes investigados consideram mais grave “namorado humilhar namorada” comparado a “namorada humilhar namorado” ( $p < 0,000$ ). Da mesma forma, consideram mais grave “namorado agredir namorada” comparado a “namorada agredir namorado” ( $p < 0,000$ ).
- j) A maioria dos adolescentes (83,9%) afirmou ter perpetrado e sofrido violência física e/ou psicológica no namoro comparação de tais dados entre os gêneros não mostrou diferença estatisticamente significativa.
- k) Ao analisar exclusivamente a violência física, em 14,2% dos relacionamentos ambos os parceiros eram violentos (bidirecional). Na comparação entre os gêneros, as meninas apresentaram maior percentual no perfil de apenas perpetração (10,0%) comparado com os meninos (1,5%). E os meninos apresentaram maior percentual no perfil de apenas vitimização (11,0%) comparado com as meninas (1,1%), com  $p = 0,001$ .
- l) A violência verbal/emocional foi a mais prevalente (87,9%), seguida de ameaça (36,1%) e, por fim, a violência relacional (24,5%). A violência verbal/emocional e o comportamento ameaçador não mostraram diferenças estatisticamente significantes entre os gêneros. Entretanto, os meninos confirmam muito mais violência relacional, tanto perpetrada quanto sofrida (34,8%) em comparação com as meninas (16,6%), com  $p = 0,009$ . A violência relacional também se destaca por mais relatos de vitimização do que perpetração.
- m) Em todas as violências psicológicas o padrão bidirecional (perpetrou e sofreu) foi mais prevalente quando comparado com as categorias “apenas a mulher perpetra” e “apenas o homem perpetra”.

A alta prevalência de violência no namoro observada no Recife se insere em um contexto de extrema violência urbana que a cidade apresenta e, dessa forma, esses resultados podem colaborar com a reflexão do tema em outras cidades brasileiras que partilham das mesmas características socioeconômicas e culturais.

Destaca-se a importância do estudo da violência no namoro com outros enfoques além da violência física, e sugere-se que mais pesquisas busquem identificar os principais fatores de risco e esclarecer a dinâmica da violência nesse contexto que parece ter início com a agressão psicológica, pela magnitude apresentada, e evoluir para a violência física, já que essa última raramente ocorre isoladamente.

É importante ressaltar que indivíduos que perpetraram violência ocasional possuem praticamente o mesmo perfil, segundo as variáveis estudadas, dos indivíduos que não perpetraram violência, exceto pela maior aceitação da violência masculina no namoro. O que pode estar indicando que talvez essa violência seja mesmo fortuita. Enquanto a violência crônica parece ser diferente e mais complexa ao apresentar fortes determinantes, e, portanto, merece maiores investigações, uma vez que o presente estudo é o primeiro a investigar a perpetração de violência crônica separadamente.

O estudo tem implicações nas pesquisas sobre violência no namoro à medida que os resultados destacam a importância da cronicidade para diferenciar de eventos que ocorrem isoladamente, e também para uma melhor compreensão da dinâmica dos relacionamentos onde a violência é crônica. Por fim, destaca-se a relevância da pesquisa uma vez que os resultados pretendem orientar e contribuir para a formulação de políticas públicas voltadas para os adolescentes, levando em conta a importância da dinâmica das relações entre adolescentes e dos impactos negativos para a qualidade de vida e saúde desse grupo populacional para a superação da violência conjugal e familiar.

A confiança com a qual podemos generalizar estas conclusões para adolescentes em todo o Brasil é desconhecida uma vez que não existem outros estudos para comparação. A realização de estudos similares no futuro deve ser um objetivo de grupos de pesquisas voltados para o adolescente.

Por fim, a violência praticada nas relações afetivas/amorosas dos adolescentes, apresenta um padrão onde os parceiros se agredem mutuamente tanto física como psicologicamente, revelando que para romper com essa dinâmica relacional é necessário intervir no casal, e não apenas somente no adolescente homem ou somente na adolescente mulher. Levar em consideração essa dinâmica em que muitas vezes há uma mistura de amor e violência, ainda nessa fase da vida, significa prevenir futuras violências entre os parceiros na fase adulta

quando se estabelece padrões de relacionamento aprendidos anteriormente e com graves consequências para o casal e os filhos.

## REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA. **Critério de Classificação econômica Brasil**. São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.abep.org/novo/CMS/Utils/FileGenerate.ashx?id=46>>. Acesso em: 21 abr. 2010.
- AGÊNCIA ESTADUAL DE PLANEJAMENTO E PESQUISAS DE PERNAMBUCO. **Indicadores socioeconômicos**. Recife, 2008. Disponível em: <<http://www.condepefidem.pe.gov.br/pib/indicadores.asp>>. Acesso em: 1 ago. 2009.
- ALDRIGHI, T. Prevalência e cronicidade da violência física no namoro entre jovens universitários do Estado de São Paulo – Brasil. **Psicologia teoria e prática**, São Paulo, v.6, n.1, p.105-120, jun. 2004.
- AMAR, A.F. Dating violence: comparing victims who are also perpetrators with victims who are not. **Journal of forensic nursing**, Malden, v.3, n.1, p. 35-41, spring 2007.
- ANDRADE, A. L. S. S.; ZICKER, F. Estudos de prevalência. In: ANDRADE, A. L. S. S.; ZICKER, F. (Org.). **Métodos de investigação epidemiológica em doenças transmissíveis**. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde: Fundação Nacional de Saúde, 1997. p. 33-42.
- ARRIAGA, X. B.; FOSHEE, V. A. Adolescent dating violence: do adolescents follow in their friends', or their parents', footsteps? **Journal of interpersonal violence**, New York, v.19, n. 2, p.162-184, feb. 2004.
- ASHLEY, O. S.; FOSHEE, V. A. Adolescent help-seeking for dating violence: prevalence, sociodemographic correlates, and sources of help. **The journal of adolescent health**, New York, v. 36, n. 1, p. 25-31, jan. 2005.
- ASSIS, S. G; AVANCI, J. Q. **Labirinto de espelhos**: a formação da auto-estima na infância e adolescência. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.
- ASSIS, S. G.; PESCE, R. O.; AVANCI, J. Q. **Resiliência**: enfatizando a proteção dos adolescentes. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- AVANCI, J. Q. et al. Adaptação transcultural de escala de auto-estima para adolescentes. **Psicologia: reflexão e crítica**, Porto Alegre, v.20, n. 3, p.397-405, 2007.
- BANYARD, V. L.; CROSS, C.; MODECKI, K. L. Interpersonal violence in adolescence: ecological correlates of self-reported perpetration. **Journal of interpersonal violence**, New York, v.21, n. 10, p.1314-1332, oct. 2006.
- BENNETT, L.; FINERAN, S. Sexual and severe physical violence among high school students: Power beliefs, gender, and relationship. **American journal of orthopsychiatry**, New York, v.68, n.4, p. 645-652, oct. 1998.

BENTLEY, C. G.; GALLIHER, R. V.; FERGUSON, T. J. Associations among aspects of interpersonal power and relationship functioning in adolescent romantic couples. **Sex roles**, New York, v.27, n. 57, p. 483-495, jul. 2007.

BIRD, G. W.; STITH, S. M.; SCHLADALE, J. Psychological resources, coping strategies, and negotiation styles as discriminators of violence in dating relationships. **Family relations**, Malden, v.40, n.1, p. 45-50, jan. 1991.

BLACK, B. M. et al. When will adolescents tell someone about dating violence victimization? **Violence against women**, Thousand Oaks, v. 14, n. 7, p. 741-758, jul. 2008.

BOOKWALA, J. et al. Predictors of dating violence: A multivariate analysis. **Violence and victims**, New York, v.7, n. 4, p.297-311, winter 1992.

BRASIL. Departamento de Informática do SUS. **Indicadores de morbidade e mortalidade de Recife, PE, 2005-2006**. Disponível em: <www.datasus.gov.br>. Acesso em: abr. 2008.

BRASIL. Lei nº. 11.340, de 7 de agosto de 2006. **Dispõe sobre mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher**. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2007.

BRASIL, K. T.; ALVES, P. B.; AMPARO, D. M.; FRAJORGE, K. C. Fatores de risco na adolescência: discutindo dados do DF. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 35, p.377-384, dec. 2006.

BRONFENBRENNER, U. Ecology of the family as a context for human development: research perspectives. **Developmental psychology**, Washington, v.22, n. 6, p. 723-742, nov. 1986.

BRONFENBRENNER, U. The bioecological theory of human development. In: BRONFENBRENNER, U. (Ed). **Making humans beings human: bioecological perspectives on human development**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2005. p. 3-15.

BURKE, P.; STETS, J.; PIROG-GOOD, M. Gender identity, self-esteem, and physical and sexual abuse in dating relationships. **Social psychology quarterly**, Albany, v.51, n. 3, p. 272-285, sep. 1988.

CALLAHAN, M. R.; TOLMAN, R. M.; SAUNDERS, D. G. Adolescent dating violence victimization and psychological well-being. **Journal of adolescent research**, Tucson, v.18, n. 6, p.664-681, nov. 2003.

CANO, A., et al. Dating violence in two high school samples: discriminating variables. **The journal of primary prevention**, Dordrecht, v.18, n. 4, p.431-446, jun. 1998.

CARIDADE, S.; MACHADO, C. Violência na intimidade juvenil: da vitimização à perpetração. **Análise psicológica**, Lisboa, v. 24, n. 4, p.485-493, out. 2006.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION. Physical dating violence among high school students – United States, 2003. **Morbidity and mortality weekly report**,

v.55, n.19, p.532-535, may. 2006. Disponível em:

<<http://www.cdc.gov/mmwr/PDF/wk/mm5519.pdf>> Acesso em: 20 out. 2010.

CYR, M.; MCDUFF, P.; WRIGHT, J. Prevalence and predictors of dating violence among adolescent female victims of child sexual abuse. **Journal of interpersonal violence**, New York, v.21, n.8, p.1000-1016, aug. 2006.

DECKER, M. R.; SILVERMAN, J. G.; RAJ, A. Dating violence and sexually transmitted disease/HIV testing and diagnosis among adolescent females. **Pediatrics**, Elk Grove Village Il, v.116, n. 3, p.272-276, aug. 2005.

DOBASH, R. P. et al. The myth of sexual symmetry in marital violence. **Social problems**, Knoxville, v.39, n. 1, p.71-91, feb. 1992.

ECKHARDT, C.; JAMISON, T.; WATTS, K. Anger experience and expression among male dating violence perpetrators during anger arousal. **Journal of interpersonal violence**, New York, v.17, p. 1102-1114, 2002.

FERNET, M. **Amour, violence et adolescence**. Québec: Presses de L'Université du Québec, 2005.

FOLLETTE, V.; ALEXANDER, P. Dating violence: current and historical correlates. **Behavioral assessment**, Elmsford, v.14, p.39-52, 1992.

FOSHEE, V. A. Gender differences in adolescent dating abuse prevalence, types, and injuries. **Health education research**, Oxford, v.11, n. 3, p.275-286, may 1996.

FOSHEE, V. A.; BAUMAN, K. E.; LINDER, G. F. Family violence and the preparation of adolescent dating violence: examining social learning and social control processes. **Journal of marriage and the family**, Malden, v.61, n.2, p. 331-342, may 1999.

FOSHEE, V. A. et al. What accounts for demographic differences in trajectories of adolescent dating violence? an examination of intrapersonal and contextual mediators. **The journal of adolescent health**, New York, v.42, n.6, p. 596-604, jun. 2008.

FOSHEE, V. A. et al. Gender differences in the longitudinal predictors of adolescent dating violence. **Preventive medicine**, New York, v.32, n.2, p. 128-141, feb. 2001.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. São Paulo, 2001.

GELLES R.J. **Intimate violence in families**. 3. ed. Thousand Oaks: SAGE Publications, 1997. Disponível em: <[http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=0iInxNf0B4UC&oi=fnd&pg=PA2&dq=GELLES+R.J.+Intimate+violence+in+families&ots=wgjvTeJMh&sig=S2kfGuRaS38XUWR6Lq5bbp\\_hldE#v=onepage&q=GELLE%20R.J.%20Intimate%20violence%20in%20families&f=false](http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=0iInxNf0B4UC&oi=fnd&pg=PA2&dq=GELLES+R.J.+Intimate+violence+in+families&ots=wgjvTeJMh&sig=S2kfGuRaS38XUWR6Lq5bbp_hldE#v=onepage&q=GELLE%20R.J.%20Intimate%20violence%20in%20families&f=false)>. Acesso em: 08 mai. 2010.

GRAY, H. M.; FOSHEE, V. Adolescent dating violence: differences between one-sided and mutually violent profiles. **Journal of interpersonal violence**, New York, v.12, n.1, p. 126-141, feb. 1997.

HARNED, M.S. A multivariate analysis of risk markers for dating violence victimization. **Journal of interpersonal violence**, New York, v.17, n.11, p.1179-1197, nov. 2002.

HARPER, F. W. K. et al . The role of shame, anger, and affect regulation in men's perpetration of psychological abuse in dating relationships. **Journal of interpersonal violence**, New York, v. 20, p. 1648-1662, dec. 2005.

HEISE, L. Gender-based abuse: the global epidemic. **Cadernos de saúde pública**, Rio de Janeiro, v.10, supl.1, p.135-145, 1994.

HICKMAN L. J.; JAYCOX L. H.; ARONOFF, J. Dating violence among adolescents: prevalence, gender distribution, and preventing program effectiveness. **Trauma, violence, & abuse**, Thousand Oaks, v.5, p.123-42, apr. 2004.

HOKODA, A. et al. Reliability of translated measures assessing dating violence among mexican adolescents. **Violence and victims**, New York, v.21, n.1, p. 117-127, feb. 2006,

HOLT, M. K.; ESPELAGE, D. L. Social support as a moderator between dating violence victimization and depression/anxiety among African American and Caucasian adolescents. **School psychology review**, Cuyahoga Falls, v.34, n.3, p.309-328, sep. 2005.

HOTALING, G. T.; SUGARMAN, D, B. A risk marker analysis of assaulted wives. **Journal of family violence**, New York, v. 5, n. 1, p. 1-13, mar. 1990.

HOWARD, D. E.; WANG, M. Q. Psychosocial factors associated with adolescent boys' reports of dating violence. **Adolescence**, Roslyn Heights, v.38, n.151, p. 519-533, fall 2003a.

HOWARD, D. E.; WANG, M. Q. Risk profiles of adolescent girls who were victims of dating violence. **Adolescence**, Roslyn Heights, v.38, n. 149, p. 1-14, spring 2003b.

HOWARD, D. E.; WANG, M. Q.; YAN, F. Psychosocial factors associated with reports of physical dating violence among U.S. adolescent females. **Adolescence**, Roslyn Heights, v.42, n.166, p.311-324, summer 2007.

HUMPHREY, J. A.; WHITE, J. W. Women's vulnerability to sexual assault from adolescence to young adulthood. **The journal of adolescent health**, New York, n.27, n.6, p. 419-424, dec. 2000.

JACKSON, S.M. Issues in the dating violence research: a review of the literature. **Aggression and violent behavior**, New York, v. 4, n. 2, p. 233-247, summer 1999.

JACKSON, S. M.; CRAM, F.; SEYMOUR, F.W. Violence and coercion in high school students' dating relationships. **Journal of family violence**, New York, v.15, n.1, p.23-36, mar. 2000.

JOHNSON, M. P. Conflict and control: gender symmetry and asymmetry in domestic violence. **Violence against women**, Thousand Oaks, v.12, n.11, p.1003-1018, nov. 2006.

JOURILES, E. N. et al. Assessing aggression in adolescent romantic relationships: can we do it better? **Psychological assessment**, Arlington, v.17, n.4, p.469-447, dec. 2005.

JOURILES, E. N. et al. Experiences of psychological and physical aggression in adolescent romantic relationships: links to psychological distress. **Child abuse & neglect**, Oxford, v.33, n.7, p.451-460, jul. 2009.

JUSTO, J. S. O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. **Revista do Departamento de Psicologia - UFF**, Niterói, v. 17, n.1, p. 61-77, jan./jun. 2005.

KAHN, T. et al. **Projeto de pesquisa. O dia a dia nas escolas: violências auto-assumidas**. São Paulo: Instituto Latino Americano das Nações Unidas para a Prevenção do Delito e Tratamento do Delinquente: Instituto Sou da Paz. 1999.

KINSFOGEL, K. M.; GRYCH, J. H. Interparental conflict and adolescent dating relationships: integrating cognitive, emotional, and peer influences. **Journal of family psychology**, Washington, v. 18, n. 3, p. 505-515, sep. 2004.

LERNER, R. M. Urie Bronfenbrenner: career contributions of the consummate developmental scientist. In: BRONFENBRENNER, U. (Ed). **Making humans beings human: bioecological perspectives on human development**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2005. p. ix-xxvi.

LEVY, B. Abusive teen dating relationship: An emerging issue for the 90s. **Response to the victimization of women and children**, Newbury Park, v.13. n.1, p. 59, 1990.

LEWIS, S. F.; FREMOUW, W. Dating violence: a critical review of the literature. **Clinical psychology review**, Tarrytown, v. 21, n. 1, p. 105-127, feb. 2001.

LIPSCHITZ, D. S.; et al. Posttraumatic stress disorder and substance use in inner-city adolescent girls. **The journal of nervous and mental disease**, Hagerstown, v.191, n. 11, p. 714-721, nov. 2003.

MAKEPEACE, J. M. Courtship violence among college students. **Family relations**, Malden, v.30, n. 1, p.97-102,jan. 1981.

MAKEPEACE, J. M. Gender differences in courtship violence victimisation. **Family relations**, Malden, v.35, n. 3, p.383-388, jul. 1986.

MAKEPEACE, J. M. Social factors and victim offender differences in courtship violence. **Family relations**, Malden, v.36 n.1, p. 87-91, jan. 1987.

MALIK, S.; SORENSON, S. B.; ANESHENSEL, C. S. Community and dating violence among adolescents: perpetration and victimization. **The journal of adolescent health**, New York, v.21, n.5, 291-302, nov. 1997.

MARIANO, C. L. S. **Um estudo sobre os relacionamentos amorosos na adolescência**. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2001.

MEDRADO, B.; LYRA, J. Nos homens, a violência de gênero. In: BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **Programa de prevenção, assistência e combate à violência contra a mulher – Plano Nacional**. Brasília, DF, 2003.

MÉNDEZ, R. G.; HERNÁNDEZ, J. D. S. La violencia en parejas jóvenes. **Psicothema**, Oviedo, v. 13, n.1, p. 127-131, 2001.

MILLER, J.; WHITE, N. A. Gender and adolescent relationship violence: a contextual examination. **Criminology**, Columbus, v. 41, n. 4, p. 1207-1248, nov. 2003.

MINAYO, M.C.S. **Violência e Saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

MINAYO, M.C.S.; ASSIS, S.G.; NJAINE, K. (Org.). **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2011.

MOLIDOR, C.; TOLMAN, R. M. Gender and contextual factors in adolescent dating violence. **Violence against women**, Thousands Oaks, v. 4, n. 2, p. 180-194, apr. 1998.

MORAES, C.L.; HASSELMANN, M.H.; REICHENHEIM, M.E. Adaptação transcultural para o português do instrumento "Revised Conflict Tactics Scales (CTS2)" utilizado para identificar violência entre casais. **Cadernos de saúde pública**, Rio de Janeiro, v.18, n. 1, p.163-175, jan./feb. 2002.

NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. O modelo bioecológico do desenvolvimento humano. In: KOLLER, S. H. (Org.). **Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 51-65.

NASCIMENTO, F. S.; CORDEIRO, R. L. M. Violência no namoro para jovens moradores de Recife. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v.23, n.3, p. 516-525, sep./dec. 2011.

O'KEEFE, M. **Teen dating violence: a review of risk factors and prevention efforts**. Harrisburg, PA: VAWnet, a project of the National Resource Center on Domestic Violence: Pennsylvania Coalition Against Domestic Violence. 2005. Disponível em: <<http://www.vawnet.org/>>. Acesso em: 04 out. 2009.

O'KEEFE, M. Predictors of dating violence among high school students. **Journal of interpersonal violence**, New York, v.12, n.4, p.546-568, aug. 1997.

O'LEARY, K. et al. Prevalence and stability of physical aggression between spouses: a longitudinal analysis. **Journal of consulting and clinical psychology**, Washington, v. 57, n. 2, p. 263-268, apr. 1989.

O'LEARY, K. D.; SMITH SLEP, A. M. A dyadic longitudinal model of adolescent dating aggression. **Journal of clinical child & adolescent psychology**, London, v. 32, n. 3, p. 314-327, sep. 2003.

OLSHEN, E. et al. Dating violence, sexual assault, and suicide attempts among urban teenagers. **Archives of pediatrics & adolescent medicine**, Chicago, v.161, n. 6, p.539-545, jun. 2007.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração sobre a eliminação da violência contra as mulheres**. Resolução da Assembléia Geral 48/104 de 20 de dezembro de 1993. Disponível em: <<http://www2.ohchr.org/english/law/eliminationvaw.htm>>. Acesso em: 17 set. 2009.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Informe mundial sobre la violencia y salud**. Genebra, 2002. Disponível em: <<http://www.opas.org.br/cedoc/hpp/ml03/0329.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2009.

PERRY, A. R; FROMUTH, M. E. Courtship violence using couple data: characteristics and perceptions. **Journal of interpersonal violence**, New York, v.20, n.9, p.1078-1095, sep. 2005.

PFLIEGER, J. C.; VAZSONYI, A. T. Parenting processes and dating violence: the mediating role of self-esteem in low- and high-SES adolescents. **Journal of adolescence**, London, v.29, n. 4, p. 495-512, aug. 2006.

RAMISETTY-MIKLER, S. et al. Dating violence victimization: associated drinking and sexual risk behaviors of Asian, native hawaiian, and caucasian high school students in Hawaii. **The journal of school health**, Hoboken, v.76, n. 8, p. 423-429, oct. 2006.

REICHENHEIM, M. E. et al. The magnitude of intimate partner violence in Brazil: portraits from 15 capital cities and the Federal District. **Cadernos de saúde pública**, Rio de Janeiro, v.22, n.2, p. 425-437, fev. 2006.

REICHENHEIM, M. E. et al. Violence and injuries in Brazil: the effect, progress made, and challenges ahead. **The Lancet**, New York, v. 377, n. 9781, p. 1962-1975, jun. 2011.

REUTERMAN, N.; BURCKY, W. Dating violence in high school: a profile of the victims. **Psychology, a journal of human behavior**, Orangeburg, v. 26, n. 4, p.1-9, 1989.

RIGGS, D.; O'LEARY, K. Aggression between heterosexual dating partners. **Journal of interpersonal violence**, New York, v.11, n. 4, p. 519-540, dec. 1996.

RIGGS, D. S.; O'LEARY, K. D.; BRESLIN, F. C. Multiple correlates of physical aggression in dating couples. **Journal of interpersonal violence**, New York, v.5, n. 1, p. 61-73, mar. 1990.

RIVERA-RIVERA, L. et al. Prevalence and correlates of adolescent dating violence: Baseline study of a cohort of 7960 male and female Mexican public school students. **Preventive medicine**, New York, v.44, n. 6, p.477-484, mar. 2007.

ROBERTS, T.A.; AUINGER, P.; KLEIN, J.D. Intimate partner abuse and the reproductive health of sexually active female adolescents. **The journal of adolescent health**, New York, v.36, n. 5, p.380-385, may 2005.

ROSEN, K. H.; BARTLE-HARING, S.; STITH, S. M. Using bowen theory to enhance understanding of the intergenerational transmission of dating violence. **Journal of family issues**, Thousand Oaks, v. 22, n.2, p.124-142, jan. 2001.

ROSENBERG, M. **Society and the adolescent self-image**. Princeton: Princeton University, 1989.

- RUDOLPH, K. D. et al. Toward an interpersonal life-stress model of depression: the developmental context of stress generation. **Development and psychopathology**, New York, v.12, n. 2, p.215-234, 2000.
- SABINA, C.; STRAUS, M. A. Polyvictimization by Dating Partners and Mental Health Among U.S. College Students. **Violence and victims**, New York, v. 23, p.667-682, jan. 2008.
- SCHIFF, M.; ZEIRA, A. Dating violence and sexual risk behaviors in a sample of at-risk Israeli youth. **Child abuse & neglect**, Oxford, v.29, n. 11, p.1249-1263, nov. 2005.
- SCOTT, P. Gênero, família e comunidades: observações e aportes teóricos sobre o Programa de Saúde da Família. In: VILELA, W; MONTEIRO, S. (Org.). **Gênero e saúde: Programa Saúde da Família em questão**. Rio de Janeiro: ABRASCO. 2005. p. 75-99.
- SEARS, H.A.; BYERS, E. S.; PRICE, E. L. The co-occurrence of adolescent boys' and girls' use of psychologically, physically, and sexually abusive behaviours in their dating relationships. **Journal of adolescence**, London, v. 30, n. 3, p.487-504, jun. 2007.
- SHERER, P.; SHERER, M. Exploring reciprocity in dating violence among Jewish and Arab youths in Israel. **International journal of intercultural relations**, New Brunswick, v.32, n. 1, p.17-33, jan. 2008.
- SILVERMAN, J. G.; RAJ, A.; CLEMENTS, K. Dating violence and associated sexual risk and pregnancy among adolescent girls in the United States. **Pediatrics**, Elk Grove Village Il, v. 114, n. 2, p. 220-225, aug. 2004.
- SILVERMAN, J. G. et al. Dating violence against adolescent girls and associated substance use, unhealthy weight control, sexual risk behavior, pregnancy, and suicidality. **JAMA: the journal of the American Medical Association**, Chicago, v. 286, n.5, p. 572-579, aug.2001.
- SMITH, P. H.; WHITE, J. W.; HOLLAND, L. J. A longitudinal perspective on dating violence among adolescent and college-age women. **American journal of public health**, Washington, v.93, n. 7, p.1104-1109, jul. 2003.
- STRAUS, M. A. Dominance and symmetry in partner violence by male and female university students in 32 nations. **Children and youth services review**, Elmsford, v.30, n. 3, p.252-275, mar. 2008.
- STRAUS, M. A. Measuring intrafamily conflict and violence: the conflict tactics (CT) scales. **Journal of marriage and the family**, Malden, v.41, n. 1, p.75-88, feb. 1979.
- STRAUS, M.A. Prevalence of violence against dating partners by male and female university students worldwide. **Violence against women**, Thousand Oaks, v. 10, n. 7, p. 790-811, jul. 2004.
- STRAUS, M. A. The revised Conflict Tactics Scales (CTS2): development and preliminary psychometric data. **Journal of family issues**, Thousand Oaks, v.17, n. 3, p.283-316, may 1996.

- STRAUS, M. A.; DOUGLAS, E. M. A short form of the revised Conflict Tactics Scales, and typologies for severity and mutuality. **Violence and victims**, New York, v. 19, n. 5, p. 507-520, oct. 2004.
- STRAUS, M. A.; RAMIREZ, I. L. Gender symmetry in prevalence, severity, and chronicity of physical aggression against dating partners by university students in Mexico and USA. **Aggressive behavior**, New York, v.33, n. 4, p. 281-290, jul/aug. 2007.
- SWART, L.A. et al. Violence in adolescents' romantic relationships: findings from a survey amongst school-going youth in a South African community. **Journal of adolescence**, London, v.25, n. 5, p.385-395, aug. 2002.
- SZKLO, R.; NIETO, F. J. **Epidemiology, beyond the basics**. Sudbury, MA: Jones & Bartlett Publishers, 2000.
- WEISZ, A. N.; BLACK, B. M. Evaluating a sexual assault and dating violence prevention program for urban youths. **Social work research**, Washington, v.25, n.2, 89-101, jun. 2001.
- WEKERLE, C.; WOLFE, D. A. Dating violence in mid-adolescence: theory, significance, and emerging prevention initiatives. **Clinical psychology review**, Tarrytown, v.19, n.4, p.435-456, jun. 1999.
- WOLFE, D. A.; FEIRING, C. Dating violence through the lens of adolescent romantic relationships. **Child maltreatment**, Thousand Oaks, v.5, n.4, p. 360-363, nov. 2000.
- WOLFE, D. A. et al. Development and validation of the conflict in adolescent dating relationship inventory. **Psychological assessment**, Arlington, v.13, n.2, p.277-293, jun. 2001.

## ANEXO A

Ministério da Saúde  
 Fundação Oswaldo Cruz  
**Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca**  
**CLAVES – Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli**

ESTE CAMPO SÓ DEVE SER PREENCHIDO PELO CLAVES/FIOCRUZ

Aplicador: _____	Supervisor: _____	Digitador: _____	Revisor: _____
------------------	-------------------	------------------	----------------

### Estimado aluno e aluna,

Este questionário é sobre algumas experiências que os jovens passam na escola, na família, com os amigos e namorados e namoradas. Ele está sendo aplicado a estudantes de escolas públicas e particulares de dez capitais brasileiras.

As respostas que você irá fornecer servirão para conhecermos melhor as suas experiências de vida e a realidade de sua cidade.

O questionário é **anônimo, ou seja, não precisa colocar o seu nome**. Desta forma, você estará protegido e ninguém vai saber que pessoa respondeu cada questionário. Todos os questionários serão guardados pelos pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz, que fica no Rio de Janeiro, e ninguém da sua escola, da sua família ou da sua cidade terá acesso a eles. Ressaltamos que a sua participação é muito importante para a avaliação do relacionamento e das opiniões dos adolescentes no Brasil.

Também é importante lembrar que no questionário não existem respostas certas ou erradas, por isso a sua sinceridade é que vale na hora de responder. As perguntas são sempre individuais e dizem respeito apenas a você. Evite pedir ajuda ou fazer comentários com amigos ou colegas durante o questionário.

Leia com atenção cada pergunta e suas opções de resposta. **Não deixe de responder a nenhuma questão. Em cada questão, assinale apenas uma alternativa** que considerar a mais apropriada.

Por tratar de vários temas diferentes, este questionário possui um número extenso de perguntas. Procure respondê-las de forma breve, mas com atenção, para que todas possam ser respondidas.

Lembramos que você não é obrigado a participar da pesquisa e não será prejudicado por isso. No entanto, gostaríamos muito de contar com a sua colaboração. Caso não queira participar, por favor, deixe seu questionário em branco e **aguarde os colegas terminarem de responder**.

Agradecemos a sua participação!

*Por favor, informe:*

ESCOLA:	CIDADE:
TURMA:	DATA DE HOJE: __/__/____

**ESTE PRIMEIRO BLOCO DE PERGUNTAS QUE VOCÊ VAI RESPONDER BUSCA  
OBTER AS SUAS CARACTERÍSTICAS**

**1. QUAL É O SEU SEXO?**

1.  FEMININO                      2.  MASCULINO

**2. QUAL É A SUA IDADE?**     |  | ANOS

**3. QUAL A COR DA SUA PELE?**

1.  BRANCA                      2.  PRETA                      3.  PARDA                      4.  AMARELA/ÍNDIGENA

**4. VOCÊ PRÁTICA ALGUMA RELIGIÃO?**

1.  SIM. QUAL? \_\_\_\_\_ (ESCREVA POR EXTENSO)                      2.  NÃO

**5. QUAIS PESSOAS MORAM NA MESMA CASA QUE VOCÊ? (MARQUE CADA UMA DAS PERGUNTAS)**

5a. Pai	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
5b. Mãe	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
5c. Padrasto	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
5d. Madrasta	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
5e. Avós	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
5f. Irmãos	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
5g. Amigos/colegas	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
5h. Marido/esposa	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
5i. Moro sozinho	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
5j. Outros parentes	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO

**6. VOCÊ TEM IRMÃOS?**

1.  NÃO TENHO  
2.  SIM. TODOS SÃO FILHOS DO MEU PAI E DA MINHA MÃE.  
3.  SIM. TENHO IRMÃOS DE DIFERENTES CASAMENTOS DO MEU PAI OU DA MINHA MÃE.

**7. QUAL A ESCOLARIDADE DOS SEUS PAIS/RESPONSÁVEIS?**

<b>7a. Pai / Responsável</b>	1. <input type="checkbox"/> NÃO SABE LER E ESCREVER	6. <input type="checkbox"/> SUPERIOR INCOMPLETO
	2. <input type="checkbox"/> ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO	7. <input type="checkbox"/> SUPERIOR COMPLETO
	3. <input type="checkbox"/> ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO	8. <input type="checkbox"/> NÃO SEI
	4. <input type="checkbox"/> ENSINO MÉDIO INCOMPLETO	9. <input type="checkbox"/> NÃO TENHO PAI/RESPONSÁVEL
	5. <input type="checkbox"/> ENSINO MÉDIO COMPLETO.	
<b>7b. Mãe / Responsável</b>	1. <input type="checkbox"/> NÃO SABE LER E ESCREVER	6. <input type="checkbox"/> SUPERIOR INCOMPLETO
	2. <input type="checkbox"/> ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO	7. <input type="checkbox"/> SUPERIOR COMPLETO
	3. <input type="checkbox"/> ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO	8. <input type="checkbox"/> NÃO SEI
	4. <input type="checkbox"/> ENSINO MÉDIO INCOMPLETO	9. <input type="checkbox"/> NÃO TENHO PAI/RESPONSÁVEL
	5. <input type="checkbox"/> ENSINO MÉDIO COMPLETO.	

**8. QUANTOS DE CADA ITEM ABAIXO A SUA CASA POSSUI? (SE NÃO TIVER, ANOTAR 0)**

8a. ASPIRADOR DE PÓ	_____ (QUANTIDADE)
8b. AUTOMÓVEL	_____ (QUANTIDADE)
8c. BANHEIRO	_____ (QUANTIDADE)
8d. EMPREGADA DOMÉSTICA MENSALISTA OU DIARISTA	_____ (QUANTIDADE)
8e. GELADEIRA SEM FREEZER	_____ (QUANTIDADE)
8f. GELADEIRA DUPLEX OU FREEZER	_____ (QUANTIDADE)
8g. MÁQUINA DE LAVAR ROUPAS	_____ (QUANTIDADE)
8h. RÁDIO	_____ (QUANTIDADE)
8i. TELEVISÃO (CORES)	_____ (QUANTIDADE)
8j. VIDEO CASSETE/DVD	_____ (QUANTIDADE)

**9. VOCÊ TRABALHA ATUALMENTE?**

1.  SIM, RECEBENDO SALÁRIO/REMUNERAÇÃO  
 2.  SIM, MAS NÃO RECEBO SALÁRIO/REMUNERAÇÃO  
 3.  NÃO

**CADA PESSOA TEM UMA FORMA DIFERENTE DE PENSAR SOBRE SI MESMO E DE AGIR. AS QUESTÕES QUE SE SEGUEM ABORDAM OS ASPECTOS DA SUA RELAÇÃO COM VOCÊ MESMO, COM SEU CORPO, COM SEUS SENTIMENTOS, SUAS EXPERIÊNCIAS DE VIDA E SUAS EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO AO SEU FUTURO.**

**10. No conjunto, eu estou satisfeito comigo.**

1.  CONCORDO TOTALMENTE      2.  CONCORDO      3.  DISCORDO      4.  DISCORDO TOTALMENTE

**11. Às vezes, eu acho que não presto para nada.**

1.  CONCORDO TOTALMENTE      2.  CONCORDO      3.  DISCORDO      4.  DISCORDO TOTALMENTE

**12. Eu sinto que eu tenho várias boas qualidades**

1.  CONCORDO TOTALMENTE      2.  CONCORDO      3.  DISCORDO      4.  DISCORDO TOTALMENTE

**13. Eu sou capaz de fazer coisas tão bem quanto a maioria das pessoas.**

1.  CONCORDO TOTALMENTE      2.  CONCORDO      3.  DISCORDO      4.  DISCORDO TOTALMENTE

**14. Eu sinto que não tenho muito do que me orgulhar.**

1.  CONCORDO TOTALMENTE      2.  CONCORDO      3.  DISCORDO      4.  DISCORDO TOTALMENTE

**15. Eu, com certeza, me sinto inútil às vezes.**

1.  CONCORDO TOTALMENTE      2.  CONCORDO      3.  DISCORDO      4.  DISCORDO TOTALMENTE

**16. Eu sinto que sou uma pessoa de valor, pelo menos do mesmo nível que as outras pessoas.**

1.  CONCORDO TOTALMENTE      2.  CONCORDO      3.  DISCORDO      4.  DISCORDO TOTALMENTE

**17. Eu gostaria de poder ter mais respeito por mim mesmo.**

1.  CONCORDO TOTALMENTE      2.  CONCORDO      3.  DISCORDO      4.  DISCORDO TOTALMENTE

**18. No geral, eu estou inclinado a sentir que sou um fracasso.**

1.  CONCORDO TOTALMENTE      2.  CONCORDO      3.  DISCORDO      4.  DISCORDO TOTALMENTE

**19. Eu tenho uma atitude positiva com relação a mim mesmo.**

1.  CONCORDO TOTALMENTE      2.  CONCORDO      3.  DISCORDO      4.  DISCORDO TOTALMENTE

20. VOCÊ ACHA QUE VAI CONSEGUIR:

20a. Terminar os estudos	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> TALVEZ	3. <input type="checkbox"/> NÃO	4. <input type="checkbox"/> NÃO SEI RESPONDER
20b. Achar um emprego	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> TALVEZ	3. <input type="checkbox"/> NÃO	4. <input type="checkbox"/> NÃO SEI RESPONDER
20c. Progredir no trabalho	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> TALVEZ	3. <input type="checkbox"/> NÃO	4. <input type="checkbox"/> NÃO SEI RESPONDER

21. VOCÊ JÁ SE APAIXONOU POR ALGUÉM?

1.  SIM, NA MAIORIA DAS VEZES QUE ME APAIXONEI FUI CORRESPONDIDO (A)
2.  SIM, NA MAIORIA DAS VEZES QUE ME APAIXONEI NÃO FUI CORRESPONDIDO (A)
3.  NUNCA ME APAIXONEI.

22. COM QUANTOS PARENTES VOCÊ SE SENTE À VONTADE E PODE FALAR SOBRE QUASE TUDO? (SE FOR O CASO, INCLUA MARIDO/ESPOSA, COMPANHEIRO(A) OU FILHOS NESTA RESPOSTA)

1. \_\_\_ PARENTES (número de parentes)
2.  NENHUM

23. COM QUANTOS AMIGOS VOCÊ SE SENTE À VONTADE E PODE FALAR SOBRE QUASE TUDO? (**NÃO** INCLUA NESTA RESPOSTA MARIDO/ESPOSA, COMPANHEIRO(A) E OUTROS PARENTES)

1. \_\_\_ AMIGOS (número de amigos)
2.  NENHUM

24. NO ÚLTIMO ANO VOCÊ PARTICIPOU DE ATIVIDADES ESPORTIVAS EM GRUPO (FUTEBÓL, VÔLEI, BASQUETE E OUTROS) OU ATIVIDADES ARTÍSTICAS EM GRUPO? (GRUPO MUSICAL, CORAL, ARTES PLÁSTICAS E OUTRAS)

1.  SIM
2.  NÃO (VÁ PAR A QUESTÃO 25)

24A. SE SIM, COM QUE FREQUÊNCIA?

1.  MAIS DE UMA VEZ POR SEMANA
2.  1 VEZ POR SEMANA
3.  2 A 3 VEZES POR SEMANA
4.  ALGUMAS VEZES NO ANO
5.  UMA VEZ AO ANO

25. DE UM ANO PARA CÁ, VOCÊ:

25a. Tomou alguma bebida alcoólica até se embriagar ou sentir-se bêbado (ficou de "porre")?	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> NUNCA
25b. Usou maconha?	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> NUNCA
25c. Usou cocaína, "crack" ou "ecstasy"?	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> NUNCA
25d. Usou remédio para emagrecer	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> NUNCA
25e. Tranquilizante ou calmante	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> NUNCA
25f. Anabolizantes ("bomba" para ficar forte)	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> NUNCA

**AS QUESTÕES QUE SE SEGUEM ABORDAM A SUA RELAÇÃO COM OS SEUS AMIGOS E COLEGAS.**

26. VOCÊ TEM AMIGOS (DO SEXO MASCULINO)?

1.  MUITOS
2.  POUCOS
3.  NÃO TENHO

27. VOCÊ TEM AMIGAS (DO SEXO FEMININO)?

1.  MUITAS
2.  POUCAS
3.  NÃO TENHO

28. COMO É O SEU RELACIONAMENTO COM OS SEUS AMIGOS E COLEGAS?

1.  BOM
2.  REGULAR
3.  RUIM
4.  NÃO TENHO AMIGOS

29. VOCÊ DEFENDE SUAS IDÉIAS E OPINIÕES COM SEUS AMIGOS/COLEGAS?

1.  SEMPRE
2.  MUITAS VEZES
3.  POUCAS VEZES
4.  NUNCA
5.  NÃO TENHO AMIGOS



34e. Tomou parte de uma briga na qual um grupo de amigos seus lutou contra outro grupo.	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>
34f. Portou arma de fogo (revólver, outros)	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>
34g. Portou arma branca (faca, canivete, punhal)	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>
34h. Pegou algum objeto de alguém sem que essa pessoa soubesse.	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>
34i. Pegou algum objeto de alguém à força.	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>

### 35. NO ÚLTIMO ANO VOCÊ VIU (TESTEMUNHO) ALGUÉM...

35a. Puxando fumo/usando drogas	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
35b. Ser agredido fisicamente	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
35c. Vendendo/comprando drogas	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
35d. Sendo preso	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
35e. Ter a casa arrombada	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
35f. Ser roubado a mão armada	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
35g. Puxar uma arma para outro	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
35h. Levar um tiro	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
35i. Uma pessoa ser morta	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
35j. Viu o corpo de alguém assassinado	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
35k. Ser esfaqueado	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
35l. Ser seqüestrado	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO

### 36. COMO VOCÊ CONSIDERA ESSES ATOS?

36a. Namorada humilhar namorado	1. <input type="checkbox"/> MUITO GRAVE	2. <input type="checkbox"/> GRAVE	3. <input type="checkbox"/> NÃO É GRAVE
36b. Namorado humilhar namorada	1. <input type="checkbox"/> MUITO GRAVE	2. <input type="checkbox"/> GRAVE	3. <input type="checkbox"/> NÃO É GRAVE
36c. Namorada agredir namorado	1. <input type="checkbox"/> MUITO GRAVE	2. <input type="checkbox"/> GRAVE	3. <input type="checkbox"/> NÃO É GRAVE
36d. Namorado agredir namorada	1. <input type="checkbox"/> MUITO GRAVE	2. <input type="checkbox"/> GRAVE	3. <input type="checkbox"/> NÃO É GRAVE
36e. Pancadaria entre casais	1. <input type="checkbox"/> MUITO GRAVE	2. <input type="checkbox"/> GRAVE	3. <input type="checkbox"/> NÃO É GRAVE
36f. Agredir prostitutas	1. <input type="checkbox"/> MUITO GRAVE	2. <input type="checkbox"/> GRAVE	3. <input type="checkbox"/> NÃO É GRAVE
36g. Agredir homossexuais	1. <input type="checkbox"/> MUITO GRAVE	2. <input type="checkbox"/> GRAVE	3. <input type="checkbox"/> NÃO É GRAVE

### 37. NA SUA OPINIÃO:

37a. Um garoto tem direito de agredir outro que esteja dando em cima de sua namorada	1. <input type="checkbox"/> CONCORDO	2. <input type="checkbox"/> DISCORDO	3. <input type="checkbox"/> NÃO TENHO OPINIÃO SOBRE ISSO
37b. Uma garota tem direito de agredir outra que esteja dando em cima de seu namorado	1. <input type="checkbox"/> CONCORDO	2. <input type="checkbox"/> DISCORDO	3. <input type="checkbox"/> NÃO TENHO OPINIÃO SOBRE ISSO
37c. Se um garoto foi infiel a sua namorada, ele merece apanhar.	1. <input type="checkbox"/> CONCORDO	2. <input type="checkbox"/> DISCORDO	3. <input type="checkbox"/> NÃO TENHO OPINIÃO SOBRE ISSO
37d. Se uma garota foi infiel ao seu namorado, ela merece apanhar.	1. <input type="checkbox"/> CONCORDO	2. <input type="checkbox"/> DISCORDO	3. <input type="checkbox"/> NÃO TENHO OPINIÃO SOBRE ISSO

**AS PRÓXIMAS QUESTÕES FALAM SOBRE A SUA OPINIÃO E SUAS EXPERIÊNCIAS COM NAMORADOS, NAMORADAS OU PESSOAS COM QUEM TEM "FICADO".**

**38. MARQUE O ITEM QUE SE APLICA A VOCÊ:**

1.  Eu nunca fiquei nem namorei  
2.  Eu já comecei a "ficar"/ namorar e/ou tive um namorado(a).

**39. VOCÊ JÁ NAMOROU OU "FICOU" COM:**

1.  MENINAS 2.  MENINOS 3.  AMBOS (MENINOS E MENINAS) 4.  NUNCA NAMOREI OU "FIQUEI" COM NINGUÉM

**40. EM QUE IDADE VOCÊ COMEÇOU A "FICAR"?**

1. \_\_\_\_\_ ANOS 2.  NUNCA "FIQUEI" COM NINGUÉM

**41. COM QUANTAS PESSOAS VOCÊ JÁ "FICOU" ATÉ HOJE?**

1. \_\_\_\_\_ PESSOAS 2.  NUNCA "FIQUEI" COM NINGUÉM

**42. EM QUE IDADE VOCÊ COMEÇOU A TER NAMORADOS (AS)?**

1. \_\_\_\_\_ ANOS 2.  NUNCA NAMOREI NINGUÉM

**43. COM QUANTAS PESSOAS VOCÊ JÁ NAMOROU ATÉ HOJE?**

1. \_\_\_\_\_ PESSOAS 2.  NUNCA NAMOREI NINGUÉM

**44. DE UM ANO PARA CÃ, MARQUE OS TIPOS DE RELAÇÕES DE "FICAR" / NAMORAR QUE VOCÊ TEM OU TEVE. (MARQUE CADA UMA DAS PERGUNTAS)**

<b>44a.</b> SAIR EM GRUPOS DE AMIGOS PARA PAQUERAR OU AZARAR	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO	3. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
<b>44b.</b> "FICAR" COM UMA PESSOA SEM COMPROMISSO	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO	3. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
<b>44c.</b> "FICAR"/ NAMORAR COM PESSOAS DIFERENTES	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO	3. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
<b>44d.</b> "FICAR"/ NAMORAR COM UMA PESSOA EXCLUSIVAMENTE	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO	3. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
<b>44e.</b> NOIVADO OU CASAMENTO	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO	3. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI

**Pense em uma pessoa com quem você "fica" ou namora atualmente ou no mais recente ex-namorado/a. TODAS AS PRÓXIMAS QUESTÕES SERÃO SOBRE ESSA PESSOA.**

**45. INFORME EM QUE PESSOA VOCÊ ESTÁ PENSANDO AO RESPONDER AS PRÓXIMAS QUESTÕES:**

1.  EU ESTOU PENSANDO EM ALGUÉM QUE ESTOU NAMORANDO OU FICANDO ATUALMENTE.  
2.  EU ESTOU PENSANDO NA ÚLTIMA PESSOA COM QUEM NAMOREI OU FIQUEI.  
3.  EU ESTOU PENSANDO EM ALGUÉM DE QUEM ESTOU NOIVO OU COM QUEM SOU CASADO.  
4.  EU ESTOU PENSANDO EM ALGUÉM COM QUEM ESTIVE NOIVO OU CASADO.  
5.  NUNCA "FIQUEI" NEM NAMOREI.

**46. EM RELAÇÃO A ESSA PESSOA QUE VOCÊ ESCOLHEU, QUAL É A IDADE DELA?**

1. \_\_\_\_\_ ANOS 2.  NUNCA "FIQUEI" NEM NAMOREI

**47. EM RELAÇÃO A ESSA PESSOA QUE VOCÊ ESCOLHEU, QUANTO TEMPO DURA OU DUROU ESTE RELACIONAMENTO? (ESCOLHA APENAS UMA DAS OPÇÕES)**

1.  MENOS DE UMA SEMANA  
2.  ENTRE 1 SEMANA E 1 MÊS  
3.  ENTRE 1 MÊS E 6 MESES  
4.  6 MESES E 11 MESES  
5.  ENTRE 1 E 2 ANOS  
6.  3 ANOS A 7 ANOS  
7.  NUNCA "FIQUEI" NEM NAMOREI

**48. EM RELAÇÃO A ESSA PESSOA QUE VOCÊ ESCOLHEU, COM QUE FREQUÊNCIA VOCÊS COSTUMAM OU COSTUMAVAM BRIGAR?**

1.  SEMPRE
2.  MUITAS VEZES
3.  POUCAS VEZES
4.  NUNCA
5.  NUNCA "FIQUEI" NEM NAMOREI

**49. EM RELAÇÃO A ESSA PESSOA QUE VOCÊ ESCOLHEU, O QUE FAZ OU FAZIA VOCÊS BRIGAREM?**

1. \_\_\_\_\_
2.  NUNCA "FIQUEI" NEM NAMOREI.

**50. EM RELAÇÃO A ESSA PESSOA QUE VOCÊ ESCOLHEU, O QUANTO ELA É OU ERA IMPORTANTE PARA VOCÊ?**

1.  NÃO MUITO IMPORTANTE.
2.  UM POUCO IMPORTANTE.
3.  IMPORTANTE.
4.  MUITO IMPORTANTE
5.  NUNCA "FIQUEI" NEM NAMOREI

**51. EM RELAÇÃO A ESSA PESSOA QUE VOCÊ ESCOLHEU, INFORME:**

1.  SE ELA É UM EX-NAMORADO(A) OU UM(A) "EX-FICANTE", POR QUE VOCÊS TERMINARAM? \_\_\_\_\_
2.  AINDA ESTOU JUNTO COM ELE OU ELA
3.  NUNCA "FIQUEI" NEM NAMOREI

**52. A PRÓXIMA QUESTÃO PERGUNTA SOBRE COISAS QUE PODEM TER ACONTECIDO DURANTE UMA BRIGA ENTRE VOCÊ E A PESSOA COM QUEM "FICA" OU NAMORA. OBSERVE O QUADRO ABAIXO E RESPONDA AS PERGUNTAS 52aa A 52aib DE ACORDO COM O ITEM QUE MELHOR SE APROXIMA DE QUANTAS VEZES ESSAS SITUAÇÕES OCORRERAM ENTRE VOCÊ E A PESSOA COM QUEM "FICA" OU NAMORA ATUALMENTE OU NO ÚLTIMO ANO.**

NUNCA = NUNCA ACONTECEU NESSE RELACIONAMENTO  
 SEMPRE = ACONTECEU 6 VEZES OU MAIS NESSE RELACIONAMENTO  
 AS VEZES = ACONTECEU ENTRE 3 E 5 VEZES NESSE RELACIONAMENTO  
 RARAMENTE = ACONTECEU 1 OU 2 VEZES NESSE RELACIONAMENTO

52aa. Eu justifiquei os meus argumentos	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52ab. Ele/Ela justificou os seus argumentos	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52ba. Eu o/a toquei sexualmente quando ele/ela não queria	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52bb. Ele/Ela me tocou sexualmente quando eu não queria	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52ca. Eu tentei virar seus amigos contra ele/ela	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52cb. Ele/Ela tentou virar meus amigos contra mim	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52da. Eu fiz algo para provocar ciúmes nele/nela	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52db. Ele/Ela fez algo para me fazer ciúmes	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52ea. Eu destruí ou ameacei destruir algo de valor para ele/ela	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52eb. Ele/Ela destruiu ou ameaçou destruir algo de valor para mim	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI

(CONTINUAÇÃO)... A PRÓXIMA QUESTÃO PERGUNTA SOBRE COISAS QUE PODEM TER ACONTECIDO DURANTE UMA BRIGA ENTRE VOCÊ E A PESSOA COM QUEM "FICA" OU NAMORA. OBSERVE O QUADRO ABAIXO E RESPONDA AS PERGUNTAS 52aa a 52ab DE ACORDO COM O ITEM QUE MELHOR SE APROXIMA DE QUANTAS VEZES ESSAS SITUAÇÕES OCORRERAM ENTRE VOCÊ E A PESSOA COM QUEM "FICA" OU NAMORA ATUALMENTE OU NO ÚLTIMO ANO.

NUNCA = NUNCA ACONTECEU NESSE RELACIONAMENTO  
 SEMPRE = ACONTECEU 6 VEZES OU MAIS NESSE RELACIONAMENTO  
 AS VEZES = ACONTECEU ENTRE 3 E 5 VEZES NESSE RELACIONAMENTO  
 RARAMENTE = ACONTECEU 1 OU 2 VEZES NESSE RELACIONAMENTO

52fa.	Eu disse a ele/ela que eu tinha parte da culpa	1 <input type="checkbox"/> SEMPRE	2 <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3 <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4 <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52fb.	Ele/ Ela disse a mim que ele/ela tinha parte da culpa	1 <input type="checkbox"/> SEMPRE	2 <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3 <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4 <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52ga.	Eu mencionei algo de ruim que ele/ela fez no passado	1 <input type="checkbox"/> SEMPRE	2 <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3 <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4 <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52gb.	Ele/Ela mencionou algo de ruim que eu fiz no passado	1 <input type="checkbox"/> SEMPRE	2 <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3 <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4 <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52ha.	Eu joguei algo nele/ela	1 <input type="checkbox"/> SEMPRE	2 <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3 <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4 <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52hb.	Ele/Ela jogou algo em mim	1 <input type="checkbox"/> SEMPRE	2 <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3 <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4 <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52ia.	Eu disse coisas somente para deixá-lo (a) com raiva	1 <input type="checkbox"/> SEMPRE	2 <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3 <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4 <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52ib.	Ele/Ela disse coisas somente para me deixar com raiva	1 <input type="checkbox"/> SEMPRE	2 <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3 <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4 <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52ja.	Eu dei as razões pelas quais eu achava que ele/ela estava errado(a).	1 <input type="checkbox"/> SEMPRE	2 <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3 <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4 <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52jb.	Ele/Ela deu as razões pelas quais ele/ela achava que eu estava errada(o).	1 <input type="checkbox"/> SEMPRE	2 <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3 <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4 <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52ka.	Eu concordei que em parte ele/ela estava certo	1 <input type="checkbox"/> SEMPRE	2 <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3 <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4 <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52kb.	Ele/Ela concordou que em parte eu estava certa(o)	1 <input type="checkbox"/> SEMPRE	2 <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3 <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4 <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52la.	Eu falei com ele/ela em um tom de voz hostil ou maldoso	1 <input type="checkbox"/> SEMPRE	2 <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3 <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4 <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52lb.	Ele/Ela falou comigo em um tom de voz hostil ou maldoso	1 <input type="checkbox"/> SEMPRE	2 <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3 <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4 <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52ma.	Eu forcei ele(a) a fazer sexo quando ele/ela não queria	1 <input type="checkbox"/> SEMPRE	2 <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3 <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4 <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52mb.	Ele/ela me forçou a fazer sexo quando eu não queria	1 <input type="checkbox"/> SEMPRE	2 <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3 <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4 <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52na.	Eu propus uma solução que eu pensei que faria nós dois felizes	1 <input type="checkbox"/> SEMPRE	2 <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3 <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4 <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52nb.	Ele/Ela propôs uma solução que ele/ela pensou que faria nós dois felizes	1 <input type="checkbox"/> SEMPRE	2 <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3 <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4 <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52oa.	Eu ameacei ele/ela numa tentativa de fazer sexo com ele/ela	1 <input type="checkbox"/> SEMPRE	2 <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3 <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4 <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52ob.	Ele/Ela me ameaçou numa tentativa de fazer sexo comigo	1 <input type="checkbox"/> SEMPRE	2 <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3 <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4 <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52pa.	Eu parei de falar até que nós nos acalmássemos	1 <input type="checkbox"/> SEMPRE	2 <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3 <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4 <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52pb.	Ele/Ela parou de falar até que nós nos acalmássemos	1 <input type="checkbox"/> SEMPRE	2 <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3 <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4 <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI

(CONTINUAÇÃO)... A PRÓXIMA QUESTÃO PERGUNTA SOBRE COISAS QUE PODEM TER ACONTECIDO DURANTE UMA BRIGA ENTRE VOCE E A PESSOA COM QUEM "FICA" OU NAMORA. OBSERVE O QUADRO ABAIXO E RESPONDA AS PERGUNTAS 52aa a 52aab DE ACORDO COM O ITEM QUE MELHOR SE APROXIMA DE QUANTAS VEZES ESSAS SITUAÇÕES OCORRERAM ENTRE VOCÊ E A PESSOA COM QUEM "FICA" OU NAMORA ATUALMENTE OU NO ÚLTIMO ANO.

NUNCA = NUNCA ACONTECEU NESSE RELACIONAMENTO  
 SEMPRE = ACONTECEU 6 VEZES OU MAIS NESSE RELACIONAMENTO  
 AS VEZES = ACONTECEU ENTRE 3 E 5 VEZES NESSE RELACIONAMENTO  
 RARAMENTE = ACONTECEU 1 OU 2 VEZES NESSE RELACIONAMENTO

52qa. Eu insultei ele/ela com deprecições	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52qb. Ele/Ela me insultou com deprecições	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52ra. Eu discuti o assunto calmamente	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52rb. Ele/Ela discuti o assunto calmamente	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52sa. Eu beijei ele/ela quando ele/ela não queria	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52sb. Ele/Ela me beijou quando eu não queria que ele/ela o fizesse	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52ta. Eu disse coisas sobre ele/ela aos seus amigos, para virá-los contra ele/ela	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52tb. Ele/Ela disse coisas sobre mim aos meus amigos, para virá-los contra mim	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52ua. Eu ridicularizei ou caçoei ele/ela na frente dos outros	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52ub. Ele/Ela me ridicularizou ou me caçoou na frente dos outros	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52va. Eu disse a ele/ela o quanto eu estava aborrecida (o)	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52vb. Ele/Ela me disse o quanto ele/ela estava aborrecido (a)	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52wa. Eu vigiava com quem e onde ele/ela estava	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52wb. Ele/Ela vigiava com quem e onde eu estava	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52xa. Eu culpei ele/ela pelo problema	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52xb. Ele/Ela me culpou pelo problema	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52ya. Eu bati, chutei ou dei um soco nele(a)	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52yb. Ele/Ela me bateu, chutou ou deu um soco	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52za. Eu deixei o local para me acalmar	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52zb. Ele/Ela deixou o local para se acalmar	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52aaa. Eu cedi, só para evitar o conflito.	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52aab. Ele/Ela cedeu, só para evitar o conflito.	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI

(CONTINUAÇÃO)... À PRÓXIMA QUESTÃO PERGUNTA SOBRE COISAS QUE PODEM TER ACONTECIDO DURANTE UMA BRIGA ENTRE VOCÊ E A PESSOA COM QUEM "FICA" OU NAMORA. OBSERVE O QUADRO ABAIXO E RESPONDA AS PERGUNTAS 52aa a 52aib DE ACORDO COM O ITEM QUE MELHOR SE APROXIMA DE QUANTAS VEZES ESSAS SITUAÇÕES OCORRERAM ENTRE VOCÊ E A PESSOA COM QUEM "FICA" OU NAMORA ATUALMENTE OU NO ÚLTIMO ANO.

NUNCA = NUNCA ACONTECEU NESSE RELACIONAMENTO
SEMPRE = ACONTECEU 6 VEZES OU MAIS NESSE RELACIONAMENTO
AS VEZES = ACONTECEU ENTRE 3 E 5 VEZES NESSE RELACIONAMENTO
RARAMENTE = ACONTECEU 1 OU 2 VEZES NESSE RELACIONAMENTO

52aba. Eu acusei ele/ela de paquerar outra(o) garota(o)	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52abb. Ele/Ela me acusou de paquerar outro(a) garoto(a)	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52aca. Eu tentei amedrontar ele/ela de propósito	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52acb. Ele/Ela tentou me amedrontar de propósito	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52ada. Eu dei um tapa nele/nela ou puxei o cabelo dele(a).	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52adb. Ele/Ela me deu um tapa ou puxou o meu cabelo.	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52aea. Eu ameacei machucar ele/ela	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52aeb. Ele/Ela ameaçou me machucar	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52afa. Eu ameacei terminar o relacionamento	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52afb. Ele/Ela ameaçou terminar o relacionamento	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52aga. Eu ameacei bater nele(a) ou jogar alguma coisa nele(a)	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52agb. Ele/Ela ameaçou bater em mim ou jogar alguma coisa em mim	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52aha. Eu empurrei ou sacudi ele/ela	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52ahb. Ele/Ela me empurrou ou me sacudiu	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52aia. Eu espalhei boatos sobre ele/ela	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52aib. Ele/Ela espalhou boatos sobre mim	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI

**53. VOCÊ JA SOFREU AGRESSÃO DE OUTROS NAMORADOS(AS) OU PESSOA COM QUEM "FICOU" DURANTE A SUA VIDA, QUE NÃO SEJA AQUELA PESSOA QUE VOCÊ ESCOLHEU NA QUESTÃO 45?**

53a. AGRESSÃO verbal	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO	3. <input type="checkbox"/> NUNCA NAMOREI NEM FIQUEI
53b. AGRESSÃO física	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO	3. <input type="checkbox"/> NUNCA NAMOREI NEM FIQUEI
53c. AGRESSÃO sexual	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO	3. <input type="checkbox"/> NUNCA NAMOREI NEM FIQUEI

**54. Você já AGREDIU OUTROS namorados(as) ou pessoas com quem “ficou” durante a sua vida, que não seja aquela pessoa que você escolheu na questão 45?**

<b>54a. AGRESSÃO verbal</b>	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO	3. <input type="checkbox"/> NUNCA NAMOREI NEM FIQUEI
<b>54b. AGRESSÃO física</b>	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO	3. <input type="checkbox"/> NUNCA NAMOREI NEM FIQUEI
<b>54c. AGRESSÃO sexual</b>	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO	3. <input type="checkbox"/> NUNCA NAMOREI NEM FIQUEI

**55. VOCÊ JÁ PRECISOU PROCURAR AJUDA PROFISSIONAL POR CAUSA DE ALGUM TIPO DE VIOLÊNCIA CAUSADA POR PESSOAS COM QUEM VOCÊ NAMOROU OU FICOU?**

1.  SIM, DEVIDO A QUEIXAS/PROBLEMAS FÍSICOS.
2.  SIM, DEVIDO A QUEIXAS/PROBLEMAS EMOCIONAIS.
3.  SIM, AMBOS
4.  NÃO
5.  NUNCA FIQUEI/NEM NAMOREI

**56. QUE TIPO DE AJUDA VOCÊ PROCUROU?**

1.  PROFISSIONAIS DE SAÚDE
2.  PROFESSORES
3.  RELIGIOSOS
4.  AMIGOS
5.  FAMILIARES
6.  OUTROS      Quais? \_\_\_\_\_
7.  NÃO PROCUREI OU NUNCA FIQUEI/NEM NAMOREI

**57. COMO FOI A AJUDA QUE VOCÊ RECEBEU?**

1.  EXCELENTE
2.  BOA
3.  REGULAR
4.  RUIM
5.  NÃO PROCUREI/ NÃO RECEBI AJUDA

**58. QUEM VOCÊ ACHA MAIS INDICADO PARA AJUDAR O ADOLESCENTE E O JOVEM NESSAS SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA NO NAMORO/FICAR?**

1.  PROFISSIONAIS DE SAÚDE
2.  PROFESSORES
3.  RELIGIOSOS
4.  AMIGOS
5.  FAMILIARES
6.  OUTROS      Quais? \_\_\_\_\_

**59. ALGUMA VEZ NA SUA VIDA, VOCÊ JÁ FICOU TÃO TRISTE E SEM ESPERANÇA NO FUTURO, POR CAUSA DE UM RELACIONAMENTO AMOROSO, QUE CHEGOU A PENSAR SERIAMENTE EM SE MATAR?**

1.  SIM
2.  NÃO

**60. NO ÚLTIMO ANO, VOCÊ TEVE ALGUMA AULA/PALESTRA SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL EM SUA ESCOLA?**

1.  SIM
2.  NÃO (VÁ PARA A QUESTÃO 61)

**60A. CASO POSITIVO, DE QUANTO EM QUANTO TEMPO VOCÊ RECEBEU AULA SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL?**

1.  ALGUMAS VEZES POR SEMANA
2.  UMA VEZ POR SEMANA
3.  ALGUMAS VEZES POR MÊS
4.  UMA VEZ POR MÊS
5.  MENOS DE UMA VEZ POR MÊS

**60B. CASO POSITIVO, QUEM DEU A AULA SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL QUE VOCÊ RECEBEU? (MARQUE TODAS AS OPÇÕES QUE SE APLIQUE):**

1.  PROFESSOR DE CIÊNCIA/BIOLOGIA
2.  PROFESSOR DE ESTUDOS SOCIAIS
3.  PROFESSOR GERAL (DE OUTRA MATÉRIA)
3.  DIRETOR/A DA ESCOLA
5.  UMA PESSOA DE FORA/PROFESSOR CONVIDADO
6.  Outro: \_\_\_\_\_

**61. NO ÚLTIMO ANO, VOCÊ RECEBEU ALGUMA ORIENTAÇÃO SOBRE SEXUALIDADE FORA DA ESCOLA?**

1.  SIM. → 2.  NÃO (VÁ PARA A QUESTÃO 62)

**61A. CASO POSITIVO, ONDE OU DE QUEM VOCÊ RECEBEU ESTAS ORIENTAÇÕES SOBRE SEXUALIDADE?**

(marque todas as opções que se aplique):

1.  POSTO SAÚDE/CLÍNICA/HOSPITAL  
 2.  COMUNIDADE ( PROJETOS SOCIAIS, ASSOCIAÇÃO DE MORADORES, ETC.)  
 3.  IGREJA  
 4.  AMIGOS  
 5.  FAMÍLIA  
 6.  TELEVISÃO  
 7.  REVISTAS  
 8.  JORNAIS  
 9.  OUTROS: \_\_\_\_\_

**62. VOCÊ JÁ TRANSOU ALGUMA VEZ EM SUA VIDA?**

1.  SIM. IDADE DA 1ª VEZ \_\_\_\_\_ Com quantas pessoas? \_\_\_\_\_ 2.  NUNCA TRANSEI

**63. NO ÚLTIMO ANO, COM QUANTAS PESSOAS VOCÊ TRANSOU?**

1.  NENHUMA 2.  UMA PESSOA 3.  2 A 5 PESSOAS 4.  6 OU MAIS PESSOAS

**64. VOCÊ JÁ TRANSOU COM:**

1.  MENINAS/MULHERES 2.  MENINOS/HOMENS 3.  AMBOS 4.  NUNCA TRANSEI

**65. HOJE EM DIA, NAS SUAS RELAÇÕES VOCÊ TRANSA:**

1.  APENAS COM UM PARCEIRO OU PARCEIRA FIXO (A)  
 2.  COM PARCEIROS NÃO FIXOS  
 3.  COM UM PARCEIRO OU PARCEIRA FIXO (A) E COM PARCEIROS NÃO FIXOS  
 4.  NUNCA TRANSEI

**66. VOCÊ OU SEU PARCEIRO(A) ATUAL (OU ÚLTIMO EX-PARCEIRO/A) USAM CAMISINHA QUANDO TRANSAM?**

1.  SEMPRE 2.  MUITAS VEZES 3.  POUCAS VEZES 4.  NUNCA USAMOS CAMISINHA 5.  NUNCA TRANSEI

**67. VOCÊ JÁ TEVE ALGUMA DOENÇA SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEL (DOENÇAS TRANSMITIDAS NAS RELAÇÕES SEXUAIS)?**

1.  SIM. QUAL/QUAIS? \_\_\_\_\_ 2.  NÃO

**68. QUAIS CUIDADOS QUE VOCÊ TEM PARA NÃO PEGAR DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS?**

<b>68a.</b> Só uso camisinha quando transo com pessoas que não conheço bem	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO	3. <input type="checkbox"/> NUNCA TIVE RELAÇÃO SEXUAL
<b>68b.</b> Só transo usando ou se meu parceiro usar camisinha.	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO	3. <input type="checkbox"/> NUNCA TIVE RELAÇÃO SEXUAL
<b>68c.</b> Não me preocupo tanto porque não é tão fácil assim pegar doenças	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO	3. <input type="checkbox"/> NUNCA TIVE RELAÇÃO SEXUAL

**69. VOCÊ JÁ ENGRAVIDOU (SE VOCÊ FOR GAROTA) OU SUA NAMORADA JÁ ENGRAVIDOU DE VOCÊ (SE VOCÊ FOR GAROTO)?**

1.  SIM, 1 VEZ  
 2.  SIM, MAIS DE 1 VEZ  
 3.  NÃO  
 4.  NUNCA TRANSEI

**70. SE VOCÊ (OU SUA NAMORADA) JÁ ENGRAVIDOU, OPTOU PELO ABORTO?**

1.  SIM, UMA VEZ  
 2.  SIM, MAIS DE UMA VEZ  
 3.  NÃO  
 4.  NUNCA ENGRAVIDEI. NEM A PESSOA QUE NAMOREI/ "FIQUEI" FICOU GRÁVIDA DE MIM  
 5.  NUNCA TRANSEI

**71. VOCÊ TEM FILHOS?**1.  SIM. QUANTOS? \_\_\_\_\_ 2.  NÃO**72. VOCÊ DEFENDE SUAS IDÉIAS E OPINIÕES COM PESSOAS COM QUEM "FICA" OU NAMORA?**1.  SEMPRE 2.  MUITAS VEZES 3.  POUCAS VEZES 4.  NUNCA 5.  NUNCA FIQUEI/NAMOREI**73. NA SUA RELAÇÃO COM AS PESSOAS QUE "FICA" OU NAMORA VOCÊ AJUDA PARA QUE HAJA ENTRE VOCÊS DOIS:**

73a. Diálogo	1. <input type="checkbox"/> MUITO	2. <input type="checkbox"/> POUCO	3. <input type="checkbox"/> NADA	4. <input type="checkbox"/> NUNCA "FIQUEI" NEM NAMOREI
73b. Respeito	1. <input type="checkbox"/> MUITO	2. <input type="checkbox"/> POUCO	3. <input type="checkbox"/> NADA	4. <input type="checkbox"/> NUNCA "FIQUEI" NEM NAMOREI

**O ÚLTIMO BLOCO DE QUESTÕES ABORDA ASPECTOS DO SEU RELACIONAMENTO  
COM SUA FAMÍLIA.**

**74. COMO É O SEU RELACIONAMENTO COM AS PESSOAS DA SUA FAMÍLIA?**

74a. Pai/Responsável	1. <input type="checkbox"/> BOM	2. <input type="checkbox"/> REGULAR	3. <input type="checkbox"/> RUIM	4. <input type="checkbox"/> NÃO TENHO PAI/RESPONSÁVEL
74b. Mãe/Responsável	1. <input type="checkbox"/> BOM	2. <input type="checkbox"/> REGULAR	3. <input type="checkbox"/> RUIM	4. <input type="checkbox"/> NÃO TENHO MÃE/RESPONSÁVEL
74c. Irmãos	1. <input type="checkbox"/> BOM	2. <input type="checkbox"/> REGULAR	3. <input type="checkbox"/> RUIM	4. <input type="checkbox"/> NÃO TENHO IRMÃOS

**75. EM SUA FAMÍLIA, VOCÊ CONTRIBUI PARA QUE AS PESSOAS POSSAM TER ENTRE ELAS:**

75a. Diálogo	1. <input type="checkbox"/> MUITO	2. <input type="checkbox"/> POUCO	3. <input type="checkbox"/> NADA	4. <input type="checkbox"/> NÃO TENHO FAMÍLIA
75b. Respeito	1. <input type="checkbox"/> MUITO	2. <input type="checkbox"/> POUCO	3. <input type="checkbox"/> NADA	4. <input type="checkbox"/> NÃO TENHO FAMÍLIA

**76. VOCÊ E SEUS PAIS/RESPONSÁVEIS CONVERSAM ABERTAMENTE SOBRE:**

76a. Sexo	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO	3. <input type="checkbox"/> NÃO TENHO PAIS OU RESPONSÁVEIS
76b. Drogas	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO	3. <input type="checkbox"/> NÃO TENHO PAIS OU RESPONSÁVEIS
76c. Suas amizades	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO	3. <input type="checkbox"/> NÃO TENHO PAIS OU RESPONSÁVEIS
76d. Seus namoros	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO	3. <input type="checkbox"/> NÃO TENHO PAIS OU RESPONSÁVEIS

**77. QUANDO VOCÊ SAI DE CASA COM AMIGOS, GERALMENTE: (MARQUE APENAS UM ITEM)**

1.  SEUS PAIS/RESPONSÁVEIS DIZEM A VOCÊ A HORA DE VOLTAR PRA CASA
2.  VOCÊ VOLTA PRA CASA A HORA QUE QUISER
3.  VOCÊ E SEUS PAIS/RESPONSÁVEIS COMBINAM A HORA DE VOCÊ VOLTAR PRA CASA
4.  NUNCA SAIO SEM MEUS FAMILIARES
5.  NÃO TENHO PAIS OU RESPONSÁVEIS

**78. QUANDO VOCÊ SAI DE CASA, COM QUE FREQUÊNCIA SEUS PAIS OU RESPONSÁVEIS SABEM AONDE VOCÊ VAI E COM QUEM VOCÊ ESTÁ?**1.  SEMPRE 2.  MUITAS VEZES 3.  POUCAS VEZES 4.  NUNCA 5.  NÃO TENHO PAIS OU RESPONSÁVEIS

*As próximas questões abordam agressões que às vezes sofremos e sobre a forma como as pessoas que moram ou convivem com você resolvem os desentendimentos do dia a dia. Em qualquer ambiente, tem horas em que as pessoas discordam, ficam irritadas ou brigam por estarem de mau-humor, cansadas ou por qualquer outra razão.*

**79. OS IRMÃOS QUASE SEMPRE BRIGAM E DISCUTEM NO DIA-A-DIA. VOCÊ E SEUS IRMÃOS BRIGAM MUITO ENTRE SI...**

79a. À ponto de se machucarem?	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> NUNCA	4. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVO COM IRMÃOS
79b. Xingando um ao outro?	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> NUNCA	4. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVO COM IRMÃOS
79c. Humilhando um ao outro?	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> NUNCA	4. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVO COM IRMÃOS

80. NOS ÚLTIMOS 12 MESES, NOS MOMENTOS DE DISCUSSÕES E BRIGAS ENTRE VOCÊ E SUA MÃE/RESPONSÁVEL DO SEXO FEMININO, COMO ELA REAGIU?

80a. Discutiu o problema calmamente com você

1.  MUITAS VEZES 2.  ALGUMAS VEZES 3.  JÁ MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO 4.  NUNCA 5.  NÃO CONVIVI COM ELA

80b. Procurou conseguir informações para conhecer melhor o modo de você pensar

1.  MUITAS VEZES 2.  ALGUMAS VEZES 3.  JÁ MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO 4.  NUNCA 5.  NÃO CONVIVI COM ELA

80c. Trouxe, ou tentou trazer alguém para ajudar a acalmar as coisas

1.  MUITAS VEZES 2.  ALGUMAS VEZES 3.  JÁ MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO 4.  NUNCA 5.  NÃO CONVIVI COM ELA

80d. Xingou ou insultou você

1.  MUITAS VEZES 2.  ALGUMAS VEZES 3.  JÁ MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO 4.  NUNCA 5.  NÃO CONVIVI COM ELA

80e. Ficou emburrada. Não falou mais do assunto

1.  MUITAS VEZES 2.  ALGUMAS VEZES 3.  JÁ MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO 4.  NUNCA 5.  NÃO CONVIVI COM ELA

80f. Retirou-se do quarto, da casa ou da área.

1.  MUITAS VEZES 2.  ALGUMAS VEZES 3.  JÁ MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO 4.  NUNCA 5.  NÃO CONVIVI COM ELA

80g. Chorou.

1.  MUITAS VEZES 2.  ALGUMAS VEZES 3.  JÁ MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO 4.  NUNCA 5.  NÃO CONVIVI COM ELA

80h. Fez ou disse coisas só para irritar.

1.  MUITAS VEZES 2.  ALGUMAS VEZES 3.  JÁ MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO 4.  NUNCA 5.  NÃO CONVIVI COM ELA

80i. Ameaçou bater ou jogar coisas em você

1.  MUITAS VEZES 2.  ALGUMAS VEZES 3.  JÁ MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO 4.  NUNCA 5.  NÃO CONVIVI COM ELA

80j. Destruíu, bateu, jogou ou chutou objetos.

1.  MUITAS VEZES 2.  ALGUMAS VEZES 3.  JÁ MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO 4.  NUNCA 5.  NÃO CONVIVI COM ELA

80k. Jogou coisas sobre você.

1.  MUITAS VEZES 2.  ALGUMAS VEZES 3.  JÁ MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO 4.  NUNCA 5.  NÃO CONVIVI COM ELA

80l. Empurrou ou agarrou você

1.  MUITAS VEZES 2.  ALGUMAS VEZES 3.  JÁ MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO 4.  NUNCA 5.  NÃO CONVIVI COM ELA

80m. Deu tapa ou bofetada em você

1.  MUITAS VEZES 2.  ALGUMAS VEZES 3.  JÁ MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO 4.  NUNCA 5.  NÃO CONVIVI COM ELA

80n. Chutou, mordeu ou deu murro em você.

1.  MUITAS VEZES 2.  ALGUMAS VEZES 3.  JÁ MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO 4.  NUNCA 5.  NÃO CONVIVI COM ELA

80o. Bateu ou tentou bater em você com objetos.

1.  MUITAS VEZES 2.  ALGUMAS VEZES 3.  JÁ MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO 4.  NUNCA 5.  NÃO CONVIVI COM ELA

80p. Espancou você.

1.  MUITAS VEZES 2.  ALGUMAS VEZES 3.  JÁ MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO 4.  NUNCA 5.  NÃO CONVIVI COM ELA

80q. Queimou, estrangulou ou sufocou você.

1.  MUITAS VEZES 2.  ALGUMAS VEZES 3.  JÁ MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO 4.  NUNCA 5.  NÃO CONVIVI COM ELA

80r. Ameaçou você com faca ou arma.

1.  MUITAS VEZES 2.  ALGUMAS VEZES 3.  JÁ MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO 4.  NUNCA 5.  NÃO CONVIVI COM ELA

80s. Usou faca ou arma contra você.

1.  MUITAS VEZES 2.  ALGUMAS VEZES 3.  JÁ MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO 4.  NUNCA 5.  NÃO CONVIVI COM ELA

81. NOS ÚLTIMOS 12 MESES, NOS MOMENTOS DE DISCUSSÃO E BRIGAS ENTRE VOCÊ E SEU PAI/RESPONSÁVEL DO SEXO MASCULINO, COMO ELE REAGIU?

81a. Discutiu o problema calmamente com você

1.  MUITAS VEZES 2.  ALGUMAS VEZES 3.  JÁ MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO 4.  NUNCA 5.  NÃO CONVIVI COM ELE

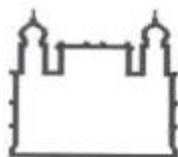
81b. Procurou conseguir informações para conhecer melhor o modo de você pensar:

1.  MUITAS VEZES 2.  ALGUMAS VEZES 3.  JÁ MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO 4.  NUNCA 5.  NÃO CONVIVI COM ELE





## ANEXO B



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz  
Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca  
Comitê de Ética em Pesquisa



Rio de Janeiro, 11 de março de 2008.

O Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca – CEP/ENSP, constituído nos Termos da Resolução CNS nº 196/96 e, devidamente registrado na Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP, recebeu, analisou e emitiu parecer sobre a documentação referente ao Protocolo de Pesquisa, conforme abaixo, discriminado:

**PROCOLO DE PESQUISA CEP/ENSP - Nº 07/08**  
**CAAE: 0011.0.031.000-08**

**Título do projeto:** “Violência entre namorados adolescentes. Um estudo em dez capitais brasileiras”

**Classificação no Fluxograma:** Grupo III

**Pesquisadora Responsável:** Maria Cecília de Souza Minayo

**Instituição onde se realizará:** Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca - ENSP/FIOCRUZ

**Tipo do projeto:** Projeto Individual

**Data de recebimento no CEP:** 19 / 02 / 2008

**Data de apreciação:** 10 / 03 / 2008

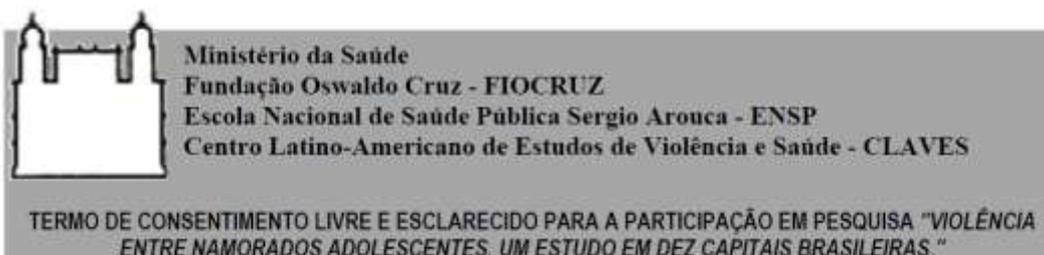
**Parecer do CEP/ENSP:** Aprovado. (Ad. Referendum)

Ressaltamos que a pesquisadora responsável por este Protocolo de Pesquisa deverá apresentar a este Comitê de Ética um relatório das atividades desenvolvidas no período de 12 meses a contar da data de sua aprovação (*item VII.13.d., da resolução CNS/MS Nº 196/96*) de acordo com o modelo disponível na página do CEP/ENSP na internet.

Esclarecemos, que o CEP/ENSP deverá ser informado de quaisquer fatos relevantes (incluindo mudanças de método) que alterem o curso normal do estudo, devendo a pesquisadora justificar caso o mesmo venha a ser interrompido.

  
**PROF. SERGIO REGO**  
Coordenador do Comitê de  
Ética em Pesquisa  
CEP/ENSP

## ANEXO C



Prezado(a) diretor(a)

O Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli, da Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz (CLAVES/ENSP/FIOCRUZ), pretende desenvolver uma pesquisa sobre as "VIOLÊNCIA ENTRE NAMORADOS ADOLESCENTES. UM ESTUDO EM DEZ CAPITAIS BRASILEIRAS" sob a coordenação da Dr<sup>a</sup> Maria Cecília de Souza Minayo, da Dr<sup>a</sup> Simone Gonçalves de Assis e da Dr<sup>a</sup> Kathie Njaine.

Este estudo objetiva investigar como os adolescentes de 15 a 19 anos, de ambos os sexos, vivenciam situações de violência que podem ocorrer nas experiências de namoro (dentre elas o "ficar").

Para tanto, pedimos sua permissão para convidarmos os alunos da 2ª série do ensino médio (segundo segmento) deste estabelecimento, para participar da pesquisa. As questões que serão abordadas versam sobre relacionamento familiar, namoro, amizade, uso de substâncias, de apoio social e de violência. Por isso pedimos sua permissão para a aplicação de questionários, de aproximadamente uma hora de preenchimento, e para a realização de entrevistas. Solicitamos também autorização para gravação das entrevistas para que possamos ser fiéis aos relatos dos estudantes. As fitas serão transcritas no Claves, no Rio de Janeiro, e posteriormente destruídas.

Garantimos que será mantida a CONFIDENCIALIDADE das informações e o ANONIMATO de todos que participarem da pesquisa.

A PARTICIPAÇÃO do aluno(a) é VOLUNTÁRIA, o que significa que ele(a) terá o direito de decidir se quer ou não participar, bem como de desistir de fazê-lo a qualquer momento.

Não há riscos quanto a participação do aluno(a) e o benefício será o fornecimento de informações para o debate sobre a questão das relações afetivo-sexuais entre os jovens.

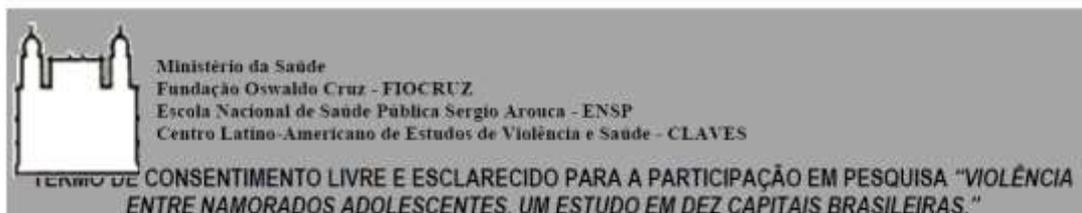
Em caso de qualquer dúvida, você poderá entrar em contato com a coordenadoras do projeto no CLAVES, situado na Avenida Brasil, 4036, sala 700 – Manguinhos – Rio de Janeiro, ou pelo telefone/fax (0xx) (21) 2290-4893, no horário de 9 às 17 horas ; e com o Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Nacional de Saúde Pública- CEP / ENSP na Rua Leopoldo Bulhões, 1.480 - Sala 314, Manguinhos - Rio de Janeiro - RJ / CEP. 21041-210. Tel e Fax - (21) 2598-2863 no horário de 14:00 às 17:00.

CEP/ENSP-[cep@ensp.fiocruz.br](mailto:cep@ensp.fiocruz.br)  
 Dr<sup>a</sup> Maria Cecília de Souza - [cecilia@claves.fiocruz.br](mailto:cecilia@claves.fiocruz.br)  
 Dr<sup>a</sup> Simone Gonçalves de Assis - [simone@claves.fiocruz.br](mailto:simone@claves.fiocruz.br)  
 Dra. Kathie Njaine - [kathie@claves.fiocruz.br](mailto:kathie@claves.fiocruz.br)

Eu \_\_\_\_\_, declaro estar esclarecido(a) sobre os termos apresentados e concordo em participar da pesquisa.

\_\_\_\_\_  
 (rubrica ou assinatura)

## ANEXO D



Prezado(a) aluno(a),

O Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli, da Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz (CLAVES/ENSP/FIOCRUZ), convida você, aluno(a) da 2ª série do ensino médio (segundo segmento) deste estabelecimento a participar da pesquisa "VIOLÊNCIA ENTRE NAMORADOS ADOLESCENTES. UM ESTUDO EM DEZ CAPITAIS BRASILEIRAS.", sob a coordenação da Drª Maria Cecília de Souza Minayo, da Drª Simone Gonçalves de Assis e da Drª Kathie Njaine.

Este estudo pretende investigar como os adolescentes de 15 a 19 anos, de ambos os sexos, vivenciam situações de violência que podem ocorrer nas experiências de namoro (dentre elas o "ficar").

Você está convidado(a) a preencher um questionário que aborda temas sobre relacionamento familiar, namoro, amizade, uso de substâncias, apoio social e violência, cujo preenchimento levará aproximadamente uma hora. Alguns alunos serão convidados a participar de uma entrevista que discutirá estas questões mais detidamente e pedimos sua permissão para gravá-la para que possamos ser fiéis ao seu relato. As fitas serão transcritas no Claves, no Rio de Janeiro, e posteriormente destruídas.

Garantimos que será mantida a CONFIDENCIALIDADE das informações e o ANONIMATO de todos que participarem das entrevistas.

SUA PARTICIPAÇÃO É VOLUNTÁRIA, o que significa que você terá o direito de decidir se quer ou não participar, bem como de desistir de fazê-lo a qualquer momento. Contudo, ressaltamos a importância de sua contribuição para a pesquisa.

Não há riscos quanto a sua participação e o benefício será o fornecimento de informações para o debate sobre a questão das relações afetivo-sexuais entre os jovens.

Em caso de qualquer dúvida, você poderá entrar em contato com a coordenadoras do projeto no CLAVES, situado na Avenida Brasil, 4036, sala 700 – Manguinhos – Rio de Janeiro, ou pelo telefone/fax (0xx) (21) 2290-4893, no horário de 9 às 17 horas ; e com o Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Nacional de Saúde Pública- CEP / ENSP na Rua Leopoldo Bulhões, 1.480 - Sala 314, Manguinhos - Rio de Janeiro - RJ / CEP. 21041-210. Tel e Fax - (21) 2598-2863 no horário de 14:00 às 17:00.

CEP/ENSP - [cep@ensp.fiocruz.br](mailto:cep@ensp.fiocruz.br)  
Drª Maria Cecília de Souza Minayo – [cecilia@claves.fiocruz.br](mailto:cecilia@claves.fiocruz.br)  
Drª Simone Gonçalves de Assis - [simone@claves.fiocruz.br](mailto:simone@claves.fiocruz.br)  
Dra. Kathie Njaine - [kathie@claves.fiocruz.br](mailto:kathie@claves.fiocruz.br)

Eu \_\_\_\_\_, declaro estar esclarecido(a) sobre os termos apresentados e concordo em participar da pesquisa.

\_\_\_\_\_  
(rubrica ou assinatura)

## ANEXO E

mail.yahoo.com/nc/welcome?g=1&tm=1335191971&rand=5&7&2&g11#\_pg=showMessage&id=88&id=7&size%2520namo&dot&f&eBy=8&und=355576511&endInde: ☆

pt - Deseja traduzi-la? Traduzir Não Opções

Restou 1 Rec. | Rec. do Mensageiro

Deletar Responder Avançar Spam Mover

**Novo artigo (CSP\_0537/12)** Thursday, 12 April, 2012 14:07  
 From: "Cadernos de Saúde Pública" <cadernos@ensp.fiocruz.br>  
 To: alicekelly@yahoo.com

Prezado(a) Dr(a). ALICE KELLY BARRERA

Confirmamos a submissão do seu artigo "Violência crônica e fatores associados no namoro de adolescentes do Recife, Brasil." (CSP\_0537/12) para Cadernos de Saúde Pública. Agora será possível acompanhar o progresso de seu manuscrito dentro do processo editorial, bastando clicar no link "Sistema de Avaliação e Gerenciamento de Artigos", localizado em nossa página <http://www.ensp.fiocruz.br/csp>

Em caso de dúvidas, envie suas questões através do nosso sistema, utilizando sempre o ID do manuscrito informado acima. Agradecemos por considerar nossa revista para a submissão de seu trabalho.

Atenciosamente,

Prof. Carlos E.A. Coimbra Jr.  
 Prof. Mario Viana Vettore  
 Editores

**Cadernos de Saúde Pública / Reports in Public Health**  
 Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca  
 Fundação Oswaldo Cruz  
 Rua Leopoldo Bulhões 1480  
 Rio de Janeiro, RJ 21041-210, Brasil  
 Tel.: +55 (21) 2598-2511, 2508 / Fax: +55 (21) 2598-2737  
 cadernos@ensp.fiocruz.br  
<http://www.ensp.fiocruz.br/csp>

This message has been scanned for viruses and dangerous content by MailScanner, and is believed to be clean.

Deletar Responder Avançar Spam Mover

pt CSP\_05...

## ANEXO F

